



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE PSICOLOGIA ESCOLAR**



Profa. Dra. LUCIANNA RIBEIRO DE LIMA

TRAJETÓRIAS EM CONSTRUÇÃO

**MEMORIAL PARA PROMOÇÃO À CLASSE DE
PROFESSOR TITULAR**

Uberlândia

2020

LUCIANNA RIBEIRO DE LIMA

TRAJETÓRIAS EM CONSTRUÇÃO

Memorial apresentado à Comissão Especial designada pelo Conselho Pedagógico Administrativo da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, para avaliar o pedido de promoção a Professor Titular da Carreira do Magistério Federal do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

Uberlândia

2020

BANCA EXAMINADORA

Membros Titulares:

Prof. Titular Ednaldo Gonçalves Coutinho - IFTM/Campus Uberlândia

Profa. Dra. Ângela Pereira da Silva Oliveira - IFTM/Campus Uberlândia

Profa. Dra. Luciana Soares Muniz – ESEBA/UFU

Dedico este memorial:

Aos meus pais (*in memoriam*), que se fizeram presentes de diferentes maneiras em minha vida.

À minha mãe, Irene, “Ná”, por sempre me incentivar aos estudos.

À minha filha, Carolina, que me convida a sonhar.

Ao meu marido Gustavo, pelo amor, apoio e companheirismo em todas as trajetórias.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais (*in memoriam*), que sempre estiveram vivos dentro de mim.

À minha mãe Irene que, mesmo contrária à escolha que fiz pela educação, sempre me incentivou e se orgulhou de minhas conquistas.

Aos meus irmãos que me ensinaram o verdadeiro significado do que é família.

Ao meu marido Gustavo que me apoiou ao longo de minha trajetória antes e após o ingresso na Eseba, inclusive dando suporte técnico à minha apresentação na aula Didática do Concurso, fato marcante e inesquecível.

À minha filha Carolina que completa seus dez anos de vida e me ensinou uma versão única de amor.

À Liliane dos Guimarães Alvim Nunes, parceira de lutas e conquistas que esteve ao meu lado desde 2006, o que fortaleceu nossa amizade dentro e fora da Eseba, com quem certamente estarei em muitos projetos no futuro.

Aos parceiros e amigos da área de Psicologia Escolar e Educação Especial que participaram da construção das trajetórias na Eseba, em especial Liliane, Juliene, Klênio, Lavine, Cláudia, Priscila, Janine, Gabriela, Joice, Denise Bortoletto, Denise Rocha, Diego, Flávia, Camila, Patrícia, Maria Izabel, Carolina e Alexandra.

Às professoras do Instituto de Psicologia da UFU, participantes de minha história e da Área de Psicologia Escolar da Eseba: Silvia Maria, Maria José (Zezé), Paula Cristina e Viviane Buiatti.

A todos os colegas, professores de todas as áreas de conhecimento, em cada momento vivido na escola - efetivos, substitutos, aposentados – e aos técnicos que trouxeram importantes contribuições e com quem tive a oportunidade de criar laços de amizade.

Às crianças e adolescentes da Eseba e aos familiares, com quem aprendi a importância da diversidade.

Aos alunos, familiares e colegas do Projeto Integrar no período de 2006 a 2010, que me ensinaram o valor e a potência da relação entre família e escola.

Aos diretores e assessores que estiveram à frente da Eseba em tarefa tão complexa e às próximas gestões, para que continuemos em parceria.

Ao diretor Hudson Lima e à professora Maria Lúcia Silva por me apoiarem nos anos iniciais de atuação na Eseba, pela acolhida e amizade.

À querida diretora Elizabet Rezende, por sua postura profissional, e ao mesmo tempo de extrema sensibilidade, pelo acolhimento às angústias e apoio incondicional aos dilemas da Área de Psicologia Escolar e Educação Especial.

Às professoras Marta Regina, Gláucia Abdala, Lúcia Helena e Fátima Naves pelo apoio durante a fase inicial na Eseba e pelos projetos realizados após as aposentadorias.

À professora Luciana Muniz, pela parceria e amizade que tem trazido tantos frutos!

À professora Vaneide Dornellas, por irradiar alegria em nossa amizade.

À professora Beloní Cacique, pela confiança, por ser tão aberta a compartilhar seus projetos e criações.

À professora Analúcia de Moraes, por sua autenticidade e amizade dentro e fora da Eseba.

Aos estagiários que estiveram ao meu lado nos projetos da área, sem os quais não seria possível realizar todas as ações, em especial Talita, Andressa, Mariah e Eloanne.

RESUMO

O presente memorial foi elaborado para compor o processo de avaliação de desempenho acadêmico para acesso à classe Titular da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU), conforme diretrizes gerais e critérios estabelecidos pela Lei 12.772, de 2012, Resolução 03/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia (CONDIR/UFU) e Portaria do Ministério da Educação n.982, de outubro de 2013. Neste relato, apresento um breve percurso de minha história pessoal e profissional até meu ingresso como docente de psicologia escolar na Escola de Educação Básica/UFU e, desde então, relato as principais atividades realizadas em aproximadamente quinze anos nos âmbitos do ensino, da pesquisa, extensão, gestão e representatividade na referida instituição. Discorro, ainda, sobre a história de estruturação da Área de Psicologia Escolar na Eseba e as trajetórias trilhadas em meio a desafios e conquistas no período de 2005 a 2019.

Palavras-chave: Memorial; Carreira EBTT; Psicologia Escolar; Docência; Educação Básica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. Trajetórias e especificidades de ser docente de psicologia escolar na Eseba /UFU ..	15
2. O caminho trilhado: de 2005 a 2009	24
2.1. Projeto da Área de Psicologia Escolar/ Psicopedagogia – SEAPPS - 2007.....	29
2.2. Organização dos espaços pedagógicos na Eseba/UFU: reuniões institucionais	35
2.3. Trajetórias no Ensino	37
2.4. Trajetórias na Extensão	44
2.4.1. Projeto Integrar: estreitando as relações família-escola	44
2.4.2. Projeto Incluir: estratégias de intervenção psicoeducacional com alunos com necessidades educacionais especiais	48
2.4.3. Projeto de formação continuada de professores numa perspectiva inclusiva.	51
2.5. Trajetórias na Pesquisa	51
2.5.1. Pesquisa sobre (in) disciplina	52
2.5.2. Quem são os alunos de inclusão?– O olhar de professores da rede pública	54
3. Da gestação ao parto: trajetórias de 2010 a 2015.....	56
4. Novos desafios: trajetórias de 2015 a 2019	66
4.1. Atividades no Ensino	70
4.1.1. Acompanhamento Psicoeducacional	70
4.1.2. Oficinas Psicoeducacionais	83
4.1.3. Projeto PBG/PROGRAD/DIREN/UFU	87
4.2. Atividades de Pesquisa	88
4.3. Atividades de Extensão	92
4.4. Outras atividades	93
5. O que as Resoluções revelam?	96
6. Considerações Finais	102
7. Referências	104

INTRODUÇÃO

Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida. Não desistir da luta. Recomeçar na derrota. Renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos. Ser otimista. (...)
(Cora Coralina, 1997)

Início este tópico com um trecho de um poema de Cora Coralina que me inspirou ao longo de toda a vida. Minha história pessoal é marcada por importantes períodos de luta pela sobrevivência. Não me refiro a aspectos concretos, pois sempre tive boas condições materiais que me possibilitaram uma vida equilibrada, típica das camadas médias da população, sem grandes restrições.

A luta a que me refiro é simbólica. Em setembro de 1975, aos três anos de idade, perdi meus pais em um acidente automobilístico e fui criada por minha tia materna Irene Ribeiro de Lima que, solteira, aos trinta e dois anos de idade e sem tempo para o “pré-natal”, passou a ser minha mãe e de meus três irmãos¹. Uma mulher forte, determinada, lutadora e a quem não tenho palavras para agradecer pelo amor incondicional a nós dedicado. Muitos familiares estiveram presentes para nos apoiar, mas foi ela quem assumiu o compromisso afetivo, moral e judicial de nos acompanhar ao longo da vida.

Embora eu me considere privilegiada por ter sido acolhida e crescer no seio de uma família marcada pela dor e unida pelo amor, internamente, a luta para me tornar “alguém na vida” instalou-se desde muito cedo. Esse senso de responsabilidade por ser grata à vida e fazer jus aos ensinamentos deixados como exemplo por meus pais e pelo papel assumido por minha mãe Irene em nossas vidas foi internalizado de forma peculiar por mim e por todos os meus irmãos, inclusive pela minha irmã mais nova², que nasceu em 1988 (filha biológica de minha mãe Irene).

Comecei meus estudos aos três anos de idade e, desde então, apaixonei-me por escola. Estudei durante todo o Ensino Fundamental no Colégio Nossa Senhora das Dores, escola católica tradicional em Uberlândia, MG, onde aprendi conhecimentos científicos e, principalmente, o valor das relações de amizade e da boa convivência com os professores. Sempre fui uma aluna estudiosa, responsável pelos meus atos, dedicada, interessada em pesquisa e amante da Língua Portuguesa.

¹ Em ordem cronológica, do mais velho para o mais novo, meus irmãos: Cláudio Eugênio Ribeiro de Lima, Anamaria Ribeiro de Lima e Carvalho, José Eduardo Ribeiro de Lima.

² Minha irmã de todo o coração: Anna Elisa Ribeiro de Lima e Daher.

Desde cedo percebi a importância da escrita como ato de comunicação social. Certo dia, minha mãe Irene apresentou-me um conjunto de cartas pessoais trocadas por meus pais (*in memoriam*) quando ainda eram namorados e moravam em cidades diferentes. Por meio da leitura dessas cartas, pude conhecê-los em sua intimidade, aproximei-me de suas realidades subjetivas e entendi o verdadeiro valor dos registros pessoais como documentos reveladores de histórias de vida.

Ao me deparar com a beleza de cada carta, que trouxe voz aos meus ouvidos, também pude me encantar com a linguagem escrita e com a riqueza do vocabulário utilizado. Instalou-se em mim o desejo de aprender a escrever, de conseguir expressar os aspectos mais profundos guardados em meu interior, enfim, o desejo de “herdar” de meus pais essa habilidade tão marcante e definidora de nosso encontro metafísico, se assim posso dizer.

Confesso que esses parágrafos introdutórios foram inseridos após boa parte de meu texto estar redigido. Afinal, muitos anos já se passaram desde 1975 e o objetivo deste Memorial é apresentar o relato de minha trajetória profissional, sobretudo do período de aproximadamente quinze anos de atuação como docente na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU).

No entanto, diante da questão norteadora que se aproxima da proposta de Passeggi (2008) “que fatos marcaram minha vida pessoal e profissional?” optei por essa narrativa inicial que elucida uma característica marcante de minha personalidade, a de lutar por aquilo que acredito ser o melhor caminho a trilhar. Inspirada em Larrosa (2002), busco na complexidade do encontro entre experiência e identidade, ressignificar minhas trajetórias e apresentá-las, ainda que parcialmente, nesse Memorial composto por narrativas de fatos do passado, resgatados pela memória do presente.

A escrita se deu ora em primeira pessoa do singular, ora em primeira pessoa do plural, com a clareza de que a singularidade de cada experiência vivida está expressa nos relatos ao longo do texto. Afinal, tenho plena convicção de que o *Eu* só se constitui a partir do encontro com o *Outro*, nas relações sociais permeadas pela inserção histórica em uma dada cultura (VIGOTSKI, 2004). Portanto, convido os leitores a acompanharem minhas *trajetórias em construção*.

Meu interesse pela área de Psicologia Escolar e Educacional surgiu antes mesmo de meu ingresso na universidade. Durante o Ensino Médio, recordo-me de me aproximar de um professor de biologia, médico geneticista, Prof. Dr. Luis Roberto da Silva, que acompanhava crianças com deficiência, com Síndrome de Down, Autismo e outros quadros de anomalias

congênitas. Este professor dava palestras sobre estes temas, das quais eu já participava como ouvinte. Nós sempre dialogávamos a respeito e ele me convidava a assistir suas palestras.

Nessa direção, minha escolha pelo Curso de Psicologia se deu de forma amadurecida, embora eu também me interessasse muito pelo estudo de Língua Portuguesa, motivo pelo qual o Curso de Letras seria uma segunda opção. Fui aprovada no primeiro vestibular e ingressei no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 1990, aos dezessete anos de idade. Durante a graduação (1990-1994), tive contato com diferentes disciplinas curriculares, mas meu maior interesse foi pelas disciplinas e estágios voltados à Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento, Orientação Vocacional e Psicologia do Excepcional.

Posso dizer que minha formação inicial se deu predominantemente em uma perspectiva tradicional de psicologia, cujo currículo priorizava a Área Clínica, área pela qual não tinha afinidade, devido aos meus interesses pela Área de Psicologia Escolar e Educacional. Nos anos iniciais da década de 1990, embora os avanços nas produções científicas apontassem para a necessidade de mudanças nos currículos de formação do psicólogo, na prática esta mudança ocorreu mais tarde, não por poucos esforços dos professores, mas em virtude do processo histórico de transformação que não ocorre na mesma velocidade em que se dá a produção acadêmica.

Ao longo dos cinco anos em que cursei psicologia na UFU, tive a oportunidade de vivenciar minha primeira experiência profissional. O curso acontecia em período integral e, no período da noite, ingressei na função de monitora de redação orientando estudantes do Ensino Médio, na mesma escola onde eu havia estudado. Após seis meses nessa função, fui convidada a atuar como professora de Língua Portuguesa e Redação em cursos “supletivos compactos de ensino fundamental”, mesmo sem ter a formação específica para o exercício da docência nessa área.

Mais um desafio se apresentava para mim e, em virtude de minha paixão e afinidade pela área, associada à onipotência e desejo de independência tão presentes na juventude, não hesitei em aceitar o convite e me debruçar frente aos estudos autodidatas em Gramática da Língua Portuguesa. Permaneci com bastante êxito nessa função no período noturno, enquanto continuava a graduação no período integral. No primeiro semestre de 1994, optei por me desligar da atividade de professora das disciplinas de Língua Portuguesa e Redação e dedicar-me por inteiro ao término dos estágios e disciplinas do Curso de Psicologia, que ocorreu em dezembro do mesmo ano. Logo após a conclusão do curso, no início de 1995 mudei de Uberlândia para Belo Horizonte, MG.

De posse do título de psicóloga, no período de 1995 a 2005, fiz um percurso valioso de investimento pessoal e profissional em busca de uma Psicologia da Educação que à época ainda não se fazia claramente presente para mim. Nessa busca por maior fundamentação teórica que pudesse me auxiliar no trabalho com crianças com dificuldades de aprendizagem e crianças com deficiência, em 1995 ingressei em um Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia, no CEPENMG/UEMG, em Belo Horizonte, cidade em que passei a residir entre os anos de 1995 a 2001. A especialização trouxe-me novos conhecimentos, ampliou-me oportunidades profissionais e realizei o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O processo de aquisição da leitura na criança”, cujo referencial teórico que embasou a pesquisa é utilizado até os dias atuais, por estudiosos da área de ensino-aprendizagem da leitura.

Minha primeira experiência profissional como psicóloga foi na Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Belo Horizonte (APAE/BH), onde acompanhava crianças com necessidades educacionais especiais e seus familiares, compunha uma equipe multidisciplinar em que realizávamos inúmeros estudos de caso e colaborava no processo de ensino-aprendizagem, por meio de atendimentos individuais e em grupo, além do trabalho em parceria com professores da instituição. Ao longo desse período, vivenciei a angústia de trabalhar em prol do processo de inclusão de crianças e adolescentes, a maioria com deficiência intelectual e outras com “supostas deficiências”. Reavaliei alunos matriculados na APAE/BH e constatei que muitos deles não tinham qualquer tipo de deficiência que justificasse a permanência em escola especial.

Nesse período, participei de um árduo e rico movimento de integração desses alunos, indo às escolas públicas municipais e estaduais de BH para defender a inserção de alunos da educação especial na rede regular de ensino. Fui membro do Conselho Municipal da Pessoa Portadora de Deficiência de BH, representando as pessoas com deficiência intelectual, momento ímpar de minha vida onde tive a oportunidade de estar lado a lado com profissionais brilhantes, pessoas com os mais diversos tipos de deficiência. Enfim, durante 1995 e 1999 trabalhei como psicóloga na APAE/BH, sendo esta experiência profissional de riqueza infindável, já que tive contato com uma diversidade de pessoas e realidades de vida muito distantes do que até então conhecia, no auge dos meus 25 anos de idade.

Em 1997, tendo concluído a Especialização em Psicopedagogia, fui aprovada em processo seletivo para docente no Curso de Pedagogia da UEMG/ BH. Ministrei as disciplinas Psicologia da Educação, Métodos e Técnicas de Pesquisa Pedagógica, Técnicas de Exame e Aconselhamento, Orientação Vocacional e Análise Crítica da Prática Pedagógica. À época, sobretudo quando propunha atividades de estágio, orientando alunos do curso de Pedagogia

(UEMG/BH) em relação aos desafios de ser educador, deparei-me com indagações de minhas alunas, que atuavam como professoras da Educação Básica, sobre as reais possibilidades de aplicar conhecimentos teóricos da psicologia à sala de aula.

Nesse percurso, senti-me extremamente motivada a compreender o que as/os professoras/es vivenciavam em suas aulas com as crianças e de que forma eu, psicóloga e professora orientadora no Ensino Superior, poderia contribuir com a formação do professor da Educação Básica, por meio dos conhecimentos da Psicologia. Para isso, mais uma vez, busquei ampliar minha experiência profissional matriculando-me no Curso de Habilitação em Magistério de 1º grau no Centro de Formação de Professores Balão Vermelho, escola considerada referência em educação de qualidade na cidade de Belo Horizonte. Vale lembrar que, nesse momento, eu já atuava como psicóloga, havia concluído minha primeira Especialização Lato Sensu em Psicopedagogia e atuava também como docente de Ensino Superior da UEMG, além de ser convidada a ministrar disciplinas no Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Psicopedagogia no CEPENMG/UEMG, que acontecia aos fins de semana.

Muitas pessoas me questionavam o porquê de eu estar cursando o Magistério, uma vez que eu já tinha concluído até mesmo a especialização e me tornado psicóloga/psicopedagoga. A razão era muito evidente para mim, pois eu sentia necessidade de complementar minha formação de psicóloga com conhecimentos advindos da Pedagogia e outras áreas da Educação, além de possibilitar meu acesso futuro à sala de aula como docente da Educação Básica, o que me traria mais conhecimentos teórico-práticos e fundamentos para as disciplinas que eu ministrava no Ensino Superior.

Concluí o Magistério em 1999, optei por me desligar da APAE/BH no 2º semestre desse mesmo ano e iniciei minha dupla atuação como docente da Educação Básica e do Ensino Superior no ano de 2000. Assumi duas turmas de 4º ano do Ensino Fundamental, ministrando as disciplinas de Língua Portuguesa e Geo-História, na Escola da Serra em BH, turno vespertino, e continuei como docente do Curso de Pedagogia da UEMG/BH, nos turnos da manhã e à noite. Foi um período de grande crescimento, em que pude ampliar minha formação e também contribuir com a formação de meus/minhas alunos/as, tanto crianças, como adultos.

Por motivos de necessidade particular retornei para Uberlândia no início do ano de 2001 e estava em busca de novos desafios profissionais, era momento de recomeçar. Foi um período bastante difícil para mim no âmbito de minha vida particular, pois eu já estava totalmente adaptada à vida em Belo Horizonte e precisava me apoiar em objetivos de médio e longo prazo para dar continuidade à minha trajetória profissional.

Foi a partir da necessidade de permanecer em Uberlândia e de retomar meus propósitos de vida pessoal e profissional que optei por investir em minha formação acadêmica e prestei o processo de seleção para o Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da UFU. Interessei-me por investigar a história da disciplina Psicologia da Educação e as possíveis contribuições para a formação de professores, uma vez que essa indagação me acompanhava desde a época em que passei a ministrar essa disciplina para os alunos de Pedagogia da UEMG/BH. Com esse projeto inicial, ingressei no Mestrado da Faculdade de Educação da UFU (2002 -2004) e defendi minha dissertação intitulada “Psicologia da Educação no Curso de Psicologia da UFU: retrospectiva histórica da disciplina” (Lima, 2004), tendo sido orientada pelo Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido, do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (IFILO/UFU), a quem agradeço imensamente.

Durante o período de 2001 a 2003, trabalhei como psicóloga escolar em uma escola particular de Uberlândia, em carga horária de 20 horas semanais, visto que as outras 20 horas estavam destinadas às atividades do mestrado. Esta experiência trouxe-me a convicção de que atuar como psicóloga em escolas particulares restringia a autonomia profissional, tendo em vista as imposições advindas de interesses mercadológicos, em contraposição às reais necessidades educacionais identificadas. Por tais razões, optei por me desligar da referida instituição e buscar espaços de trabalho que possibilitassem o exercício da autonomia almejada.

De 2003 a 2005, fui aprovada em processo seletivo e passei a trabalhar como docente do Ensino Superior no Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), MG. Nesse período, ministrei dez disciplinas diferentes para sete cursos de graduação, nas áreas de saúde e educação. Viajava semanalmente para Patos de Minas e lá permanecia por três dias na semana. Nos dois dias restantes, retornava à Uberlândia onde realizava atendimentos em consultório como psicóloga/psicopedagoga clínica de crianças com dificuldades na escolarização e atraso no desenvolvimento, época em que também finalizei o Mestrado na FAGED/UFU (2004).

De um salto da docência no Ensino Superior para a atuação como docente de psicologia escolar na Educação Básica, em 05 de agosto de 2005, ingressei oficialmente como a primeira docente efetiva da Área de Psicologia Educacional e/ou Psicopedagogia da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU)³, aprovada em

³ A Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU) é um dos dezessete colégios de aplicação das universidades federais brasileiras. Oferece os níveis de ensino: Educação Infantil,

concurso público⁴. Vale esclarecer que, historicamente, a escola já contava com a presença e participação de psicólogos que ingressaram na instituição como docentes efetivos originalmente de outras áreas de conhecimento da escola, cedidos para atuarem no Serviço de Orientação Educacional (SOE) e, posteriormente, no Setor de Apoio ao Processo Educacional (SEAPE)⁵, que exerceu função importante ao longo de toda sua existência na instituição.

Para maior compreensão desse percurso histórico, faz-se necessário situar o contexto político-educacional à época dos acontecimentos e esclarecer as funções que cabem ao docente de psicologia escolar nessa instituição. A seção seguinte tratará dessa temática.

Ensino Fundamental (até 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos. Atualmente possui uma média de 800 alunos, cujo ingresso é feito através de sorteio público. Conta atualmente com um quadro de 84 docentes efetivos, 07 docentes substitutos e 18 técnicos-administrativos, além de profissionais terceirizados.

⁴ Edital nº 4 de 11 de abril de 2005 para Concurso Público para o cargo de Professor da Carreira do Magistério de 1º e 2º graus, para a Área de Psicologia Escolar e/ou Psicopedagogia, lotado na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.

⁵ Anteriormente denominado Serviço de Orientação Educacional (SOE).

1 Trajetórias e especificidades de ser docente de psicologia escolar na Eseba /UFU

Em meados da década de 1980 e durante toda a década 1990, as discussões sobre as práticas educativas que em décadas anteriores foram moldadas pela ditadura militar, alcançaram o ápice e exigiam novos posicionamentos de todos os atores envolvidos com o fazer pedagógico. Na Eseba/UFU, esperava-se do Serviço de Orientação Educacional (SOE) um trabalho ampliado no sentido de atuar junto a alunos, professores e famílias e não mais algo circunscrito no campo discente.

Com o crescimento da escola⁶ e com a abertura de suas portas para a comunidade externa (1988) - não mais como escola benefício que atendia unicamente a filhos de funcionários da universidade -, fazendo jus ao princípio de escola democrática e de qualidade, a demanda interna aumentou. Dessa forma, a instituição se deparou com a necessidade de contar com outros profissionais que não apenas o orientador educacional, sendo o assistente social e o psicólogo os novos parceiros do orientador educacional no SOE. O nome do setor foi alterado de SOE para SEAPE - Setor de Apoio ao Processo Educacional, nos primeiros anos da década de 1990.

O referido SEAPE passou a ser composto por assistente social, orientadores educacionais (pedagogos), psicólogos e docentes de outras áreas de conhecimento, muitos deles com especialização em psicopedagogia. Desenvolveu, ao longo de décadas, um trabalho reconhecido pela escola como qualitativamente favorável ao processo pedagógico da instituição e de suporte ao corpo docente, discente e administrativo.

Devido a questões político-administrativas, o SEAPE foi extinto na escola nos primeiros anos de 2000 e à época de sua dissolução era composto por uma orientadora educacional (pedagoga) e quatro psicólogas. O então SEAPE deu lugar ao Setor de Apoio Psicopedagógico e Social (SEAPPS), cuja composição inicial passou a ser de três psicólogos com cargos de professores substitutos e uma assistente social.

⁶ A Escola originou-se em 1977, com a denominação de Escola Pré-Fundamental Nossa Casinha e atendia a filhos dos servidores da UFU, crianças de dois a seis anos de idade. Em 1983, o Conselho Universitário da UFU aprovou, por meio da Resolução 01/1983, a atual denominação: Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia. Em 1988, a Escola de Educação Básica da UFU deixou de ser uma escola benefício para se tornar uma escola pública, cujo ingresso passou a ser via sorteio público, considerada pelo Ministério da Educação como Colégio de Aplicação. Para mais informações, acesse: <http://www.eseba.ufu.br/eseba>

Alguns dos profissionais que compunham o extinto SEAPE retornaram para suas funções docentes nas áreas de conhecimento de seus concursos originais, outros assumiram nova disciplina criada no currículo⁷.

No ano de 2005, com a destinação de 3 vagas de docente para a Eseba/UFU, o Conselho Pedagógico e Administrativo (CPA) da escola decidiu que uma das vagas de docente destinadas à Eseba/UFU seria para compor a “Área de Psicologia Escolar e/ou Psicopedagogia”, cujo/a candidato/a poderia ter “Graduação em Psicologia ou Licenciatura Plena com créditos de mestrado concluídos ou especialização em Psicopedagogia Clínica ou Institucional” (Edital n. 4 de 11 de abril de 2005).

Considero relevante destacar que o referido Concurso Público para docente da Área de Psicologia Escolar e/ou Psicopedagogia se configura como um marco político educacional que atestou a necessidade dessa instituição contar com o psicólogo escolar em sua equipe (Lima, 2015), no quadro de docentes efetivos da Eseba/UFU, o que até então ocorria por concessões de outras áreas de conhecimento da escola.

Ao me deparar com o Edital n. 4 de 11 de abril de 2005, considerei praticamente impossível ser aprovada em um concurso com apenas uma vaga. No entanto, tive a plena convicção de que aquele cargo atendia inteiramente à minha condição pessoal e profissional, pelo meu desejo de ter um espaço de implementação de práticas em psicologia à educação e pelo fato de que minha formação atendia a todas as exigências requeridas pelo Concurso: graduação em psicologia, licenciatura plena, especialização em psicopedagogia clínica e institucional e mestrado em educação. Enfim, internamente tive a certeza de que havia chegado o meu momento de ingressar na Eseba/UFU, instituição esta que eu não conhecia pessoalmente, mesmo tendo sido aluna da UFU.

Fui aprovada no Concurso Público da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, como a primeira docente efetiva da Área de Psicologia Educacional e/ou Psicopedagogia, em regime de 40 h/DE lotada no Setor de Apoio Psicopedagógico e Social (SEAPPS/Eseba/UFU)⁸. À época de meu ingresso, obviamente, eu não tinha

⁷ A disciplina Filosofia foi inserida no currículo da escola e passou a ser ministrada por três psicólogas com especialização em Filosofia com crianças.

⁸ Para melhor compreensão do leitor, esclareço a diferença entre a Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia e o SEAPPS. A Área de Psicologia Escolar se configura como área de conhecimento da Escola de Educação Básica e reúne os docentes cujo Concurso Público se destinou à seleção de candidatos para atuar nessa área específica, na Escola de Educação Básica. O SEAPPS, Setor de Apoio Psicopedagógico e Social, foi criado na gestão do Prof. Dr. Hudson Rodrigues Lima e era o local institucional onde os docentes de psicologia escolar/psicopedagogia, juntamente com a assistente social e, posteriormente, uma pedagoga com cargo de Técnica em Assuntos Educacionais desenvolviam seus trabalhos. Alguns anos depois, a pedagoga passou a exercer funções auxiliares à gestão escolar e a assistente social assumiu o Setor de Serviço de Social. O

conhecimento de todo o histórico anteriormente relatado, o que só foi possível resgatar ao longo dos anos por meio de diálogos com diferentes atores da instituição⁹. Portanto, eu sequer imaginava o teor das discussões travadas internamente na Eseba até a definição coletiva da destinação da vaga que eu havia ocupado.

A primeira impressão que tive ao entrar na Eseba pela primeira vez foi a de que eu estava sendo muito aguardada pela escola. Fui muito bem recebida, apresentada à instituição e aos meus novos colegas das várias áreas de conhecimento. Naquele momento, atuavam no SEAPPS duas professoras substitutas com formação em psicologia e uma assistente social, com cargo técnico, minhas novas parceiras de trabalho e de sala.

Por meio do histórico apresentado na seção introdutória desse texto foi possível constatar que me tornei docente e psicóloga muito antes de ter ingressado na Eseba/UFU e sei o quanto o meu olhar para os processos de ensino-aprendizagem tornou-se mais claro e amplo, ao mesmo tempo mais próximo dos sujeitos que os vivenciam, exatamente por haver a congruência entre essas duas experiências profissionais. Nesse sentido, considero extremamente relevante ao psicólogo que exerce sua função dentro de uma escola, conhecer a realidade escolar, para tentar se aproximar ao máximo do que alunos, professores, familiares, gestores e outros profissionais vivem e sentem nesse contexto tão múltiplo.

Apesar das experiências anteriores como docente, psicóloga clínica e escolar terem me proporcionado uma rica bagagem de conhecimento, eu não tinha clareza da magnitude do cargo por mim assumido, tampouco das peculiaridades de um Colégio de Aplicação. Ao longo do primeiro ano de atuação, procurei resgatar informalmente a história do trabalho desenvolvido pelos colegas psicólogos antes de meu ingresso à escola (no SEAPE e no SEAPPS), bem como realizar ações pertinentes à identificação de demandas da instituição, sem perder de vista a perspectiva crítica de atuação que considero essencial ao lugar ocupado pelo docente/psicólogo escolar no exercício de suas funções.

Com o passar do tempo, à medida que passei a participar das discussões que evidenciavam o caráter político-educacional dos Colégios de Aplicação (CAPs) e ao me debruçar sobre produções científicas que apontavam para a urgência de se viabilizar práticas inovadoras em psicologia escolar¹⁰, uma avalanche de questionamentos passou a compor o

SEAPPS, desde então, permaneceu com docentes de psicologia escolar/psicopedagogia e posteriormente passou a se chamar Área de Psicologia Escolar.

⁹ As informações referentes ao período anterior ao meu ingresso à Eseba/UFU foram resgatadas por meio de relatos de profissionais que atuavam no antigo SEAPE, especialmente as Prof^{as}. Dra. Marta Regina Alves Pereira e Prof^a Ms. Gláucia Abdala Diniz, hoje aposentadas, que se tornaram grandes amigas e parceiras de trabalho.

¹⁰ Refiro-me aos trabalhos de Maria Helena Souza Patto (PATTO, 1984; 1990), Marilene Proença R. de Souza (SOUZA, 1991; 1996; 2007), Marisa Eugênia Melilo Meira (MEIRA, 2000; 2003), Elenita R. Tanamachi

conjunto de inquietações que me levaram a buscar parceiros com os quais eu pudesse compartilhar angústias, ideais e expectativas de um trabalho que se apresentava em (re) construção.

Cada vez mais, ampliava-se a convicção de que eu assumira um compromisso político educacional, de um fazer psicológico que deveria necessariamente articular o cargo/função docente por mim assumido na Eseba/UFU a práticas emergentes em Psicologia Escolar e Educacional. Martínez (2010), ao discutir as possibilidades de atuação do psicólogo no contexto escolar, aponta que formas tradicionalmente características das ações do psicólogo escolar coexistem e se articulam com formas emergentes de atuação.

Sabe-se que a década de 1980 desencadeou dentro da própria Área de Psicologia um movimento de revisão de concepções, denúncias e rupturas com práticas tradicionais em psicologia escolar. Sustentadas em uma compreensão clínica e individualizada dos fenômenos educacionais, as práticas tradicionais que predominavam nesse período eram: avaliação psicológica baseada em testes psicométricos, ou seja, instrumentos de medida de inteligência e de prontidão para a aprendizagem; e atendimentos clínicos individuais em gabinetes dentro da escola. Uma das principais representantes desse movimento de rupturas foi Maria Helena de Souza Patto, autora em quem me baseio para fundamentar minha argumentação.

Patto (2010) afirma que o psicólogo escolar, em uma perspectiva crítica de atuação, deve partir de uma leitura mais ampla dos fenômenos que incidem no cotidiano escolar para que possa:

Superar uma visão ingênua e ideologicamente comprometida da escola como instituição social neutra e repensar seu papel; atentar criticamente para o fenômeno da pobreza em suas consequências sobre o desenvolvimento humano e a maneira como tem sido encarada e trabalhada nas escolas; entrar em contato com determinantes escolares das dificuldades de aprendizagem e de ajustamento escolar, indo além dos tradicionalmente situados no aluno. (p. 8)

Uma concepção adaptacionista da atuação do psicólogo escolar se apoia na ideia de que esse profissional tem a função de eliminar comportamentos indesejados dos alunos, substituindo-os por condutas tidas como “normais” no sentido de uma adaptação do aluno à escola. Nessa perspectiva, o psicólogo escolar é visto como “resolvedor de problemas” e muitas vezes cumpre a função de “apagar incêndio” na escola.

Práticas emergentes em psicologia escolar referem-se à dimensão psicossocial da instituição, a saber: ao trabalho com a equipe de direção pedagógica da escola; análise e

intervenção institucional; implementação de políticas públicas; realização de pesquisas voltadas ao contexto escolar e ao processo educativo; compreensão da subjetividade individual, dos sistemas de relações e subjetividade social relacionados aos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos; participação na construção do projeto político pedagógico da escola, realização de oficinas, entre outras (MARTÍNEZ, 2010).

No entanto, é preciso ter cuidado para não classificar práticas mais tradicionais como negativas ou ruins e práticas mais emergentes como positivas. Muitas vezes é preciso que o psicólogo escolar recorra a algumas atividades consideradas tradicionais, como a avaliação psicoeducacional, ou mesmo atendimentos e orientações a alunos, familiares e professores, e também realize atividades consideradas emergentes, para que alcance uma análise mais ampliada da queixa escolar apresentada.

Nessa direção, destaco que práticas tradicionais trazem importantes contribuições quando articuladas às práticas emergentes, desde que a atuação do profissional se sustente em uma concepção crítica de educação e de psicologia, que rompa com estratégias de adequação dos indivíduos a determinados comportamentos considerados exemplares ou desejáveis pela escola. Afinal, a padronização de condutas dos estudantes desconsidera a subjetividade dos indivíduos, algo essencial para a formação de sujeitos críticos e criativos, em direção à produção autoral de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

No início de minha atuação na Eseba/UFU, com o intuito de buscar apoio e acesso a um olhar externo em relação aos meus primeiros passos na escola, com a finalidade de estruturar as ações em uma perspectiva crítica, recorri aos professores do Instituto de Psicologia da UFU¹¹. Outro aspecto importante que não perdi de vista foi a ideia de futuramente compor uma rede com outros profissionais de psicologia escolar inseridos nos demais colégios de aplicação das universidades.

Nos primeiros contatos realizados com os docentes do Instituto de Psicologia da UFU no ano de 2006, algumas reflexões importantes se faziam presentes, sobretudo em relação ao caráter de atuação do psicólogo escolar com cargo de docente de um colégio de aplicação, escola pública de Educação Básica, integrante do Ensino Superior, com condições de trabalho mais satisfatórias do que a maior parte das escolas dos sistemas de ensino estadual e municipal, que não contam com psicólogos em suas equipes.

¹¹ Uma das primeiras professoras que oportunizou este diálogo foi a prof^a Dra. Maria José Ribeiro. Posteriormente, as professoras Dra. Silvia Maria Cintra da Silva e Dra. Paula Cristina Medeiros Rezende prestaram apoio incondicional aos docentes de psicologia escolar/psicopedagogia da Eseba/UFU, por meio de diálogos, supervisões, discussões de casos, debates teóricos, realizações de projetos de ensino e de pesquisa em conjunto, dentre outras ações.

Tais condições, aliadas à alta qualificação do corpo docente dos colégios de aplicação permitem situá-los como instituições diferenciadas de ensino, multiplicando-se a responsabilidade de uma atuação teórico-prática bem fundamentada, em que o conjunto de recursos disponíveis possibilita a busca contínua de um trabalho educacional verdadeiramente comprometido com as causas sociais e com a qualidade da educação.

Outro aspecto fundamental e distintivo do lugar do docente de psicologia escolar em um Colégio de Aplicação que assumi desde meu ingresso na Eseba/UFU é que a lógica da universidade está instituída em todas as unidades que a compõem, independente de a atuação se consolidar na Educação Básica: as ações devem se pautar nas atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão¹².

A autonomia didático-científica e administrativa garantida por lei às universidades é, portanto, uma das características que diferencia os Colégios de Aplicação de outras escolas públicas de educação básica. De acordo com o Ministério da Educação, a Eseba é um Colégio de Aplicação – CAP, estando, portanto, sob as finalidades desse Ministério para o seu funcionamento de acordo com o Art. 2º, da Portaria MEC 959, de 27 de setembro de 2013, e tem “como finalidade desenvolver, de forma indissociável, atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco nas inovações pedagógicas e na formação docente” (BRASIL, 2013).

Pelo fato de os Colégios de Aplicação serem escolas diferenciadas quanto à estrutura, recursos humanos e financeiros, por estarem inseridos como unidades das universidades federais e, portanto, com acesso às discussões atuais relativas à Educação e à Psicologia Escolar, meu principal questionamento inicialmente era se a atuação do psicólogo escolar nessa instituição também estava condizente com uma prática crítica em psicologia escolar.

Várias foram as perguntas que me acompanharam ao longo de minha trajetória profissional nessa escola. Passei a ter um contato mais expressivo com produções bibliográficas em Psicologia Escolar e Educacional numa perspectiva histórico-crítica e, desde então, tenho defendido essa perspectiva teórico-prática e procurado incorporar no cotidiano escolar práticas convergentes com tais referenciais, juntamente com os (as) demais colegas psicólogos (as) que, gradativamente, ingressaram na escola e ampliaram a Área de Psicologia Escolar da Eseba/UFU, atualmente composta por cinco docentes¹³, todos com formação em psicologia.

¹² A Constituição Federal de 1988 define em seu Art. 207: As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988).

¹³ Os docentes efetivos de psicologia escolar que ingressaram na Eseba/UFU, em ordem cronológica foram: Lucianna Ribeiro de Lima (2005), Liliane dos Guimarães Alvim Nunes (2006), Juliene Madureira Ferreira



Docentes de Psicologia Escolar da Eseba/UFU – 2019. Da esquerda para a direita: Gabriela, eu – Lucianna, Cláudia, Klênio e Liliane.

A Eseba/UFU tem como princípio a promoção da aprendizagem e desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões, considerando que tais processos não se encerram no espaço escolar. Para a concretização dos objetivos educacionais, a escola conta com docentes efetivos e substitutos de diferentes Áreas de Conhecimento, com o corpo técnico-administrativo, com os discentes e seus familiares. As atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão são realizadas em diferentes modalidades.

A Área de Psicologia Escolar apresenta especificidades na forma como organiza as atividades de Ensino, uma vez que não se encontra inserida como disciplina na grade curricular dos alunos. Portanto, as atividades estão incluídas na parte diversificada do currículo e contemplam: intervenções psicoeducacionais em sala de aula, oficinas psicoeducacionais, fóruns ou assembleias de avaliação qualitativa, orientação a alunos da Educação Básica em atividades de estudos e pesquisas, avaliação psicoeducacional, acompanhamento psicoeducacional ao aluno referente a questões de aprendizagem, afetivas ou relacionais, orientação e supervisão de estágio de graduandos da UFU, entre outras.

Ao trazer como exemplo as atividades de Ensino realizadas pelos docentes de psicologia escolar, além de inúmeras outras ações desenvolvidas pelo corpo docente e técnico da Eseba/UFU, as quais não seria possível descrever nesse texto, aponto o caráter diferenciado de um Colégio de Aplicação, que busca romper com estruturas educacionais cristalizadas desfavoráveis ao desenvolvimento de inovações pedagógicas, uma das finalidades precípua dessa instituição. A meu ver, um excelente exercício de reflexão sobre

(2010), Klênio Antônio Sousa (2010) e Cláudia Silva de Souza (2011). Em março de 2018, foi publicada a exoneração da professora Juliene Madureira que passou a atuar na Universidade de Tampere, Finlândia. A vaga foi então assumida pela docente Gabriela Martins Silva, aprovada em Concurso Público de Provas e Títulos, no ano de 2019.

as especificidades dessa escola pode ser complementado por uma *questão filosófica* (CHAUÍ, 2000). Afinal, o que configura uma aula?

De acordo com Santos e Inforsato (2011) não se pode definir aula como um aglomerado de situações, técnicas, estratégias e recursos que se estabelecem como elementos suficientes para o desenvolvimento da real aprendizagem. Essa concepção se baseia em objetivos instrucionais, reduzindo aula a um ato que deve ir muito além para se constituir plenamente. Aula é, portanto, o centro do processo pedagógico, um ato pedagógico carregado de intencionalidade visando à “ocorrência do processo ensino-aprendizagem, de forma a desenvolver nos alunos as condições para que continuem a aprender mesmo fora do ambiente escolar, com autonomia e reflexão” (SANTOS; INFORSATO, 2011, p. 82).

Em consonância com as proposições dos autores anteriormente mencionados, ao recorrermos ao Projeto Político Pedagógico da Eseba/UFU (PPP/2019), localizamos como meta imediata a necessidade de “reafirmar que aulas acontecem em diferentes espaços, tempos e perspectivas e não apenas em horários preestabelecidos, abrangendo atividades que possibilitam a apropriação do saber/conhecimento e o seu fazer”¹⁴. Trata-se de um documento elaborado coletivamente, ao longo de vários anos, em que também participei de forma efetiva.

Parece oportuno esclarecer que o lugar de docente da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia que assumi em agosto de 2005 esteve, desde então, diretamente atrelado à estruturação de um trabalho institucional em Psicologia Escolar numa perspectiva crítica na Eseba/UFU. Ao referir-me à perspectiva crítica de atuação em psicologia escolar, recorro aos conhecimentos acumulados pela Área de Psicologia Escolar e Educacional, enquanto campo de produção científica da psicologia.

Portanto, os objetivos e funções do docente de psicologia escolar/psicopedagogia na Eseba/UFU foram elaborados tomando como referência a atuação consolidada da equipe anterior que compunha o extinto SEAPE, o corpo de conhecimento teórico-prático construído por pesquisadores da Área de Psicologia Escolar e Educacional no Brasil, além da LDB/96 (BRASIL, 1996), do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), da legislação que regulamenta o exercício de docência na Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico, Tecnológico, Lei 12.772 de 28 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012) e das resoluções que regulamentam a avaliação docente no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia.

¹⁴ Meta do PPP/Eseba/UFU para concretização a curto prazo, aprovada em 29/06/2019.

Será possível verificar em todo meu percurso de docente da Área de Psicologia Escolar da Eseba/UFU a estreita relação entre as atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão, em consonância com as orientações elencadas pelas Diretrizes para Atuação do Psicólogo na Educação Básica (CFP, 2013).

Destaco, ainda, que não há como separar a história de consolidação da Área de Psicologia Escolar da Eseba/UFU de minha história pessoal e profissional nessa escola, uma vez que me tornei protagonista desse processo desde meu ingresso à instituição, juntamente com a Professora Liliane dos Guimarães Alvim Nunes e todos os colegas psicólogos e pedagogos/psicopedagogos que trouxeram suas valiosas contribuições e estiveram ao nosso lado nessa trajetória. O conjunto de tais ações será apresentado a seguir.

2 O caminho trilhado: de 2005 a 2009

Aprender que mais vale lutar do que recolher dinheiro fácil. Antes acreditar do que duvidar. (CORA CORALINA, 1997)

Após meu ingresso na Eseba/UFU, fui surpreendida por um conjunto de sentimentos. Estava imensamente feliz e agradecida pela aprovação no concurso e, ao mesmo tempo, repleta de indagações sobre como e por onde deveria começar. Senti necessidade de conhecer a instituição e identificar as principais demandas.

À época, o Diretor Hudson Rodrigues Lima apresentou-me cuidadosamente o contexto institucional da Eseba/UFU e esclareceu o processo que culminou na extinção do SEAPE e criação do SEAPPS, setor em que eu passaria a atuar como coordenadora. Informou-me, ainda, sobre a grande responsabilidade que eu estava assumindo naquele momento, uma vez que a destinação de uma vaga de docente para a Área de Psicologia Escolar/ Psicopedagogia não havia sido uma decisão unânime do Conselho da Eseba/UFU, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pela instituição devido ao alto índice de aposentadorias não repostas pelo MEC.

Entre idas e vindas, a vida nos traz surpresas muito agradáveis! Após vinte e seis anos reencontrei na Eseba minha professora alfabetizadora, Rosânia Bacci, por quem sempre tive muito carinho. Em 2005, tornamo-nos colegas de trabalho. À ela, que me ensinou as primeiras letras, registro aqui meus eternos agradecimentos.



Na foto à esquerda, eu e a Prof^a. Rosânia no dia de minha formatura no pré-primário, no Colégio Nossa Senhora das Dores, em 1979. À direita, em festa junina na Eseba/UFU, no ano de 2008.

Como sou extremamente compromissada com tudo o que me proponho a fazer, ao tornar-me integrante da equipe da Eseba, senti necessidade de conhecer a escola e também de compreender melhor a história do percurso dos docentes que atuaram antes de mim. Procurei saber o que faziam, quais projetos eram realizados, quais as principais demandas institucionais eram dirigidas ao docente/ psicólogo escolar, com quais segmentos eu atuaria, dentre outros aspectos que compõem a estruturação de um trabalho com tamanha especificidade como esse.

Nos diálogos iniciais com a coordenação, as assessoras e diretor da Eseba, e também com colegas do SEAPPS, como estávamos no início do 2º semestre de 2005, compreendi que eu deveria dar continuidade a algumas ações já iniciadas por meu colega docente/psicólogo escolar, com cargo de professor substituto, que havia sido desligado do quadro funcional da Eseba/UFU devido a minha posse como docente efetiva.

Além disso, eu precisava ter muita sabedoria para conduzir os próximos passos, de modo a não “atropelar” o trabalho já construído pelo grupo e, ao mesmo tempo, ir em busca do que a Direção havia me solicitado quanto à (re)estruturação da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia na Eseba/UFU e melhor definição das funções exercidas por cada profissional que compunha o SEAPPS.

De imediato, assumi algumas frentes de trabalho com os alunos, tornando-me responsável pelo acompanhamento psicoeducacional de todas as turmas do 2º e 3º Ciclo e dos alunos em suas necessidades individuais, durante o período de 2005 a 2007

Além disso, passei a orientar uma equipe de alunos adolescentes no Programa de Iniciação Científica Discente (PICD), projeto de ensino institucional do qual passei a fazer parte e tive o privilégio de conhecer. O principal objetivo do projeto era introduzir e incentivar a pesquisa na Educação Básica, desenvolvendo pesquisas com os alunos sob orientação dos professores, utilizando os princípios de metodologia científica, a partir de temas escolhidos pelos estudantes.

A proposta do PICD era fantástica, inovadora, e o fato de atuar como professora orientadora de pesquisa com adolescentes me trazia mais desafios e encantamento. Eu só não imaginava que a pesquisa investigava o funcionamento de motores de carros, tema pouco familiar para mim. A equipe de alunos de 7º ano composta por sete meninos e uma menina ajudou-me a enriquecer meus conhecimentos sobre o assunto e, em contrapartida, eu os auxiliei na realização dos passos da pesquisa que culminou na apresentação do trabalho “Tecnologia dos carros: funcionamento de motores”.

Atuei como membro da comissão organizadora do IV SICEA – Seminário de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação das Universidades Brasileira, realizado nos dias 13, 14 e 15 de outubro de 2005, promovido pela Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia-MG. É importante lembrar que em 12 de setembro de 2005 foi deflagrada greve nacional das IFES, permanecendo por mais de 100 dias nesse movimento. A UFU aderiu à greve e o IV SICEA aconteceu em meio a esse contexto conturbado. A Direção da Eseba/UFU optou por manter a realização do Seminário, mesmo em período de greve, tendo em vista que o evento estava todo organizado e envolvia despesas significativas com custeio de passagens para palestrantes, além de toda a estrutura necessária para realização de um evento nacional desse porte.

O evento ocorreu dentro das possibilidades, com apresentação de trabalhos e troca de experiências entre representantes dos CAPs de todo Brasil. O movimento de greve incidiu em menor participação de docentes do que o previsto, mas os resultados do evento foram muito satisfatórios, inclusive como reflexão coletiva do contexto político-educacional à época.

Iniciei minha participação em duas comissões internas da Eseba: Comissão de Avaliação Escolar e do Recreio Orientado. Cada comissão com suas finalidades próprias teve grande relevância em minha aproximação com a filosofia da escola e com docentes de outras áreas de conhecimento com quem passei a trabalhar.

A Comissão de Avaliação desenvolvia suas ações numa perspectiva formativa, refletindo sobre a importância de adotar novos critérios de avaliação de aprendizagem, que não reduzissem o processo avaliativo a objetivos quantitativos e classificatórios. Em diálogo com a gestão e outros docentes da Eseba surgiu a proposta de realização dos Fóruns de Classe, processo de avaliação qualitativa que possibilitava aos/às docentes e estudantes refletir e discutir sobre a aprendizagem, os aspectos favoráveis e desfavoráveis aos avanços de cada turma, propostas metodológicas, relação professor-aluno, além de atitudes, valores e concepções éticas presentes nas relações de convivência.

A gestão do Prof. Hudson Lima, em conjunto com a Prof^a Fátima Greco e Prof^a Raquel Machado era muito atuante e dialogava constantemente com as comissões e com a equipe de coordenadores de cada área de conhecimento da Eseba. A Coordenação Acadêmica para a Relação e Orientação Aluno-Professor (CARO-aluno), conduzida pela professora e psicopedagoga Maria Lúcia Silva, também exercia um papel determinante nas proposições da escola e atuava como grande parceira da gestão e do SEAPPS. A Prof^a Maria Lúcia Silva tornou-se, além de parceira nas ações da Eseba, uma grande amiga, que me apoiou muito durante minha trajetória nessa escola.

Ao lado da Maria Lúcia, de outros membros da comissão de avaliação e de outros docentes construímos propostas de realização das etapas que precediam os Fóruns de Classe, desde a coleta de dados com os alunos, a análise e organização das informações, até a culminância do Fórum de Classe, momento que envolvia todos os alunos e professores da turma, além de representantes da gestão. A mediação dos Fóruns de Classe passou a ser uma das atribuições dos docentes de psicologia escolar/ psicopedagogia, uma função bastante desafiadora, pois o momento de diálogo coletivo requeria muita organização e firmeza por parte do coordenador que precisava estar atento a possíveis embates e, até mesmo, ao surgimento de falas inadequadas e agressivas. Exerci a função de coordenadora de vários Fóruns de Classe e participei do processo de avaliação dos mesmos. Os Fóruns de Classe aconteceram até o ano 2008, sendo encerrados após considerações da Comissão de Avaliação em concordância com o Conselho da Eseba.

Logo no início de 2006, devido à greve, o calendário se encontrava em atraso e havia a necessidade de conclusão das atividades dos alunos do 8º ano, únicas turmas que haviam retornado às atividades ao final de novembro de 2005, de forma que não incorresse em possível perda do ano letivo de 2006 para esses alunos, já que as aulas nas demais escolas iniciariam em fevereiro.

Esse foi um período de grande tensão na Eseba, algo para mim bastante inusitado, uma vez que eu ainda não havia me deparado com situações similares, inclusive com questionamentos e posturas agressivas de muitos familiares dirigidas aos profissionais da escola. Como o acompanhamento dos alunos do 3º Ciclo, inclusive do 8º ano, estava sob minha responsabilidade, procurei atuar de forma a conciliar as necessidades dos alunos e seus familiares com o direito de os servidores participarem da greve.

Ainda em 2006 os contratos das duas professoras substitutas (ambas psicólogas) que atuavam na Área de Psicologia Escolar/ Psicopedagogia, no SEAPPS, foram encerrados devido ao término do tempo máximo permitido por lei. Foi quando me vi extremamente sozinha para lidar com as demandas de toda a escola, incluindo estudantes, familiares, professores e gestão escolar. Além desse contexto conturbado, havia chegado o momento de assumir funções pedagógico-administrativas que até então eram desconhecidas para mim.

Em 2006, fui nomeada coordenadora psicopedagógica do 2º ciclo (3º, 4º e 5º anos). Nesse mesmo ano, fui membro das comissões de processo seletivo para professor substituto da Área de Psicologia Escolar/ Psicopedagogia, já que eu estava sozinha para lidar com toda a demanda da escola. Além disso, a escola recebeu novas vagas para docentes efetivos e iniciaram-se as definições de critérios para distribuição dessas vagas. Foi nesse contexto de

embates que passei a ter mais clareza do cenário institucional anterior ao meu ingresso na escola, já que não era consenso entre os docentes da Eseba que os psicólogos escolares ocupassem cargo de docente. Após inúmeros debates internos em que estive à frente juntamente com alguns colegas que apoiavam a destinação de mais uma vaga de professor efetivo para compor a Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia, a maioria do Conselho Pedagógico e Administrativo da Eseba/UFU, a “duras penas”, aprovou essa decisão.

O Concurso para a Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia (Edital nº 4 de 11 de abril de 2005) ainda estava em período de vigência e a segunda candidata aprovada foi chamada a assumir o cargo. Senti-me mais fortalecida e apoiada com a chegada da nova docente efetiva no ano de 2006: a Professora Liliane dos Guimarães Alvim Nunes. Antes disso, a Professora Cláudia Silva de Souza havia ingressado como substituta e acompanhou-me em todo esse processo, sendo uma grande aliada na estruturação inicial das ações.

O ano de 2006 representou, especialmente, um período de grandes propostas e concretizações de projetos na Eseba, em que as professoras da área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia estiveram à frente. A efetivação da professora Liliane dos Guimarães trouxe-me a sensação de que uma parceira de luta havia chegado (e quanta luta!). De fato, firmamos uma parceria desde então, com extremo respeito, afinidade de propósitos e concepções teóricas sobre a atuação do psicólogo escolar que permanece até hoje.

Eu já havia iniciado desde 2005 o movimento de identificação das necessidades institucionais e, portanto, das prioridades das ações a realizar. Os diálogos com as professoras do Instituto de Psicologia, inicialmente com a professora Maria José Ribeiro, ajudaram-me a relacionar as demandas da Eseba com as funções desempenhadas pelo docente, considerando a indissociabilidade entre as atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Com a chegada das colegas em 2006, demos continuidade a esse processo. De mãos dadas, eu e a professora Liliane dos Guimarães, juntamente com a professora Cláudia de Souza (à época substituta) e tantos outros parceiros que apoiaram nossas ideias, fomos desenhando o novo projeto da Área de Psicologia/Psicopedagogia, definindo objetivos e metas de trabalho a alcançar.

Em junho de 2007 recebemos mais uma docente substituta para atuar na área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia no SEAPPS, a prof^a Denise Bortoletto (pedagoga/psicopedagoga), que passou a apoiar frentes de trabalho no 2º ciclo e nos 1º e 2º anos da Alfabetização. Na foto a seguir, da esquerda para à direita: Denise, Cláudia, eu – Lucianna Ribeiro, Ilza (assistente social) e Liliane (em 2007).



Nesse momento, nós já havíamos estruturado o projeto da área, o qual senti necessidade de compartilhar no presente Memorial, com o intuito de explicitar a relevância que esse processo teve em minha trajetória na Eseba/UFU. Conforme expus anteriormente, não foi uma construção individual, pelo contrário, foi idealizado, escrito e concretizado por um trabalho coletivo e bem fundamentado pela equipe que eu coordenava naquele momento e trouxe resultados duradouros, ao longo de todos esses anos de permanência na área. Portanto, o conteúdo principal do projeto será apresentado a seguir em sua proposta original e encontra-se destacado em itálico.

2.1 Projeto da Área de Psicologia Escolar/ Psicopedagogia - SEAPPS – 2007

As concepções adotadas pelas profissionais da área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia da ESEBA/UFU acerca da atuação do psicólogo escolar encontram respaldo teórico nos estudos de Meira e Antunes (2003) ao apontar que o psicólogo escolar tem, basicamente, duas funções a desempenhar: ajudar a escola a cumprir sua função de socializar o conhecimento historicamente acumulado e contribuir para a formação ética e política dos alunos. Assim, fica a cargo da psicologia escolar, em linhas gerais, analisar criticamente os processos psicológicos envolvidos nas relações de ensino e aprendizagem, e ainda discutir no âmbito escolar, as questões ligadas ao desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

*O princípio norteador das ações dessa área de conhecimento consiste numa perspectiva de trabalho que propicie o desenvolvimento harmonioso e criativo do ser humano, integrando os aspectos cognitivo, corporal, afetivo e social. Assim, objetiva-se subsidiar e apoiar o processo pedagógico na ESEBA através da realização de **Projetos e Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão**, envolvendo alunos, professores, família e equipe escolar.*

Mediante o pressuposto de que a escola se configura a partir dos atores e da rede de relações que nela se constituem, o trabalho do docente de psicologia escolar na ESEBA abarca diversas frentes de trabalho, com objetivos específicos, a saber:

1. **Com os professores:** *possibilitar um espaço para escuta das dificuldades vivenciadas no processo de ensino-aprendizagem; discutir coletivamente encaminhamentos necessários, além de reflexões sobre sua prática e planejamentos; realizar intervenções psicoeducacionais conjuntas em sala de aula; promover ações de formação continuada*

no sentido de possibilitar a apropriação de conhecimentos que aprimorem a sua prática.

2. **Com os alunos:** *proceder com a investigação da queixa escolar; propor atividades/intervenções individuais ou em grupo; encaminhar a profissionais das áreas de Saúde e de Educação como psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas, psicopedagogos, dentre outros, sempre que necessário, e acompanhar as ações realizadas por tais profissionais.*
3. **Com a família:** *promover diálogos para conhecer a história de vida e escolar dos alunos e expectativas dos familiares; realizar orientações e encaminhamentos necessários; criar espaços de reflexão e discussão conjunta acerca de questões referentes ao processo de desenvolvimento e de aprendizagem dos alunos, bem como dos papéis dos pais ou responsáveis nesse processo.*
4. **Com a coordenação pedagógica e direção:** *assessorar os gestores da escola no processo de reflexão, discussão, enfrentamento e tomada de decisões acerca dos problemas presentes no cotidiano escolar; participar dos processos de avaliação e análise da instituição; colaborar com toda a equipe na elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola; realizar pesquisas/investigações que possam favorecer a compreensão de fenômenos presentes no cotidiano escolar e a implementação de novas ações educacionais.*

A contribuição da psicologia na escola acontece na medida em que esses profissionais adotam uma postura crítica perante os fenômenos educacionais, concebem o sujeito na sua totalidade, por meio de uma leitura não individualizada das questões escolares, rompendo com posturas cristalizadas e que tendem a responsabilizar alunos e/ou professores por situações de fracasso escolar. Dessa forma, constitui papel desses profissionais investigar as diferentes relações que ocorrem no cotidiano escolar, de forma a identificar os aspectos cognitivos, afetivo-emocionais e sociais dos sujeitos envolvidos.

No que se refere aos aspectos cognitivos, considera-se as questões pertinentes à: identificação de possíveis dificuldade(s) de aprendizagem relacionada ou não a conteúdos específicos; pouco envolvimento do aluno com as aulas e atividades escolares; possibilidade de aplicação de outras estratégias metodológicas que possam favorecer as necessidades apresentadas seja pelo professor, seja pelo aluno; as medidas preventivas ou interventivas relacionadas à aprendizagem.

Quanto aos aspectos afetivo-emocionais são demandas do psicólogo escolar investigar: questões relacionais entre professor-aluno ou aluno-aluno; comportamentos “preocupantes” como furtos, mentiras, posturas preconceituosas ou desrespeitosas dirigidas a colegas, professores ou demais profissionais da escola; condutas agressivas ou violentas; expressão de medo e/ou insegurança excessivos diante da realização de atividades avaliativas; tristeza, choros, sonolência, queixas frequentes de dores no corpo; dificuldade de relacionamento com os pares, isolamento, questões ligadas à sexualidade, violência psicológica, uso inadequado de recursos da internet, dentre outros.

Nos aspectos sociais, percebe-se a necessidade de se conhecer as questões de ordem social e familiar que estejam interferindo no processo de ensino-aprendizagem: indícios de negligência familiar, maus tratos e/ou violência doméstica, faltas frequentes, precariedade de recursos financeiros que comprometa a permanência do aluno na escola e outros. Vale ressaltar a importância de trabalho em parceria com a assistente social.

Objetivos Gerais e Específicos do Componente Curricular e da Área de Conhecimento

1. Objetivo Geral

- *Apoiar o processo de ensino-aprendizagem, mediando as interações estabelecidas entre professores, alunos, funcionários e a construção do conhecimento no cotidiano escolar.*

2. Objetivos Específicos

- *Elaborar e desenvolver, em conjunto com os professores das diferentes áreas, projetos interdisciplinares com o intuito de trabalhar com os alunos: relacionamento interpessoal; autoconhecimento; valores morais; senso de disciplina e organização; determinação frente aos objetivos e projetos de vida, dentre outros aspectos.*
- *Acompanhar e orientar alunos para que desenvolvam estratégias de aprendizagem por meio de atividades em grupo e/ou individuais;*
- *Dar apoio psicológico a alunos que apresentem dificuldades afetivo-emocionais, buscando acolhê-los, orientá-los e encaminhá-los a atendimentos específicos sempre que necessário;*
- *Viabilizar a realização de avaliações psicoeducacionais dos alunos e encaminhamentos para profissionais e recursos da comunidade, sempre que a demanda transcender a possibilidade de ação na própria escola;*
- *Conhecer as dificuldades e potencialidades dos alunos encaminhados ao SEAPPS e realizar intervenções que busquem contemplar as necessidades desses alunos;*
- *Promover atividades de integração família-escola, sensibilizando os pais ou responsáveis para a importância do papel da família na formação integral de seus filhos;*
- *Realizar ações (grupos de estudo, reuniões, palestras) de formação continuada dos docentes;*
- *Oferecer estágios curriculares a alunos de graduação em psicologia, pedagogia, supervisionando-os na realização das atividades relacionadas ao trabalho do psicólogo escolar e psicopedagogo;*
- *Atuar como facilitador no processo de integração e adaptação dos alunos na escola, orientando-os e acompanhando-os, bem como suas famílias e professores;*
- *Promover atividades em educação afetivo-sexual, de acordo com a demanda dos diferentes ciclos de formação;*
- *Participar dos espaços coletivos de discussão e gestão democrática da escola;*
- *Desenvolver pesquisas com os alunos da Educação Básica (PICD) e outras propostas em parceria com o Instituto de Psicologia/UFU e outros institutos;*
- *Elaborar artigos científicos que retratem situações do cotidiano escolar e favoreçam a formação continuada dos profissionais da Educação.*
- *Contribuir com a elaboração dos planejamentos pedagógicos diferenciados para alunos com necessidades educacionais especiais.*
- *Participar de congressos, cursos, formações e outros eventos científicos em Educação e Psicologia Escolar/Educacional, de modo a colaborar para a formação pessoal e profissional dos docentes, além de divulgar as ações realizadas pelo SEAPPS;*
- *Colaborar com conselhos editoriais de publicações referentes à psicologia e à Educação;*

- *Buscar diálogos permanentes com profissionais de outras áreas de conhecimento e outras instituições com o intuito de aprimorar a prática do psicólogo escolar e do psicopedagogo e contribuir com outros contextos educacionais;*

Estrutura Programática: ações programadas para o 1º, 2º e 3º ciclos

Atividades de Ensino:

1. PROJETO ATUAR: *Este projeto iniciou-se em julho/2006 e se materializou através das intervenções psicoeducacionais em sala de aula, que serão detalhadas a seguir.*

INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA: *Refere-se ao conjunto de intervenções realizadas em sala de aula, quinzenalmente, pelos docentes de psicologia escolar do SEAPPS, em parceria com os professores das turmas de 1º período do I Ciclo ao 8º ano do III Ciclo. Vale lembrar que esta foi uma proposta elaborada pelos docentes do SEAPPS e pela Comissão de Avaliação, apresentada e aprovada pelo Conselho de Coordenadores. As intervenções são realizadas quinzenalmente com os alunos em sala de aula, perfazendo o total de 9 horas semanais para o 2º e o 3º Ciclos, e 6 horas semanais para o 1º Ciclo (com início no 3º trimestre de 2006), estando sob a responsabilidade das docentes coordenadoras psicopedagógicas que acompanham cada Ciclo.*

*O planejamento das **Intervenções em sala de aula**¹⁵ é feito pelos docentes de psicologia escolar e da área de conhecimento em que a intervenção acontece.*

Na educação Infantil (I e II Períodos):

*A proposta é realizar as intervenções por meio de “**Oficinas de expressão**”, com o objetivo de ajudar as crianças de I e II períodos a elaborar alguns de seus conflitos, questões concernentes ao desenvolvimento humano próprias de suas idades, dando voz a seus sentimentos e vivência, atribuindo significados a esses. Será utilizado no trabalho com as crianças diferentes linguagens como pintura, modelagem, música, dança, literatura, bem como jogos e brincadeiras.*

Na Alfabetização Inicial: *Com as turmas de fase introdutória, 1º e 2º ano do ensino fundamental, busca-se, por meio das intervenções, trabalhar temas diversificados relacionados ao processo de aprendizagem e desenvolvimento, além de questões emocionais e relacionais. Além disso, promove a continuidade das reflexões desencadeadas nos **fóruns de avaliação**, considerando os encaminhamentos sugeridos*

¹⁵ Para ilustrar, localizei em meus documentos um planejamento de Intervenção em sala de aula elaborado por mim e docentes da Área de Geografia (no ano de 2008), que ilustra como aconteciam tais atividades em sala. O tema abordado à época foi: LIMITES, NORMAS e REGRAS. Utilizamos conceitos da Geografia para abordar o tema, como FRONTEIRAS E LIMITES GEOGRÁFICOS que separam cidades, estados e países e desencadeamos reflexões sobre limites e invasão de limites nas relações humanas. Em seguida, abordamos a necessidade de criação de normas e regras de demarcação territorial, relacionando-as com as normas de convívio social. Inúmeros temas foram abordados ao longo de todos esses anos e esta atividade de ensino acontece até o momento atual, sob coordenação dos docentes de psicologia escolar. No entanto, foram necessários ajustes no formato das propostas devido às especificidades do Ciclo, disponibilidade das demais áreas de conhecimento, período de desenvolvimento das crianças e adolescentes e adaptações aos objetivos identificados. No I Ciclo esses planejamentos ocorrem com mais frequência, devido ao menor número de docentes que está à frente de sala de aula. Do 2º Ciclo em diante, a parceria acontece de forma duradoura entre a Área de Psicologia Escolar e a Área de Filosofia, devido à afinidade dos conteúdos trabalhados.

pelos (as) alunos (as) e professores (as), de modo a favorecer, além da tomada de consciência sobre as situações vivenciadas pelo grupo e demais atores envolvidos no processo, a busca gradativa por novas posturas individuais e coletivas.

No 2º e 3º Ciclos: Com as turmas de 3º ao 8º anos realizam-se nas intervenções, ações interdisciplinares com o intuito de trabalhar em parceria com os professores das diferentes áreas de conhecimento demandas apresentadas nas turmas quanto a: aspectos da aprendizagem, relacionamento interpessoal, valores morais, dentre outros. Além disso, promove a continuidade das reflexões desencadeadas nos **fóruns de avaliação**, considerando os encaminhamentos sugeridos pelos (as) alunos (as) e professores (as), de modo a favorecer, além da tomada de consciência sobre as situações vivenciadas pelo grupo e demais atores envolvidos no processo, a busca gradativa por novas posturas individuais e coletivas.

2. **ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR:** Orientação e Supervisão de estagiários do Curso de Psicologia e Pedagogia que atuarão nos projetos da área. A área abrirá vagas para **Estágio Curricular na área de Psicologia escolar/educacional** selecionando graduandos do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia para acompanhar as docentes em suas ações, atuando como supervisoras de estágio nos projetos da área.
3. **AValiação Psicoeducacional:** É frequente a solicitação de avaliações psicoeducacionais de estudantes que apresentam dificuldades no processo de escolarização. Diante disso, os docentes de psicologia escolar/psicopedagogia viabilizam a realização de avaliações de crianças e adolescentes na própria escola sempre que possível e fazem encaminhamentos a profissionais e recursos da comunidade, quando a demanda transcende a possibilidade de ação na ESEBA.
4. **OFICINAS Psicoeducacionais:** Realizadas no contra turno, com grupos de alunos que demandam apoio psicoeducacional relacionado ao processo de ensino-aprendizagem, associados ou não às questões afetivo-emocionais ou relacionais. Serão oferecidas para as turmas de fase introdutória de I Ciclo ao 8º ano do III Ciclo. Os grupos serão constituídos a partir das necessidades que surgirem nas turmas no decorrer do ano letivo.
 - **PROJETO DESVENDAR:** buscando entender e intervir nas queixas escolares das crianças. Tendo em vista a grande demanda de crianças com queixa escolar dos 1º e 2º anos do I Ciclo encaminhadas para o Setor de Apoio Psicopedagógico e Social, propõe-se um projeto de avaliação dessa demanda para traçar um trabalho de intervenção que atenda às necessidades desses alunos, envolvendo ainda suas famílias e os professores que os acompanham.

Atividades de Extensão:

1. **PROJETO INCLUIR:** estratégias de intervenção psicoeducacional com alunos com necessidades educacionais especiais.
O Projeto Incluir é uma proposta do SEAPPS e conta com a parceria de docentes do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Seu objetivo maior é promover a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais no cotidiano escolar, viabilizando que esse aluno participe ativamente das atividades escolares com seu grupo de referência e outros grupos. Trata-se de um projeto piloto

inicialmente oferecido para quatro crianças da ESEBA (tendo em vista os desdobramentos do mesmo), alunos do I e II Ciclos que apresentam necessidades educacionais especiais. O projeto prevê reavaliação das crianças; planejamentos coletivos entre profissionais que acompanham a criança e professores; adaptações nas avaliações curriculares, destacando-se as potencialidades apresentadas pelos alunos; orientação a pais, entre outros. Espera-se que as quatro crianças inseridas no projeto participem de um acompanhamento psicopedagógico dentro ou fora da escola. A discussão sobre a implantação do projeto em parceria com o Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia começou em junho de 2006 e é coordenado por duas docentes do SEAPPS: Professora Liliane dos Guimarães e Professora Lucianna Ribeiro. A previsão é que esse projeto aconteça também durante o ano letivo de 2007.

2. PROJETO INTEGRAR: estreitando as relações família-escola.

Trata-se de um projeto piloto coordenado pela docente de psicologia escolar/psicopedagogia, Lucianna Ribeiro de Lima, e pela docente da CARO ALUNO, Maria Lúcia Silva, desenvolvido durante todo o ano letivo de 2006, envolvendo pais, professores e alunos das turmas do 4º ano do 2º Ciclo da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, cujo objetivo é contribuir com a promoção de debates e reflexões de temas desafiadores para as escolas e as famílias, além de proporcionar momentos de lazer e integração com as mesmas, visando estreitar os seus laços com o espaço escolar. Em 2007, o projeto incluirá as turmas de 4º e 5º anos, com base nos resultados alcançados e nas possibilidades de atuação dos docentes coordenadores, bem como de todos os envolvidos no projeto. Em 2006, foram realizadas 17 atividades, dentre elas: reuniões da comissão, encontros com as famílias e palestra para os pais.

3. PROJETO SER EDUCADOR: desafios e especificidades do cotidiano escolar.

Trata-se de um projeto coordenado pelos docentes do SEAPPS que tem como objetivo proporcionar espaços de reflexão e discussão em torno de temas relativos à ação docente e ao processo de desenvolvimento da criança e do adolescente, contribuindo para a formação continuada dos professores da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, sendo extensivo às famílias e aos demais profissionais da comunidade que atuam em contextos escolares e/ou educacionais. A realização do projeto se dá através de palestras, oficinas, espaços de discussão, dentre outros. No ano letivo de 2006 foram realizadas duas palestras, em junho e em dezembro. Em 2007, a previsão é de três encontros, no turno da noite.

Atividades de Pesquisa:

- 1. PESQUISA SOBRE (IN)DISCIPLINA:** *A primeira etapa do projeto de pesquisa “(In)disciplina no contexto educacional” foi desenvolvido em 2006, sob a coordenação dos docentes de psicologia escolar/psicopedagogia e da CARO ALUNO, em parceria com o Instituto de Psicologia da UFU com o objetivo de investigar as representações do fenômeno (in)disciplina, sob a perspectiva de toda a comunidade escolar – alunos, professores(as), pais, mães e funcionários. Diante dos dados obtidos, serão feitos outros encaminhamentos em 2007, dentre eles a expansão da pesquisa para o 1º ciclo.*

O projeto da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia anteriormente descrito foi apresentado e aprovado pela Direção e pelo Conselho de Coordenadores em 2007 e passou por reestruturações à medida que novas propostas surgiram, em decorrência de necessidades identificadas. Vale destacar que além da estruturação dos projetos mencionados, participei ativamente de todas as atividades da área e outras inerentes à prática docente na instituição.

2.2. Organização dos espaços pedagógicos na Eseba/UFU: reuniões institucionais

A Eseba/UFU comporta várias modalidades de reuniões, momentos em que são feitas análises, discussões, encaminhamentos e deliberações coletivas sobre questões da escola. Uma dessas reuniões, denominada Reunião de Diálogo, é planejada e coordenada pelo docente de psicologia escolar/psicopedagogia que acompanha o ano/Ciclo. Desde o início até os dias atuais, coordenei as Reuniões de Diálogo referentes ao Ciclo de minha responsabilidade e participei efetivamente de todas as reuniões institucionais. Para maior compreensão da finalidade desses encontros, apresento abaixo a que se referem.

Reunião de Diálogo: espaços de encontro com professores de diferentes áreas de conhecimento em caráter semanal, quinzenal ou mensal (de acordo com a necessidade e possibilidade) para abordar assuntos referentes à ação docente, às relações escolares, à aprendizagem e ao desenvolvimento das turmas e dos alunos em suas especificidades. A coordenação da Reunião de Diálogo é de responsabilidade do docente de psicologia escolar/psicopedagogia que acompanha o ano/ciclo. Nessa reunião são propostas ações coletivas de trabalho com a turma e com os alunos em suas especificidades, além dos encaminhamentos necessários. Também são identificados temas ou demandas que apontam necessidade de estudos, aprofundamento teórico e intervenções em sala de aula.

Acompanhamento docente (diálogo individual com professor/a): refere-se a encontros individuais com professores, previamente agendados, para tratar de diferentes aspectos relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, como: questões pertinentes à relação professor-aluno ou aluno-aluno; identificação de dificuldades de aprendizagem relacionada ou não ao seu conteúdo específico, pouco envolvimento do aluno com as aulas e atividades propostas; questões familiares, questões emocionais, dentre outras que possam interferir na escolarização.

Reunião de Área de Conhecimento: Refere-se a encontros regulares entre os docentes da área de conhecimento, para tratar de assuntos administrativos, relativos ao cotidiano escolar e pertinentes à organização do trabalho específico da área. A condução das reuniões é de responsabilidade do(a) coordenador(a) de área e a sugestão de pontos de pauta para discussão é aberta aos demais participantes. Para exemplificar, em 2007, como eu estava à frente da condução da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia, coordenei em torno de 28 reuniões envolvendo a participação de todos os docentes (Lucianna, Liliane, Cláudia e Denise).

Reunião de Ciclo: Refere-se a encontros, geralmente mensais, para tratar de questões pedagógicas e administrativas relacionadas ao cotidiano escolar e ao Ciclo especificamente. A coordenação da reunião de ciclo é de responsabilidade da assessoria pedagógica e administrativa, muitas vezes com apoio dos(as) docentes da Área de Psicologia Escolar nos planejamentos e execução.

Reunião de Planejamento: Refere-se às reuniões que envolvem planejamento de aulas, intervenções em sala de aula, eventos e outras atividades pedagógicas. As docentes de psicologia escolar participam das reuniões de planejamento, com contribuições da psicologia aplicada à educação, sempre que necessário.

Reunião de Conselho de Coordenadores: Espaço de troca entre os coordenadores de cada área de conhecimento da escola e os gestores - diretor (a) e assessores (as) pedagógicos (as) e administrativos (as) - com o objetivo de dialogar, analisar, encaminhar e deliberar conjuntamente sobre questões da escola. O coordenador exerce o papel de representante da área nos diálogos estabelecidos no coletivo. Atuei como coordenadora e representante da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia nos anos de 2005, 2006, 2007, 2018.

Reunião com famílias: Refere-se a encontros trimestrais coordenados pelas Assessorias da Direção e docentes de todas as áreas de conhecimento, com o objetivo de tratar de questões gerais das turmas, como rendimento acadêmico, perfil do grupo, relações interpessoais, percepções dos docentes sobre as turmas, considerações das famílias acerca do trabalho pedagógico, dentre outros aspectos.

Atendimento a Famílias (individual): refere-se a encontros com pais e/ou responsáveis que procuram os docentes de todas as áreas, ou são solicitados pelos mesmos, sempre que se percebe a necessidade de orientações pontuais sobre a situação escolar dos

(das) alunos (as), a saber: desenvolvimento cognitivo, emocional, desempenho acadêmico, questões comportamentais, dentre outros. Esta ação é muito frequente na prática cotidiana do docente de psicologia escolar, sendo a demanda tanto por parte da escola, quanto das famílias.

Reunião de Comissões Internas: realizada pelos membros de cada comissão, com o intuito de definir objetivos de trabalho, planejar e executar ações referentes à temática da comissão. Há um número significativo de comissões na Eseba, em virtude da diversidade de frentes de trabalho na escola. Alguns exemplos: Comissão de Avaliação, Comissão de Avaliação de Pessoal Docente (CAPD), Recreio Orientado, PPP e outras.

Reunião de Conselho Pedagógico e Administrativo: O Conselho Pedagógico e Administrativo é o órgão máximo de função normativa, deliberativa, consultiva e de planejamento da Eseba/UFU e conta com a participação de todo o corpo docente e técnico-administrativo da escola.

As reuniões supracitadas estão inseridas no cotidiano escolar e acontecem periodicamente, cuja organização se dá pelo cronograma anual de atividades.

2.3. Trajetórias no Ensino

Conforme apontado anteriormente, embora eu estivesse na função de coordenadora psicopedagógica do 2º e 3º Ciclos, continuei na realização das atividades no Ensino, por meio das intervenções em sala de aula, oficinas psicoeducacionais, participação/coordenação dos fóruns de classe, orientação aos alunos da Educação Básica, orientação de estágio da graduação, avaliação psicoeducacional e participação no Projeto Pedagógico Complementar (PPC), este último iniciado em 2007, na Gestão da Professora Elizabet Rezende, com vistas a atender necessidades específicas no processo de aprendizagem.



Na foto acima, da direita para a esquerda, prof. Leandro, eu – Lucianna, profª Bete (diretora à época), Liliane e Denise Bortoletto, em festa de confraternização no ano de 2007.

Em agosto de 2007 apresentei à Direção e à Comissão de Avaliação de Desempenho da Eseba/UFU o Relatório de Atividades e o Memorial Descritivo referente ao período probatório, agosto de 2005 a agosto de 2007. Logo na introdução do documento, apontei que grande parte das ações por mim realizadas na função de Coordenação Psicopedagógica dos Ciclos de Aprendizagem não estava contemplada no Roteiro para Avaliação de Desempenho na Carreira, em virtude das especificidades do trabalho desenvolvido pelos docentes da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia no SEAPPS.

Tais especificidades fizeram com que nós, ao longo de todos esses anos de atuação, solicitássemos aos representantes da Eseba na Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) da UFU que apresentasse a descrição das atividades por nós realizadas que não se enquadravam nos itens da tabela de pontuação, para que fossem inseridas no roteiro para avaliação de desempenho para Progressão e Promoção na Carreira. Além disso, os diretores Prof. Hudson Lima (2003-2007), Profª Elizabet Rezende (2007-2011/ 2011-2015) e Prof. André Sabino (2015-2019), durante suas respectivas gestões, acompanharam o nosso trabalho e nos prestaram apoio tanto no interior da Eseba, quanto nas instâncias da UFU, no sentido de reconhecimento das atividades tão peculiares ao exercício de nossa função. Muitas foram as conquistas, mas nem todas as solicitações foram atendidas até o presente momento.

A professora Elizabet Rezende assumiu a Direção da Eseba/UFU em 2007. Durante todo o ano de 2007, dei continuidade à função de coordenadora psicopedagógica do 2º ciclo (3º, 4º e 5º anos) e 3º ciclo (6º, 7º e 8º anos à época). Fui nomeada por Portaria da Reitoria da UFU (Portaria R n. 845) para exercer essa coordenação de janeiro de 2007 a dezembro de 2009. Essa portaria considerava a necessidade de a Escola de Educação Básica ter em sua

estrutura as coordenações didático-pedagógicas, assumidas por docentes dispensados de carga horária semanal em sala de aula, sem função gratificada.

Ainda em 2007 assumi a orientação de alunos do 4º ano do ensino fundamental na realização da pesquisa de iniciação científica no PICD. A pesquisa intitulada “Comportamento Sexual do Adolescente”, possibilitou-nos conhecer como estudantes adolescentes da ESEBA e de outras escolas manifestavam sua sexualidade. Este trabalho foi riquíssimo e ampliou perspectivas de atuação tanto dos profissionais do SEAPPS, quanto dos docentes de outras áreas de conhecimento, especialmente os da Área de Ciências que recorreram a tais informações para ministrar os conteúdos relacionados ao desenvolvimento do corpo na criança e adolescente.

Nos anos subsequentes (2008 e 2009) estive novamente à frente da orientação de alunos pesquisadores, no PICD, na realização das pesquisas intituladas “Culinária e Cultura Brasileiras”, em 2008, e “Estilos de música: diferentes abordagens entre as décadas de 1980 e 2000”, desenvolvida no ano de 2009. As experiências vivenciadas ao longo dos anos de 2005 a 2009, como docente orientadora de alunos pesquisadores de um Colégio de Aplicação, foram apresentadas por mim no IX Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, em julho de 2009.

A foto abaixo registrou a apresentação da pesquisa “Estilos de música: diferentes abordagens entre as décadas de 1980 e 2000” no Congresso de Iniciação Científica da ESEBA, realizado no ano de 2009. Eu, juntamente com a estagiária Caroline dos Reis Costa e a equipe que orientei na realização da pesquisa do PICD.



Além das orientações dos estudantes da ESEBA, passei a orientar alunas do Curso de graduação em Psicologia e Pedagogia da UFU, que me acompanharam na realização das atividades de Ensino e nos projetos desenvolvidos. No 2º semestre de 2006 realizei a

orientação de estágio supervisionado das alunas do Curso de Graduação em Psicologia da UFU: Cláudia Furtado Borges e Júnia Rodrigues Araújo. Em 2007 fui orientadora de estágio supervisionado das alunas do Curso de Graduação em Psicologia da UFU: Mayra Miranda Castro e Bruna Tavares Moreira, que desenvolveram atividades no acompanhamento de alunos com necessidades educacionais especiais, participantes do Projeto Incluir, cujos objetivos e principais ações desenvolvidas serão relatadas no próximo tópico. No ano de 2009, orientei a aluna do curso de Pedagogia da UFU, Caroline dos Reis Costa, também nas atividades de acompanhamento a alunos com necessidades educacionais especiais, no Projeto Incluir.

Outra experiência relevante que gostaria de destacar foi a realização das Oficinas de Convivência, no 2º semestre de 2008. Esta frente trabalho surgiu a partir de uma demanda específica de intervenção, identificada pelos professores das turmas de 7º ano que eu acompanhava. No decorrer das aulas ministradas, os professores observaram em um grupo de alunas, atitudes preconceituosas e discriminatórias destinadas a outro grupo de colegas da mesma sala.

Em um dado momento, na aula de Ciências, quando a professora discutia um texto em sala de aula, uma aluna dirigiu-se à sua colega com agressões verbais, expondo-a diante do grupo e da professora. Imediatamente, a professora procurou conter a atitude inadequada da aluna, ao mesmo tempo que tentava acolher a colega agredida. Procurou refletir com toda a sala sobre posturas, gestos, comportamentos e outras formas de comunicação verbal e não-verbal carregadas de preconceito, as quais permeiam as relações interpessoais.

A professora me procurou para relatar os fatos e compartilhar suas preocupações, solicitando-me intervenções com as duas alunas envolvidas. No entanto, outra situação preocupante ocorreu na turma, a partir de uma manifestação discriminatória do mesmo grupo de alunas feita por escrito em uma atividade de avaliação coletiva realizada na escola denominada Fórum de Classe, conforme descrito anteriormente no texto. Uma das etapas deste processo era o registro por escrito e individual de cada aluno da escola de sua avaliação acerca do funcionamento da instituição, a saber, disciplina, aprendizagem, relação aluno-aluno, relação professor-aluno e ambientes da escola, além de auto avaliação. Tais registros eram recolhidos, lidos e tabulados por uma comissão de trabalho, da qual eu fazia parte juntamente com outros docentes da escola.

No momento em que os registros desta sala foram analisados, identificaram-se agressões e insultos direcionados a um grupo de alunas, a alguns profissionais da instituição e à escola de modo geral. Esta forma de manifestação preocupou os professores de modo geral,

a coordenação e a direção escolar, uma vez que a escola oferecia vários espaços de discussão e expressão de ideias. Alguns docentes sugeriram a adoção de medidas punitivas, como advertências e até suspensões.

Portanto, a maioria dos profissionais considerou desnecessária a adoção deste canal de comunicação escolhido pelas alunas e optou por realizar uma reunião com as mesmas para que pudessem esclarecer as razões pelas quais estavam agindo de forma discriminatória com as colegas. Organizamos um grupo de professores para estar nessa reunião. Como eu era a docente de psicologia escolar responsável pelo 2º e 3º Ciclos, propus ao grupo que pensássemos em outras possibilidades, em direção a atividades formativas e não punitivas.

Após esse diálogo com as alunas, ficou clara a necessidade de um trabalho destinado à reflexão de temas relativos à ética nas relações interpessoais, aos direitos humanos e à realidade sociocultural em que vivemos, com o intuito de promover a conscientização sobre o papel de cada um na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Decidimos dar continuidade às intervenções psicoeducacionais em sala de aula, já realizadas por mim em conjunto com os professores e também oferecer outro trabalho paralelo específico para esse grupo, sob a coordenação de docentes da psicologia escolar/psicopedagogia. Os professores da turma foram convidados a participar mas, como nem todos tinham disponibilidade de horário, a professora de Língua Estrangeira Vilma Botelho (hoje aposentada), que tinha excelente vínculo com os alunos e é uma pessoa de grande sensibilidade aceitou o convite para ser nossa parceira nesse percurso que denominamos Oficinas de Convivência.

Ao longo de dois meses, realizamos encontros semanais (uma hora e trinta minutos no contra turno) com as alunas e discutimos vários temas: identidade, história de vida, família, conhecimento do outro, autoestima, sexualidade, violência, formas de comunicação, dentre outros. Os resultados das Oficinas de Convivência superaram nossas expectativas e, ao final do trabalho, tivemos a certeza de que o caminho formativo é sempre a escolha mais sensata em um processo educacional.

Documentamos alguns depoimentos das alunas participantes:

O grupo de convivência foi uma forma de intervir nas intrigas, problemas de relacionamento que estavam acontecendo em nossa sala. Em nossos encontros, buscamos uma melhor convivência, tentamos através de jogos e atividades conhecer melhor umas às outras. Comparando o início da oficina há uma grande melhora. Digamos que o ar ficou menos tenso e muito mais leve. A oficina nos ajudou a ver outras pessoas por dentro e a sermos melhores cidadãos. No final da oficina, quero dizer que adorei participar, pois me diverti muito. A experiência de nos reunirmos para saber mais sobre o outro mudou nossa visão uma das outras trazendo respeito. Digo que ultrapassamos os nossos objetivos e foi muito legal.
(N. M., 13 anos)

A oficina nos uniu e trouxe a amizade, que antes era vista como algo impossível para nós, algo de outro mundo. (F.M. S, 14 anos)

Para mim nossas oficinas ajudaram em vários aspectos e um muito importante foi que mostrou que uma boa conversa pode ajudar e muito, e ficar com implicância não compensa, pois só gera um clima ruim. (A, 13 anos)



Nas fotos acima o registro de um dos momentos das “Oficinas de Convivência”, em 2008. À esquerda, as professoras Denise Bortoletto (Psicologia Escolar/Psicopedagogia) e Vilma Botelho (Língua Estrangeira), minhas parceiras nesse processo. Ao centro as alunas participantes e eu à direita.

Um dos principais desafios enfrentados na mediação das situações conflitivas que comparecem no cotidiano de toda escola é levar a comunidade escolar a compreender a função formativa e não punitiva da escola. Na Eseba, os Fóruns de Classe possibilitavam a expressão de estudantes e docentes sobre diferentes prismas de um mesmo fenômeno e a riqueza do processo estava exatamente na necessidade de problematização das situações ocorridas, visando à identificação de caminhos para o alcance de objetivos comuns.

A experiência das Oficinas de Convivência foi um dos caminhos encontrados dentre vários outros que conseguimos delinear na Eseba/UFU. Nesse sentido, resalto a importância e, sobretudo, a “(...) necessidade de interlocução, discussão constante, estudo e formação de quem trabalha com Educação.” (MACHADO, 2000, p.159)

Não poderia deixar de registrar minha participação como professora proponente de aulas para o Portal do Professor do MEC, a partir do ano de 2009. O referido programa de formação de professores à distância, foi lançado em 2008 pelo Ministério da Educação, cujo objetivo principal era apoiar os processos de formação dos professores brasileiros e contribuir com a prática pedagógica.

Atuei principalmente como professora validadora de aulas da equipe¹⁶ da qual eu fazia parte, composta por docentes efetivas e aposentadas da Eseba/UFU, todas com formação em

¹⁶ A equipe era composta por mim, que atuava como validadora das aulas, e pelas docentes com formação em psicologia: Prof^a. Liliane dos Guimarães Alvim Nunes, Prof^a Gláucia Abdala Diniz, Prof^a Marta Regina Alves Pereira e Prof^a Fátima Naves.

psicologia. Nossa atuação era propor, elaborar e organizar aulas relacionadas ao eixo temático *Ética e Pluralidade Cultural*, destinadas a contribuir com outros professores do Ensino Fundamental em todo Brasil. Minha função específica era a de analisar o conteúdo das aulas da equipe da qual eu fazia parte, verificar os recursos propostos, a adequação do material sugerido, das referências bibliográficas e também o de auxiliar a equipe em possíveis dúvidas e dificuldades na inserção das aulas, sendo o canal de comunicação com a professora responsável pelo trabalho no Portal do MEC.



Nossa equipe do Portal do Professor/MEC! Na primeira foto, da esquerda para a direita, eu ao lado de minhas queridas colegas Gláucia Abdala, Marta Regina e Fátima Naves. À direita, eu Liliane, sempre juntas em mais uma frente de trabalho.

Além de validadora, exerci posteriormente a função de professora proponente de coleções de aulas, uma proposta do Portal do Professor do MEC cuja finalidade era a organização e a junção de aulas disponíveis no Portal por temas afins. Algumas coleções por mim organizadas abarcaram temas como: *Cidadania, sustentabilidade e responsabilidade social, História de vida e outras histórias, Desigualdade social e direitos humanos, Lidando com saúde, doença e morte, Drogas na adolescência: comportamento, consumo e prevenção, Adolescência, preconceito e discriminação, Internet, novas tecnologias e adolescência, Ética e o idoso na sociedade contemporânea*, dentre outros.

The screenshot shows the 'Portal do Professor' interface. At the top, there are navigation tabs: 'ESPAÇO DA AULA', 'JORNAL', 'MULTIMÍDIA', 'CURSOS E MATERIAIS', 'COLABORAÇÃO', 'LINKS', and 'VISITE TAMBÉM'. Below the navigation, there is a search bar and a 'VISUALIZAR COLEÇÃO DE AULAS' button. The main content area displays the title 'Desigualdade social e direitos humanos' with social sharing options (e-mail, Print, Tweet, Compartilhar). Below the title, there is a 'Ficha Técnica' section with the following details:

Desorgão

Trabalhar a temática desigualdade social e direitos humanos tem se tornado, em nossas escolas, uma prática cada vez mais necessária. Nesse sentido, a presente coleção introduz o assunto procurando sensibilizar os alunos para as questões de desigualdade social, tão presentes em nossa sociedade. As aulas 1 e 2 desenvolvem conceitos como sociedade igualitária e suas características, estabelecem relações entre grupos e classes sociais e propõem a elaboração de textos sobre o tema, as serem postados em um blog criado pela turma. Nas aulas seguintes (3 e 4), os alunos devem aprender sobre a formação étnica da população brasileira e as principais causas das desigualdades sociais, compreender a relação entre cidadania, diferença de direitos e igualdade civil e, ainda, refletir sobre a má distribuição da renda no nosso país e os problemas sociais dela decorrentes. Já as aulas 5 a 7 abordam diferentes realidades das populações indígenas e das comunidades quilombolas, com o intuito de conscientizar o aluno sobre a importância dessas culturas para a nação brasileira, discutindo, também, o respeito da violência cometida contra índios e negros e a influência da globalização sobre esses povos. Quando concluídas, as aulas 8 e 9 apontam para a importância de ações contra o preconceito racial presente na escola e em outros espaços sociais. Nas aulas 10 a 12, é proposto que os docentes reflitam sobre a difícil realidade de inúmeras crianças brasileiras e de outros países, situação que se aproxima do conceito de invisibilidade social, o que deve despertar, nos adolescentes, o seu senso crítico, para que transformem indignação em ação. A aula 13, proposta da área de língua estrangeira, promove atividades de reflexão, discussão e elaboração de estratégias que visam à diminuição da pobreza em todo o mundo, dialogando, assim, com as aulas anteriores, quanto ao estudo em questão e à proposição de criação de uma organização não governamental (ONG) para tal finalidade. O objetivo central da aula 14 é assistir ao filme "Isa das Flores" para avaliar aspectos centrais como pobreza, miséria, fome e desigualdade de direitos entre os homens. Por fim, na última aula da coleção, é proposto que os alunos comparem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, relacionando histórias de violação de direitos e culminando em uma maratona em homenagem ao dia internacional dos direitos humanos.

Autora
LUCIANNA RIBEIRO DE LIMA - ESC DE EDUCACAO BASICA - MG

Palavras-chave
população brasileira, desigualdade social, pobreza, miséria, direitos humanos.

Estrutura Curricular

MODALIDADE / NÍVEL DE ENSINO	COMPONENTE CURRICULAR	TEMA
------------------------------	-----------------------	------

Realizar esta atividade foi extremamente significativo, por se tratar de um rico processo de aprendizagem e pelo fato de saber que as aulas propostas poderiam auxiliar outros professores no exercício da docência, sobretudo com temas pouco abordados nas escolas de modo geral. Muitas vezes os professores não se sentem devidamente preparados para lidar com conteúdos subjetivos que possam emergir nos diálogos com os estudantes.

Nessa direção, Lima e Nunes (2011) destacam a importância de se investir em formação docente, mais especificamente no que tange às questões da formação para a ética e o exercício da cidadania, sendo inegável a contribuição da psicologia como área de conhecimento para os processos formativos. As autoras ressaltam, ainda, a importância de se rever o currículo escolar e de se trabalhar numa perspectiva humanizadora, tanto nas aulas, quanto nas demais ações de formação discente e docente que compõem o processo educativo nas escolas.

2.4. Trajetórias na Extensão

2.4.1. Projeto Integrar: estreitando as relações família-escola

A necessidade de buscar maior aproximação entre família e escola para a superação de questões manifestas pelos estudantes no cotidiano escolar surgiu no decorrer do ano letivo de 2005. Nas Reuniões de Diálogo por mim coordenadas, onde discutíamos questões das turmas e de alguns alunos em específico, os professores de 3º ano do Ensino Fundamental,

juntamente com a assessoria pedagógica da ESEBA compartilharam algumas dificuldades que estavam interferindo na condução da proposta pedagógica da escola, tais como: indisciplina e ausência de limites, baixa motivação para as atividades escolares, conflitos nas relações interpessoais, acesso livre das crianças à internet e outros meios de comunicação, imaturidade emocional para lidar com a precocidade do processo de desenvolvimento físico e afetivo-sexual, dentre outros.

As questões supracitadas, assim como outros desafios vivenciados no cotidiano escolar assumiram centralidade nas motivações que impulsionaram a equipe da ESEBA a propor a constituição de uma comissão formada por pais e professores dos alunos das turmas do 4º ano do 2º Ciclo de 2006, cujo objetivo era contribuir com a promoção de debates e reflexões de temas desafiadores para as escolas e as famílias, além de proporcionar momentos de lazer e integração, visando estreitar as relações entre família e escola.

Foi dessa forma que surgiu a ideia de realização do **Projeto Integrar**, um projeto piloto desenvolvido durante o ano letivo de 2006, cujos resultados alcançados apontaram para a necessidade de ampliação do trabalho para os anos seguintes, efetivado em 2007 nas turmas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

O desenvolvimento desse projeto evidenciou possibilidades de parcerias efetivas com as famílias para o trabalho pedagógico na escola. As famílias aceitaram o convite e participaram do planejamento conjunto de estratégias de apoio à escola, envolvendo alunos, professores, familiares, direção da Eseba e, posteriormente, parceiros da comunidade. Com a abertura à participação da comunidade configurou-se como um projeto de extensão. O volume de ações e, mais do que isso, a qualidade do trabalho desenvolvido foi tão expressiva que o Projeto Integrar tornou-se referência na escola e até hoje promove ações de extrema importância (sim, o Projeto Integrar existe há 14 anos na Eseba!).

Ao longo dos anos de 2005, 2006, 2007, 2008 e 2009 estive à frente da coordenação do Projeto Integrar e, confesso, foi com muitas recomendações e apreço que passei o “bastão” para que outros colegas assumissem a coordenação e continuidade das ações do projeto durante minha ausência. Participar desse projeto desde sua origem trouxe-me momentos de grande alegria e satisfação. A proposta era verdadeiramente coletiva e a colaboração de cada componente fazia toda a diferença. Muitos foram os parceiros da Eseba/UFU que abraçaram o projeto, os quais eu não conseguiria listar todos os nomes e poderia incorrer em injustiça ao esquecer algum colega.

Realizamos pesquisas, identificamos necessidades, propusemos as mais variadas formas de intervenção, mobilizamos muitas pessoas a se envolver nas ações, promovemos

eventos, encontros, em pequenos grupos e em grande escala. Aos poucos fomos organizando nossa equipe, fizemos banners, coletes de identificação, logomarca. Catalogamos em pastas a história desse belo projeto, socializamos resultados em eventos científicos, artigos de revistas, capítulos de livros. Mas o maior valor de tudo isso foi a relação de confiança e amizade construída. Até hoje tenho contato com familiares do Projeto Integrar, pois tenho a certeza de que deixamos marcas positivas uns nos outros e sou imensamente grata por ter tido esse privilégio.

Conforme mencionado anteriormente, o trabalho desenvolvido no Projeto Integrar resultou em diferentes produções científicas, das quais gostaria de destacar a publicação do artigo escrito por mim em parceria com a Prof^ª. Dra. Maria Vieira Silva (SILVA; LIMA, 2009), à época coordenadora do Projeto Integrar, representante das famílias.



Acima, o 1º Evento promovido pelo Projeto Integrar “Piquenique no Parque do Sabiá” com participação de professores, alunos e famílias. Realizamos rodas de conversa e o piquenique de integração.



Evento promovido pelo Projeto Integrar no Parque Siquierolli, com a participação da comunidade escolar e Grupo de Escoteiros.



A foto à esquerda registrou a participação da equipe¹⁷ do Projeto Integrar na Caminhada no Parque do Sabiá, em 2007, momento em que os próprios familiares coordenaram atividades com vários jogos cooperativos. À direita, na barraquinha da Festa Junina da Eseba, coordenada pela equipe de pais e professores.

A diretora Prof^a Elizabet Rezende apoiou muito as ações do Projeto Integrar, durante os oito anos de sua gestão, que contou com a participação efetiva do Professor Leandro Rezende, tanto como assessor, quanto como representante da área de Educação Física. Posteriormente, o Professor Cleber Casagrande passou a compor a equipe.

Vale destacar que os familiares do Projeto Integrar também tiveram grande participação nas atividades de elaboração da Carta de Princípios da Eseba/UFU, na gestão da Prof^a. Elizabet Rezende. Além disso, contribuíram de forma significativa na mobilização de outras famílias, visando à construção conjunta do PPP da escola. Portanto, as ações em que os familiares estiveram inseridos não se restringiram aos momentos de confraternização, mas de envolvimento com as questões pedagógico-administrativas da escola, de forma ampliada.

¹⁷ Foi possível resgatar em meio aos meus arquivos pessoais os nomes de participantes da equipe do Projeto Integrar no ano de 2007. Representantes da equipe escolar: Lucianna Ribeiro, Maria Lúcia Silva, Denise Bortoletto, Hosana Curtt, Fátima Pádua, Raquel Machado, Leandro Rezende. Representantes dos familiares: Maria Vieira (mãe do João Victor Doreto), Cláudia Moraes (mãe do Tiago), Sérgio e Wanderly (pais do Arthur), Elias e Conceição (pais do Gabriel Queiroz), Fábio e Renata (pais do Pedro José), Maria Lúcia (mãe da Anna Luiza), Ismar e Nélia (pais do Gesiel), Simone e Carlos Francisco (pais do Leopoldo), Márcia (mãe da Thienny), Elaine (mãe da Giovanna), Delma (mãe da Thais), Gláucia (mãe do Silvio Jr.), Regina (mãe do Luis Ricardo) e Edson, Ivônia (mãe da Nathália), Luzia (mãe do Guilherme Siqueira), Ilda (mãe da Júlia), Nilva (mãe da Maria Emília), Carla (mãe do Matheus Adan), Fábio e Renata (pais do Pedro José), Ana Cláudia (mãe da Uiara), Waldete (mãe da Lays), Carlos Francisco (pai do Leopoldo).

2.4.2. Projeto Incluir: estratégias de intervenção psicoeducacional com alunos com necessidades educacionais especiais

Diante dos mais variados desafios encontrados pelo psicólogo escolar em sua prática, as questões referentes à inclusão escolar destacam-se pela complexidade dos fatores necessários à sua concretização, os quais abarcam aspectos conceituais, atitudinais, éticos, sociais, políticos, administrativos, pedagógicos, relacionais, dentre outros. Além deste conjunto de variáveis que interferem no processo de inclusão escolar, deparamo-nos no cotidiano com situações pertinentes à condição humana e à capacidade do indivíduo, na relação com o outro, em lidar com as diferenças que constituem a singularidade de cada ser humano.

Sabe-se que a legislação que assegura a permanência do(a) estudante com necessidades educacionais especiais preferencialmente na rede regular de ensino não garante a transformação de concepções e de posturas diferenciadas por parte do corpo docente e discente, em relação ao processo de inclusão escolar.

Diante desse contexto, o psicólogo escolar deve buscar estratégias de enfrentamento das resistências e das contradições vivenciadas no espaço escolar, visando à promoção de oportunidades de acolhimento e crescimento para todos os envolvidos, sobretudo para os que se encontram em situação de exclusão.

Nesse sentido, Lima (2015) explicita como um dos indicativos teórico-práticos de uma perspectiva crítica de atuação do psicólogo escolar:

Uma atuação que trabalhe para que os processos de inclusão sejam, antes de mais nada, contrários a mecanismos de exclusão, a fim de contribuir para a expansão da Psicologia na sociedade e para a promoção dos Direitos Humanos em diferentes contextos educacionais. (p.105)

A necessidade de considerar a realidade educacional em que estamos inseridas, bem como o compromisso de colaborar com o processo de ensino-aprendizagem de crianças com necessidades educacionais na Eseba/UFU levou-nos à elaboração do Projeto Incluir: estratégias de intervenção psicoeducacional com alunos com necessidades educacionais especiais.

No referido projeto, consideram-se “alunos com necessidades educacionais especiais” aqueles com prejuízos no desenvolvimento e/ou na aprendizagem que os impossibilitem acompanhar o trabalho escolar proposto para a maioria dos colegas de mesma faixa etária. Trata-se de alunos que requerem um trabalho pedagógico diferenciado, com adaptações curriculares, atendimento educacional especializado ou acompanhamento psicoeducacional.

O projeto foi iniciado por uma pesquisa-ação no ano de 2006, contando com a participação de quatro alunos, estagiários que os acompanhavam em sala de aula sob a minha supervisão e da professora Liliane dos Guimarães. Contamos com a participação do Instituto de Psicologia da UFU na realização desse projeto e, posteriormente, com a participação de profissionais da comunidade nas discussões de caso e atividades de formação de professores da Eseba/UFU.

A realidade de 2006 quanto à presença de estudantes com necessidades educacionais especiais se modificou de forma significativa na Eseba/UFU com o passar dos anos. A cada novo ano, chegavam mais crianças com necessidades educacionais especiais (não somente com deficiência). Essa demanda crescente levou a escola a se deparar com desafios e fragilidades quanto à efetivação de uma proposta de educação inclusiva. Essa situação foi especialmente sentida pela Direção da escola, pelo corpo docente e por nós, docentes de psicologia escolar/psicopedagogia responsáveis pelo acompanhamento psicoeducacional desses estudantes e pelo apoio aos professores.

Ao longo de anos vivenciei situações caóticas juntamente com os demais docentes da área, gestores da escola e com a equipe de professores em virtude de comportamentos extremamente inadequados apresentados por alguns estudantes, com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e outras supostas patologias. Lançamos mão de inúmeras estratégias e recorremos a diferentes instâncias dentro e fora da universidade em busca de apoio para lidar com tais situações.

Entretanto, a família de um dos alunos referidos entrou com reclamação no Ministério Público Federal contra o trabalho realizado pela Eseba/UFU. O Ministério Público Federal determinou que a escola fosse avaliada quanto à adequação de condutas e procedimentos. Além de mim, outros docentes, técnicos e gestores da escola foram submetidos a essa avaliação, incluindo produção de relatórios, entrevistas com órgãos públicos e avaliação institucional que se deu por uma comissão do Instituto de Psicologia da UFU (IP/UFU), designada oficialmente pela Promotoria para esse fim.

Nessa oportunidade, apontei de forma incisiva a realidade institucional e comprovei, juntamente com a Direção da escola, o conjunto de ações que havíamos adotado desde o ingresso do aluno à instituição, em 2005, até aquele momento. Tanto a Comissão do IP/UFU, quanto os órgãos externos designados para avaliar o trabalho da Eseba, emitiram pareceres favoráveis ao conjunto de ações realizado pela escola e aos esforços investidos para a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais na instituição, mas também foram apontados os aspectos que precisariam ser modificados. Além disso, também houve

reconhecimento da necessidade de a escola contar com outros profissionais para viabilização de ações inclusivas, uma vez que a quantidade de docentes e técnicos era insuficiente.

No ano de 2009, após dificuldades extremas vivenciadas pela equipe da Eseba/UFU, em função da escassez de docentes com cargo efetivo que realizassem ações de apoio ao processo educacional de alunos com necessidades especiais, o Ministério Público Federal determinou que a UFU destinasse uma vaga para docente de Educação Especial para a Eseba. No ano de 2010, recebemos a Prof^a. Lavine Cardoso Rocha, primeira docente da Área de Educação Especial aprovada em Concurso Público para a Eseba. A professora Lavine iniciou sua atuação em conjunto com a Área de Psicologia Escolar que, em virtude da afinidade do trabalho desenvolvido, passou a se chamar “Área de Psicologia Escolar/Educação Especial”¹⁸.

O Projeto Incluir continua realizando suas ações até o presente momento, é coordenado pelos docentes da Psicologia Escolar/Educação Especial e engloba a participação de alunos com necessidades educacionais especiais, familiares, estagiários de graduação da UFU, professores e técnicos da Eseba/UFU. Estive à frente da coordenação do Projeto Incluir nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009.

A foto a seguir registra um momento de confraternização dos profissionais da Psicologia Escolar e Educação Especial, juntamente com a assessora da Direção e amiga, Prof^a Analúcia de Moraes, em despedida de nossa parceira Priscila Moreira, ao final de 2018.



Da direita para a esquerda, Liliane, eu - Lucianna, Lavine, Janine, Klênio, Analúcia e Cláudia. À frente, Priscila com Maria Fernanda no colo (2018).

¹⁸ Posteriormente houve a conquista de novas vagas para a Área de Educação Especial e outros docentes passaram a compor esse trabalho, juntamente com a Prof^a Lavine Cardoso: Prof^a. Dra. Priscila Moreira Corrêa Telles (Atuou de 2015 a 2018), Profa. Esp. Janine C. Gonçalves Peixoto (2018 - atual). e Prof^a. Dra. Joice Silva Marques Mundim (2019 - atual).

2.4.3. Projeto de formação continuada de professores numa perspectiva inclusiva.

Particpei como membro desse projeto, que teve financiamento do PEIC (PEIC/2009 n.45), no período de junho a dezembro de 2009, com carga horária de 186 horas. Foi coordenado pela docente de psicologia escolar Prof^a. Ms. Liliane dos Guimarães Alvim Nunes, sendo que outros docentes da área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia também participaram como colaboradores, na execução do mesmo.

Em 06 de novembro de 2009 ministrei a palestra “Planejamento Pedagógico Interdisciplinar entre professores que trabalham com alunos com Necessidades Educacionais Especiais”. Ministrei a palestra “Relações família-escola, comunidade e a Inclusão Escolar” no dia 04 de dezembro de 2009, no Curso de Extensão: Formação Continuada de Professores numa Perspectiva Inclusiva, promovido pelo SEAPPS/ESEBA/UFU.

O objetivo principal desse projeto de extensão foi o de efetivar práticas inclusivas de caráter político-administrativo e pedagógico, contribuindo com a formação continuada em serviço dos professores da rede pública de Uberlândia-MG, para lidar com alunos com necessidades educacionais especiais.

2.5. Trajetórias na Pesquisa

Em qualquer campo de trabalho do psicólogo, a pesquisa pode ser uma importante ferramenta da ação profissional se a pretensão é um trabalho profissional ético e criativo.

(MARTÍNEZ, 2006, p. 113).

O cotidiano escolar é carregado por um dinamismo constante e permeado por uma série de atividades não previsíveis que atravessam planejamentos e horários, incorrendo em mudanças e ajustes nem sempre desejáveis. Viabilizar a realização de atividades de pesquisa em um contexto marcado por tais características não é tarefa fácil, mas certamente necessária.

Martínez (2010) aponta como fatores que dificultam a constituição de uma cultura da pesquisa na instituição escolar: a tradicional fragmentação entre pesquisa e atuação profissional, a representação ainda predominante acerca da pesquisa como atividade essencialmente acadêmica e a dinâmica do cotidiano atravessado pelas condições concretas de desenvolvimento do trabalho. Por outro lado, evidencia a pesquisa como instrumento fundamental do trabalho profissional dos diferentes atores da escola, dentre eles os psicólogos escolares.

Nesse sentido, concordamos com a autora ao propor a articulação entre o trabalho realizado pelo psicólogo e outros profissionais da escola para a realização de pesquisas

envolvendo alunos, professores, pais e membros da comunidade sobre questões diversas que comparecem no contexto escolar e merecem um olhar atento para que sejam compreendidas e enfrentadas. Em nossa prática, procuramos realizar pesquisas que favoreçam a investigação de fenômenos pouco compreendidos pelos atores da escola, com o intuito de ampliar possibilidades de intervenções futuras.

Conforme explicitado em diversas partes do texto, as trocas realizadas entre nós, docentes da Área de Psicologia Escolar da Educação Básica e os professores de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da UFU aconteceram com frequência e nos possibilitaram realizar várias ações em parceria, no Ensino, na Pesquisa e na Extensão. Algumas delas encontram-se descritas a seguir.

2.5.1. Pesquisa sobre (in) disciplina

A queixa de professores sobre a indisciplina de alunos é algo marcante em diferentes contextos escolares. Embora muitos estudiosos tenham se dedicado a investigar esse fenômeno e apontado que são múltiplos os fatores desencadeantes de comportamentos indisciplinados, incluindo o próprio alcance das propostas didático-pedagógicas em relação aos alunos e seus interesses, optamos por fazer um estudo mais minucioso no âmbito da Eseba/UFU, em virtude das queixas frequentes.

Essa pesquisa foi iniciada em 2006 com os II e III Ciclos da Eseba/UFU, sob minha coordenação em parceria com docentes do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. A segunda etapa da investigação foi realizada em 2008 com os professores, alunos e pais do I Ciclo com o objetivo de identificar a existência do fenômeno da indisciplina nesse ciclo. Foram realizadas discussões e reflexões em torno do tema indisciplina com professores dos II e III Ciclo, como desdobramento dos resultados percebidos nesses segmentos a partir da pesquisa, trazendo contribuições significativas para a escola. Vários trabalhos foram produzidos a partir dessa pesquisa para apresentação em eventos científicos.

No ano de 2008, a Prof^ª. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva, juntamente com a Prof^ª. Dra Paula Cristina Rezende de Medeiros convidaram as docentes da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia da Eseba/UFU para participar de um evento acadêmico em São Paulo, promovido pelo Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar (LIEPPE) da USP/SP. Este encontro reuniu estudantes e docentes de Psicologia Escolar de diferentes universidades para estudos e debates sobre a teoria histórico-cultural, com importantes pesquisadores dessa perspectiva teórica, com destaque para a Prof^ª. Dra.

Marilene Proença Rebello de Souza, Prof^ª. Dra. Sônia Mari Shima Barroco, Prof^ª. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva, Prof^ª. Dra. Marilda Facci, Prof^ª. Dra. Elenita Tanamachi, dentre outros.

Além desse momento significativo de aprofundamento teórico, tivemos a oportunidade de nos reunir com psicólogas escolares que atuavam na clínica-escola da USP e realizavam projetos de extensão voltados para a formação de professores e gestores de escolas públicas de São Paulo. Esta também foi uma experiência muito enriquecedora, pois trocamos informações sobre a forma como realizávamos nosso trabalho na Eseba/UFU, as dificuldades enfrentadas e ouvimos relatos de outras realidades escolares. Retornamos de São Paulo com a tranquilidade de que estávamos no caminho certo e demos continuidade às nossas ações, sempre buscando fundamentação teórica.



A caminho de São Paulo, em fevereiro de 2008. À esquerda, eu e Denise Rocha (docente de psicologia escolar substituta à época). À direita, acima, Prof^ªs. Paula Medeiros e Silvia Maria, com a estudante Flaviane. Abaixo, Cláudia, Marina e Liliane.

Vale destacar que durante todos esses anos de atuação na Eseba/UFU, participei juntamente com os demais colegas, de eventos promovidos por instituições representativas da Psicologia Escolar e Educacional, como a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), Conselhos Regionais e Federal de Psicologia (CRP/CFP), União Latino Americana de Psicologia (ULAPSI) e outras entidades. Além disso, eventos nacionais e internacionais de Educação e áreas afins também tiveram participação e divulgação do trabalho realizado por nossa equipe na Eseba/UFU.



Na foto acima, eu e a Profª Paula Medeiros. Abaixo, da esquerda para a direita, a Profª Maria José (Zezé), Profª Silvia Maria e a Profª Liliane, em São Paulo, no CONPE, em 2009.

2.5.2. Quem são os alunos de inclusão? – O olhar de professores da rede pública

Participei como membro dessa pesquisa realizada no ano de 2009, coordenada pela Profª. Ms. Liliane dos Guimarães Alvim Nunes. A pesquisa teve como objetivo identificar concepções de professores da rede pública acerca dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais e requerem um trabalho numa perspectiva inclusiva. A partir dessa investigação foram identificadas necessidades para a realização de cursos de formação continuada de professores, além de ter possibilitado a ampliação de discussões e produções na área da educação inclusiva, para além da realidade da Eseba/UFU.

A maior parte dos professores participantes dessa pesquisa apontou que não se sente preparada para o trabalho pedagógico com crianças com necessidades educacionais especiais, mesmo tendo trabalhado com tais alunos em anos anteriores. Foi possível identificar o quanto o professor se sente sem apoio para lidar com a questão da inclusão e o quanto se sente solitário em sua prática na própria escola, destacando a necessidade de contar com um profissional especializado para realizar essa interlocução e as devidas orientações.

Essa pesquisa trouxe elementos importantes tanto para pensar em propostas futuras de formação de professores em cursos e outras atividades de extensão à comunidade, quanto para abordarmos os resultados identificados nas discussões com os professores que já ocorriam no Projeto Incluir e nas Reuniões de Diálogo coordenadas pelos docentes de psicologia escolar/psicopedagogia na Eseba/UFU.

Em relação às atividades de pesquisa, durante o período de 2005 até dezembro de 2009, participei de vários eventos científicos com apresentação de trabalhos, publicação de resumos, resumos expandidos, trabalhos completos, mini cursos e mesas redondas, a grande maioria com apoio financeiro que viabilizou estadias e passagens em diversas cidades do Brasil, ou seja, investimento na qualificação do corpo docente, mais um diferencial dos Colégios de Aplicação em relação a outras escolas públicas.

Além disso, a produção bibliográfica foi significativa, culminando em publicações de artigos em revistas e capítulos de livros, que poderão ser verificados nos documentos comprobatórios. É importante destacar que todas essas produções se referem à socialização das práticas realizadas pelos docentes de psicologia/psicopedagogia na Eseba/UFU, em decorrência das ações e desdobramentos das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Nesse sentido, a Eseba/UFU esteve representada nacional e internacionalmente por mim e pelos demais docentes da Área de Psicologia Escolar/Educacional em relação ao trabalho diferenciado que essa escola realiza, incluindo a atuação do docente em psicologia escolar.



Acima, eu e Liliane no Congresso Nacional de Psicologia (CONPE), em 2009, em São Paulo.

3. Da gestação ao parto: trajetórias de 2010 a 2015

O início do ano de 2010 foi marcado por momentos de grandes expectativas. As atividades escolares na Eseba fluíram normalmente, com todo o dinamismo presente em uma escola repleta de crianças e adolescentes. Eu estava no sétimo mês de gravidez em pleno verão, conciliando o trabalho como docente de psicologia escolar, com a espera de minha primeira e única filha, cujo nascimento estava previsto para início de maio.



Em 27 de abril de 2010 vivenciei o momento mais pleno e intenso de minha vida: recebi em meus braços minha pequena Carolina. Fui a primeira docente da Eseba a gozar de seis meses de licença maternidade, uma conquista para as mulheres. Era momento de dedicar-me inteiramente à minha filha, ao lado de meu esposo, na tentativa de ser uma “mãe suficientemente boa” para meu bebê, de acordo com os pressupostos de Winnicott (1996).



Ainda em licença maternidade, em agosto de 2010 fui encorajada por duas colegas e amigas muito especiais (Luciana Muniz e Liliane dos Guimarães) a engajar na escrita de um projeto de pesquisa para o doutorado. Elas me ajudaram a acreditar que seria possível e que havia perspectivas futuras de Liberação para Qualificação em 2011, caso eu fosse aprovada. Em meio aos cuidados com minha filha, com quatro meses de vida, encarei esse desafio. Convicta de que meu desejo era estudar a atuação dos psicólogos escolares nos Colégios de Aplicação investi todos os meus esforços na elaboração do projeto de doutorado e em aulas de inglês instrumental, com o objetivo de me preparar para o Processo de Seleção no Doutorado em Psicologia na USP.

Contei com a ajuda de muitas pessoas parceiras e amigas: a prof^a Silvia Maria (IP/UFU) que me incentivou a prestar o doutorado, apresentou-me referências bibliográficas importantes, orientou e opinou sobre o projeto; o prof. e amigo de sempre Walter Mariano de Farianeto (UFTM), com contribuições decisivas no projeto; a prof^a Analúcia de Moraes (Eseba) que também auxiliou com o projeto e com reflexões para possíveis perguntas da banca de avaliação; a prof^a Paula Medeiros (IP/UFU) com a revisão cuidadosa do projeto, enfim, pessoas a quem agradeço imensamente.

Essa escolha foi ao mesmo tempo arriscada e decisiva: arriscada porque decidi que queria fazer o Doutorado em Psicologia Escolar, no Instituto de Psicologia da USP/SP, sob orientação de uma professora considerada referência na Área de Psicologia Escolar e Educacional no Brasil: Prof^a Dra. Marilene Proença Rebello de Souza. Eu não considerei nenhuma outra possibilidade e só submeti meu projeto a esse Processo de Seleção da USP.

Em outubro de 2010 era momento de retornar ao trabalho na Eseba/UFU, após a licença maternidade. O retorno às atividades trazia-me a dor de separar de minha pequena Carolina, para então dedicar-me novamente a outras crianças. No entanto, foi um período muito especial, quando pude me dedicar ao planejamento e realização de atividades de transição dos alunos de 9º ano e me despedir das turmas e das famílias que haviam iniciado o Projeto Integrar em 2006. A sensação era a de fechamento de um ciclo de grande aprendizado.

Paralelamente ao trabalho na Eseba/UFU, em novembro de 2010 ainda precisava cumprir o compromisso de participar da seleção para o doutorado. Lembro-me perfeitamente da primeira etapa, período em que estava amamentando a Carolina. Apoiada pelo meu marido Gustavo nessa decisão, partimos os três para São Paulo. Enquanto eu fazia a prova de inglês, pai e filha me aguardavam pelos corredores do Instituto de Psicologia da USP. Minha escolha foi novamente acertada: fui aprovada no doutorado do IP/USP/SP para iniciar no primeiro

semestre de 2011. Sempre acreditei em uma força maior, em Deus, em uma energia positiva e universal capaz de iluminar meu caminho e me auxiliar nas escolhas feitas.

Em dezembro de 2010, fui convidada a compor uma mesa redonda, juntamente com outros psicólogos formados na UFU, para ministrar o tema *Diferentes trajetórias em Psicologia*, na 2ª Mostra de Psicologia – 35 anos de História, realizada pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Cada palestrante era representante de uma área da psicologia, a saber: clínica, escolar, organizacional. Todos foram convidados a compartilhar histórias profissionais bem sucedidas em comemoração aos trinta e cinco anos do Curso de Psicologia na UFU. Senti-me extremamente lisonjeada por ter sido aluna da graduação em psicologia na UFU, docente de psicologia da Eseba/UFU e pelo reconhecimento de minha atuação na Área de Psicologia Escolar.

O início do ano de 2011 veio carregado de expectativas e angústia. Eu ainda não tinha a certeza se conseguiria a Liberação para Qualificação. Essa confirmação tão aguardada trouxe-me grande alegria e mais tranquilidade, já que poderia me dedicar ao Doutorado e conciliar os cuidados com minha filha, ainda bebê, nos períodos em que estivesse em Uberlândia.

Certamente, aqueles que já passaram pela experiência (e sobreviveram) a um doutorado sabem que o processo de investimento em estudo, preparação, pesquisa e desenvolvimento da tese é semelhante a uma gestação: uma verdadeira paixão pelo tema, muita dor, amor, incertezas, dedicação, ansiedade, trabalho, esgotamento, cuidados permanentes e noites em claro nos levam ao parto de efetivamente defender a tese e se tornar doutor.

Talvez a grande diferença entre gestar um filho e uma tese esteja nos momentos posteriores ao “parto”. A defesa de uma tese nos tira um peso imensurável das costas, nos alivia um tanto a preocupação, autoriza-nos dormir por horas a fio, com a sensação de dever cumprido. A produção escrita tem um início e um término. O nascimento de um filho nos invade integralmente por um amor infinito e sem descanso, multiplica nossas preocupações com o futuro e nos traz uma nova dimensão de tempo e espaço interno e externo. Questionamos onde e quando aquela vida começou e sabemos que não haverá jamais um ponto final.

Com a clareza de que muitos desafios viriam pela frente, mas certa de que encontraria apoio em meu esposo, familiares, amigos e colegas de profissão para conciliar as atividades do doutorado com minha função de mãe, matriculei-me no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento Humano da USP/SP.

Ingressar no Doutorado da USP/SP trouxe-me não só a realização de um sonho, como a certeza de que um novo mundo se abria para mim, principalmente ao me deparar com realidades tão diversas, a começar pelo contato com a própria cidade de São Paulo. O ritmo de vida paulistano é extremamente diferente do que vivenciamos em uma cidade como Uberlândia e ir semanalmente para São Paulo passou a fazer parte de minha rotina durante um ano e seis meses.

As disciplinas cursadas no doutorado ampliaram-me a visão de mundo e minha condição humana. No ano de 2011 cursei as disciplinas “A Queixa Escolar e a avaliação psicológica: visões tradicionais e pesquisa recente”, “O Olhar para a Diferença e o Diferente: questões sobre o uso da fotografia e do vídeo em Pesquisa de Psicologia” e “A Memória das Testemunhas”. Em 2012, matriculei-me na disciplina “O Trabalho de campo na pesquisa qualitativa em psicologia”.

O contato com os textos, reflexões pessoais e discussões coletivas ao longo do curso mobilizou uma infinidade de cenas acerca da minha atuação profissional durante esses anos. O mais interessante é que tais textos (uma releitura de muitos deles), fundamentados em uma perspectiva crítica de psicologia, haviam sido utilizados para a estruturação de minha prática na Eseba/UFU.

A retomada de leituras de referência na área de Psicologia Escolar e Educacional, as orientações e trocas com o grupo de pesquisa que passei a compor no Doutorado da USP/SP possibilitaram-me rever alguns conceitos e concepções, mas também a reafirmação de que a prática do psicólogo escolar envolve inúmeros desafios para que a articulação entre teoria e prática se mantenha continuamente no trabalho cotidiano.



Eu e meus parceiros do grupo de pesquisa em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano, com alunos de mestrado e doutorado, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza, no IP/USP/SP, 2013.

Algumas indagações me acompanharam no decorrer da minha trajetória enquanto profissional e pesquisadora. O que leva alguém a desejar fazer uma pesquisa? O que faz com que nos comprometamos com a(s) nossa(s) pergunta(s) a ponto de seguir em frente com a investigação mesmo sendo o percurso árduo, o tempo exíguo, as pressões constantes? Que força é essa que nos lança rumo ao que para nós é desconhecido?

No meu caso específico, as perguntas que me levaram à elaboração do projeto de doutorado acompanhavam-me há bastante tempo, desde os primeiros contatos que tive com a Eseba/UFU. Portanto, meu principal objetivo de pesquisa foi investigar as práticas dos psicólogos escolares que atuam nos Colégios de Aplicação das universidades federais. A pesquisa trouxe oportunidades muito ricas de conhecer com profundidade a história dos colégios de aplicação e, sobretudo, como ocorreu a inserção dos psicólogos nessas instituições.

O contato que tive com diretores dos CAPs de todo Brasil aproximou-me mais ainda da percepção que os gestores têm sobre as contribuições da psicologia à escola e me auxiliou na busca por informações mais precisas sobre quais dessas escolas contam com psicólogos em seu quadro de pessoal, ampliando os canais de comunicação com os próprios profissionais. Realizar as entrevistas com outros psicólogos que atuam nos CAPs também se revelou como importante atividade, tanto para a pesquisa, quanto para minha experiência profissional.

Além disso, foi um período de grande produção bibliográfica e de participação em eventos acadêmico-científicos na Área de Psicologia Escolar. Os quatro anos de inteira dedicação ao doutorado representaram para mim uma imersão em contextos que agregam pesquisadores e profissionais da Área de Psicologia Escolar do Brasil e de outros países. Sem dúvida, foi um tempo de muito crescimento e novas conquistas.



A foto acima registrou minha participação no 1º Encontro Paulista de Psicologia Escolar e Educacional, ao lado da minha orientadora, Profª. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza e dos queridos colegas de doutorado, Alexandre de Lucca (*in memoriam*) e Patrícia Lessa, no ano de 2012.

Tornei-me integrante da pesquisa “Desenvolvimento humano e aprendizagem nos primeiros anos da escolarização em países latinoamericanos - Brasil, Cuba e México” submetido no CNPq/MEC/CAPES nº 18/2012, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, coordenado pela Prof^ª. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza. Tivemos diversos encontros envolvendo pesquisadores renomados desses países, com destaque para o Prof. Dr. Guillermo Arias Beatón (Cuba) e Prof^ª. Dra. Ruth Mercado Maldonado (México).

Engajei-me no movimento do “Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade” principalmente no período do doutorado e participei de diversos eventos relacionados a essa temática, além das discussões no grupo de orientandos da Prof^ª Marilene Proença, em que alguns colegas dedicaram-se a pesquisar o fenômeno da medicalização em contextos educacionais.

Os estudos por mim realizados e a participação nos Seminários Nacionais e Internacionais sobre Medicalização favoreceram minha formação teórica sobre o assunto, o que possibilitou a elaboração de produções científicas e minha atuação como ministrante de palestras sobre esse tema para professores e familiares posteriormente, em 2011 e 2013.

Pelo fato de eu estar inserida como colaboradora no Projeto de Extensão “Formação de professores da rede pública - Temas em Psicologia na Educação Básica”, cadastrado no SIEX/UFU 10853/13, ministrei a palestra “Medicalização e Aprendizagem” para professores da rede municipal de Uberlândia, no CEMEPE, em novembro de 2013.

Para finalizar esta seção, aproveito a oportunidade para fazer um agradecimento especial à minha orientadora de doutorado Prof^ª. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza, docente titular do Instituto de Psicologia da USP/SP, que me acolheu em seu grupo e como sua orientanda. Tive o privilégio de realizar trocas importantíssimas para minha formação, uma vez que a Prof^ª Marilene Proença exerce, além da docência, atividades de representatividade no Conselho Federal e Estadual de Psicologia (CFP/CRP/SP), na Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), além de ser extremamente atuante nas discussões e proposições sobre políticas públicas em psicologia e educação. Assim, as orientações com a Prof^ª Marilene Proença foram momentos agradáveis, sempre permeados por seu senso de humor e disposição invejáveis, cujos conhecimentos teórico-práticos foram de grande relevância para minha formação humana e acadêmica.



Eu ao lado de minha orientadora, Prof^a. Dra. Marilene Proença, em maio de 2015.

A seguir, compartilho o resumo de minha tese.

Título da Tese: “**Atuação do psicólogo escolar nos colégios de aplicação das universidades federais: práticas e desafios**”

Resumo: O presente trabalho investiga a atuação de psicólogos escolares nos Colégios de Aplicação (CA) das Universidades Federais brasileiras. O **objetivo da pesquisa** é investigar práticas desenvolvidas pelos psicólogos nos CA das universidades federais, buscando identificar expressões teórico-práticas da perspectiva crítica em Psicologia Escolar e Educacional. O **referencial teórico-metodológico** utilizado é a Psicologia Escolar e Educacional em uma perspectiva histórico-crítica que se fundamenta no Materialismo Histórico Dialético. Para consecução desse estudo, optou-se pela abordagem qualitativa, cujos instrumentos foram entrevistas semiestruturadas com 6 psicólogos e 5 diretores dos CA, Grupo Focal e análise de documentos. O mapeamento inicial encontrou dezessete instituições públicas desta modalidade, das quais nove contam com psicólogo escolar em seu quadro funcional, totalizando treze profissionais. A partir da análise das entrevistas realizadas com psicólogos e diretores dos CA, bem como do Grupo Focal, elencamos temas e elegemos três Eixos de Análise. No primeiro Eixo, **Caracterização dos psicólogos da etapa de entrevistas individuais**, encontramos 100% de mulheres, com faixa etária entre 20 e 40 anos (71,4%), sendo 2 mestres, 1 doutora, as demais cursando Mestrado (2) e Doutorado (1), nas áreas de Psicologia e Educação. O segundo Eixo se refere à **Atuação do psicólogo**, em que predomina a tendência institucional de atuação, abrangendo vários segmentos – alunos, professores, família, gestão, equipe pedagógica, funcionários, comunidade e está voltada para Educação

Infantil, Ensino Fundamental e Médio e EJA. Notamos a presença de atividades tidas como tradicionais: avaliação psicoeducacional, orientação a alunos, professores e família, como também atividades consideradas mais emergentes: participação na elaboração do PPP, em Conselho Colegiado, em reuniões de planejamento pedagógico, apoio à gestão escolar, supervisão de estágio, realização de projetos de Ensino, Extensão e em menor proporção os de Pesquisa. Em relação aos principais desafios à atuação do psicólogo nos CA encontramos: romper com o modelo clínico de atuação, ampliar a leitura da queixa escolar, legitimar o lugar do psicólogo, lidar com o excesso de demandas e definir prioridades para a atuação, realizar grupo de estudo, lidar com professores altamente qualificados, encontrar elementos promotores de mudança na cultura escolar cristalizada, estreitar comunicação entre psicólogos dos CA. Das práticas desenvolvidas pelos psicólogos nos CA, localizamos o Estágio como a principal atividade promotora de **Articulação entre Educação Básica e Ensino Superior** (Eixo 3) e favorecedora do movimento de (re) formulação teórico-prática do conhecimento. Foram encontradas expressões teórico-práticas da perspectiva crítica em Psicologia Escolar e Educacional, apontando para avanços na área e para a continuidade de investimento na formação dos psicólogos. Concluímos que os CA são instituições potencialmente favoráveis a uma atuação predominantemente crítica em psicologia escolar, sobretudo pelas condições concretas de trabalho, por serem escolas básicas integrantes do sistema universitário público, as quais devem lutar pelo compromisso de garantir a qualidade da educação oferecida. Formulamos a tese de que a atuação dos psicólogos nos CA se configura em função das especificidades dessas instituições de ensino, incluindo o modo como se constituíram e se mantêm historicamente, sua definição e funções educacionais, além de características próprias da carreira e das singularidades dos psicólogos.

Portanto, desenvolvi a pesquisa “Atuação do psicólogo escolar nos colégios de aplicação das universidades federais: práticas e desafios” e a defendi em maio de 2015. Conteí com a presença de professores de referência nas Áreas de Psicologia Escolar e Educacional e também na Área de Educação, tanto na banca de Qualificação, quanto na Defesa, o que considero um privilégio. Na banca de Qualificação, além de minha orientadora Prof^ª. Marilene Proença Rebello de Souza, participaram as professoras Dra. Marisa Eugênia Melillo Meira (UNESP/BAURU) e Dra. Laurinda Ramalho de Almeida (PUC/SP). Na banca de Defesa, os membros titulares foram a Prof^ª. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva (IP/UFU), a Prof^ª. Dra. Laurinda Ramalho de Almeida (PUC/SP), a Prof^ª. Dra. Alacir Villa Valle Cruces

(Universidade Metodista de São Paulo) e a Prof^ª. Dra. Deborah Rosária Barbosa (FAFICH/UFMG).

Gostaria de destacar o importante papel que a Prof^ª. Silvia Maria tem em minha trajetória pessoal e profissional. Ela foi membro da Comissão Avaliadora do Concurso Público para Docente da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia em 2005, quando eu tive a oportunidade de conhecê-la e de ser aprovada. Ao longo de todos esses anos, ela sempre esteve presente e aberta ao diálogo comigo e com os colegas da Eseba, além dos projetos realizados conjuntamente. Incentivou-me a realizar inúmeras atividades acadêmico-científicas, convidou-me a participar de eventos em Psicologia Escolar em todo Brasil e a ingressar no Doutorado em Psicologia, em São Paulo, culminando na participação da banca de defesa. Embora não tenha participado oficialmente de minha qualificação, por estar à época na organização do XI Congresso Nacional de Psicologia realizado no mesmo período, colaborou com a leitura da pesquisa e trouxe importantes contribuições. Após a defesa da tese, convidou-me a participar como membro de banca de qualificação e de defesa de Mestrado no IP/UFU, além de convites para socializar os resultados de minha pesquisa e a trajetória como psicóloga escolar. A ela, meus sinceros agradecimentos e o desejo de continuarmos nossa parceria por muitos anos pela frente.



Da esquerda para a direita, Prof^ª. Déborah Rosária, Prof^ª. Silvia Maria, minha orientadora Prof^ª Marilene Proença, eu com “minha segunda filha” nos braços, Prof^ª. Alacir Cruces e Prof^ª. Laurinda Ramalho – maio/2015



Eu e meu esposo Gustavo Marangoni, que sempre esteve ao meu lado – maio/2015

4. Novos desafios: trajetórias de 2015 a 2019

O retorno oficial às atividades na Eseba após o período de liberação para Qualificação ocorreu no início de março de 2015. A defesa da tese aconteceu em maio do mesmo ano, conforme explicitado no tópico anterior. Ao resgatar os principais momentos desse período, guiei-me pela questão norteadora: “o que esses fatos fizeram comigo?” (PASSEGGI, 2008).

Lembro-me perfeitamente de que no primeiro dia em que retornei à Eseba, após quatro anos dedicados ao doutorado, acontecia no Anfiteatro a primeira reunião coletiva do ano letivo de 2015 com participação das famílias da Alfabetização Inicial, segmento em que eu passaria a atuar como docente de psicologia escolar. Fui surpreendida de imediato pela coordenadora pedagógica à época, a querida professora Eliana Carleto, com um convite ao microfone para me apresentar aos familiares.

Eu estava tomada por um sintoma de estresse pós-escrita de tese do qual fui me libertar longos meses após a defesa. Portanto, diante de um tremor incontrolável nas mãos, diagnosticado clinicamente como “Tremor Essencial”, e de posse do microfone, apresentei-me ao grupo de familiares e professores como a docente de psicologia escolar que responderia por aquele grupo de alunos, famílias e professores. Confesso que foi um momento extremamente constrangedor que marcou o recomeço das atividades na escola.

Assumir o trabalho com o grupo da Alfabetização Inicial foi, na verdade, uma escolha carregada de novos desafios. De um lado, o desafio de não ter desenvolvido ações com o I Ciclo da Eseba nos dez anos anteriores e, naquele momento, o de retornar à escola para assumir frentes de atuação diferentes das que eu havia vivenciado. De outro lado, o maior desafio era conciliar teoria e prática. Afinal, eu estava completamente absorvida nas leituras e nos conhecimentos construídos ao longo do doutorado, sobretudo em relação às discussões recentes acerca do fenômeno da Medicalização da Educação, incluindo a necessidade de romper com a lógica de culpabilização das crianças e suas famílias pelo fracasso escolar.



Nas fotos acima, eu juntamente com os parceiros da Alfabetização Inicial, da Educação Infantil, o diretor André Sabino e as assessoras da direção, Analúcia e Selma, em 2018.

As perguntas formuladas nesse momento de escrita do Memorial também se fizeram presentes no período de (re) estruturação de minhas ações em 2015: o que todos esses fatos vividos aliados aos saberes apreendidos em quatro anos fizeram comigo? De que forma traduzir em práticas esse processo tão rico de confirmação do compromisso da psicologia escolar com a qualidade da educação? Como lidar com a angústia de constatar que a realidade apresentada é extremamente distante do ideal percorrido, aquele encontrado nas produções bibliográficas?

No entanto, (re)encontrei estudiosos da área de psicologia que elucidam aspectos por mim vivenciados no cotidiano escolar. Martínez (2009) salienta a importância do compromisso social da Psicologia com a escola e a sua responsabilidade em lutar pelas transformações necessárias para a qualidade da educação brasileira. Nesse sentido, a autora destaca as diferentes formas de atuação do psicólogo escolar, dentre elas, a atuação em salas de aula como docentes, coordenadores de disciplinas, oficinas direcionadas ao desenvolvimento integral dos alunos, como pode ser constatado pela citação abaixo:

Com maior frequência começam a ser incluídas nas propostas pedagógicas das escolas espaços curriculares não-tradicionais. Alguns destes componentes curriculares em forma de disciplinas, projetos de trabalho, oficinas ou outras, abordam temas de conteúdo propriamente psicológico como autoconhecimento, desenvolvimento de habilidades interpessoais, desenvolvimento da criatividade, valores, elaboração de planos e projetos futuros e muitos outros. As experiências do psicólogo em condição de “professor” ou de coordenador de disciplinas, oficinas e projetos dessa natureza, se evidenciam como positivas (MARTÍNEZ, 2009, p.174).

As reflexões apresentadas por Martínez (2009) vão ao encontro do que defendemos ao longo de todos os anos de atuação como docentes de psicologia escolar na Eseba/UFU. Assim, iniciei meu novo percurso de atuação no segmento da Alfabetização Inicial, em 2015, sustentada principalmente no referencial teórico que fundamentou minha tese de doutorado (LIMA, 2015) e pelas diretrizes elaboradas pela Área de Psicologia Escolar da Eseba, expressas nos documentos apresentados ao coletivo da instituição, como Planos de Trabalho e Parâmetros Curriculares da Eseba/UFU (ESEBA/PCE, 2010).

O documento intitulado Parâmetros Curriculares da Eseba/UFU foi consolidado no ano de 2010, na gestão da Prof^a Elizabet Rezende com o objetivo de reunir os princípios educacionais e as propostas curriculares de cada área de conhecimento, abarcando todos os níveis de ensino da instituição. No que tange à Psicologia Escolar, o conteúdo apresenta objetivos, concepções teóricas e metodológicas, estrutura programática, sistematização de atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, além do objetivo geral da área, a saber:

fica a cargo da psicologia escolar, em linhas gerais, analisar criticamente os processos psicológicos envolvidos nas relações de ensino e aprendizagem e ainda discutir, no âmbito escolar, as questões ligadas ao desenvolvimento e aprendizagem do aluno (ESEBA/PCE, 2010, p. 298).

O PCE da Área de Psicologia Escolar e Educação Especial passou por revisões ao longo dos anos, mas as principais diretrizes, concepções teóricas e metodológicas foram mantidas como no texto original. Outro referencial por mim utilizado foi o conjunto de indicativos teórico-práticos da atuação do psicólogo escolar em uma perspectiva histórica-crítica, elaborados em minha tese de doutorado. Dentre eles, destaco:

Uma atuação em que seja possível compreender o psicólogo e seu papel inseridos no âmbito pedagógico, com função ético-política de problematizar o instituído, sem perder de vista seu compromisso com a função social da escola que é ensinar, ou seja, propiciar a todos a apreensão do sólido conhecimento historicamente acumulado (LIMA, 2015, p. 95).

Nessa direção, nas primeiras *Reuniões de Diálogo com os professores* da Alfabetização que coordenei, sugeri um exercício reflexivo acerca das práticas pedagógicas construídas pelo corpo docente da Eseba. Perguntas como: “O quê? Para quê? Para quem? Por quê? Como? Com qual finalidade? A quais interesses servem? A quais instrumentos teóricos e práticos recorrer?” foram dispostas em uma ficha plastificada e entregue a cada professor (inclusive eu), para que essas questões nos acompanhassem em nossos planejamentos, atividades executadas e nos momentos avaliativos das práticas realizadas.

Meu principal objetivo com esta proposta foi a de adotar e convidar meus colegas a assumirem ao meu lado uma *atitude filosófica*, de acordo com os pressupostos de Marilena Chauí (2000) e não perder de vista a estruturação de um trabalho pedagógico bem fundamentado teoricamente, com clareza da intencionalidade de cada ação.

Ainda em relação às Reuniões de Diálogo, tive a intenção de levar um novo formato de encontro, em que os professores pudessem apresentar situações do cotidiano escolar para nossas discussões coletivas. Assim, em maio de 2015, apresentei aos colegas a proposta seguinte:

“O relato abaixo é um exemplo de cena, adaptado da dissertação de mestrado de Adriana Marcondes Machado. Nossa proposta para a próxima Reunião de Diálogo é que cada professor relate uma cena de situação vivenciada em sala de aula que o angustiou ou o preocupou por alguma razão. Enfim, algo vivenciado no dia a dia. Cena é uma narração de fato (s) observado (s) ou vivido (s) no cotidiano escolar que pode desencadear um olhar mais

aprofundado. O convite é para que possamos compartilhar essas situações entre os colegas e eleger temáticas comuns para reflexão e aprofundamento. Segue o exemplo de cena:

Clóvis acertou o olho de Sandra com uma borracha durante a aula. Clóvis tem 11 anos, não para quieto. É do tipo que sabe bater ou apanhar. Sandra tem 9 anos, é distraída, com jeitão de bebê. Foi levada para o Posto de Saúde perto da escola para examinar o olho. Clóvis está com medo de ser expulso e de apanhar do pai. No grupo, Clóvis aterroriza todo mundo. João é medroso, chora quando se sente ameaçado por Clóvis. Pedro dá ordens como um chefe e é sedutor com quem tem algo que lhe interesse. Estavam brincando de bola e Clóvis disse: “Aposto que ninguém tira a bola de mim!” João faz de conta que não tem professor na sala e sai sem falar nada, para dar uma volta pela escola. O grupo está agitado, os meninos estão discutindo sobre o futebol e sobre quem escolherão para o time. As meninas querem jogar também. Reivindicam a quadra! Começa uma discussão e alguns se alteram bastante... Clóvis dá um tapa em Sandra e eles iniciam uma briga...

Peço-lhes a gentileza de registrarem brevemente um relato de alguma (s) situação (ões) vivenciada (s) por vocês nas respectivas turmas para socializar na próxima Reunião de Diálogo, que ocorrerá por ano de ensino. Abraços, Lucianna Ribeiro.”

O exemplo apresentado acima se refere a um formato de Reunião de Diálogo com os professores da Alfabetização Inicial. A partir dos relatos enviados pelos professores, fomos gradativamente dialogando sobre as cenas narradas, buscando ampliar nossa compreensão sobre as crianças envolvidas, sentimentos desencadeados nos estudantes e no professor, estratégias e outras possibilidades de enfrentamento das questões surgidas em sala de aula. Assim como esta, várias foram as proposições e temáticas abordadas nos encontros coordenados tanto por mim separadamente, quanto por coordenação conjunta com as colegas docentes da Educação Especial.

De modo geral, as reuniões de Diálogo são valorizadas pelo grupo de professores e pela Direção, por se tratar de momentos específicos para discussão de situações que ocorrem nas turmas, envolvendo trocas entre professores das diferentes áreas de conhecimento que acompanham tais grupos. Além disso, também são discutidos casos específicos de alunos que requerem acompanhamento diferenciado por parte da equipe escolar. As discussões culminam em encaminhamentos apontados pelo grupo, visando à resolução de possíveis entraves no processo de escolarização dos estudantes.

As propostas das Reuniões de Diálogo têm variações e a frequência se dá conforme o cronograma de reuniões coletivas da escola que está sujeito a mudanças, muitas vezes em função da demanda dos professores por espaços de planejamento e de realização de outras atividades pedagógicas.

Reunião de diálogo com professores



4.1. Atividades no Ensino

4.1.1. Acompanhamento Psicoeducacional

O primeiro e maior desafio com que me deparei no ano de 2015 após meu retorno à escola foi acompanhar o processo de escolarização de uma criança que estava matriculada no 2º ano e apresentava características comportamentais peculiares, a princípio diagnosticada com uma Síndrome rara e, posteriormente, com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O trabalho destinado a esse estudante ocorreu de forma contínua em 2015 e 2016, envolveu uma série de reuniões presenciais e à distância (via Skype) com a equipe multidisciplinar que o avaliou na cidade de Uberlândia e em outros centros localizados no estado de São Paulo. Médicos de diversas especialidades (neuropediatra, psiquiatra, geneticista), bem como psicólogos, neuropsicólogos, psicopedagogos, fisioterapeutas, enfermeiros dedicaram-se à investigação do quadro apresentado pelo aluno, enquanto a equipe escolar da Eseba também se debruçava em estudos científicos, buscava ampliar a compreensão do caso e estruturava algumas possibilidades de intervenção com a criança. No entanto, por mais que fizéssemos inúmeras tentativas, na maioria das vezes sentíamos-nos extremamente desafiadas a encontrar os melhores caminhos para a proposta pedagógica a ser realizada com o estudante.

Eu, juntamente com a prof^a Liliane dos Guimarães (Psicologia Escolar), Prof^a Lavine Rocha e Prof^a. Priscila Moreira (Educação Especial) estivemos à frente para pensar em atividades adaptadas às necessidades dessa criança. Foi necessário, inclusive, reduzir o tempo

de permanência do aluno na escola e em sala de aula, além de flexibilizar a participação dele de acordo com o interesse e envolvimento nas propostas, para que a criança se sentisse mais atendida em suas necessidades. Esses ajustes implicaram na reorganização do cronograma de atividades para esse aluno, o que levou a equipe de docentes de psicologia escolar e educação especial a realizar uma escala de rodízio de horários individuais destinados a atividades com a criança. Tanto eu, quanto as professoras Liliane, Lavine e Priscila tínhamos horários para acompanhar o aluno e o mesmo ocorreu com alguns professores de aulas especializadas que tiveram disponibilidade interna e de tempo para efetivação de tais ações.

A professora Clarice Carolina foi essencial nesse processo, uma vez que era a docente responsável pelo grupo em que o estudante estava inserido. Como professora regente, desempenhou com muito compromisso seu papel, “abraçando a causa ao nosso lado”, durante dois anos seguidos, dedicando-se a estudar textos de referência sobre a inclusão de crianças com TEA no ensino regular e a elaborar estratégias diferenciadas de trabalho que o alcançassem mais, inclusive com aulas extras individuais que passou a oferecer ao aluno.

Frequentemente, ele se recusava a realizar atividades. Demonstrava agressividade nas brincadeiras e também quando era contrariado, jogando objetos pela sala, xingando, gritando e batendo nos colegas e na equipe que o acompanhava. Na função de docente de psicologia escolar responsável pelo segmento da Alfabetização Inicial, lidar com o comportamento dessa criança e, ao mesmo tempo, acolher diferentes manifestações por parte de seus pares, dos familiares dos alunos e de toda a equipe escolar não foram tarefas fáceis. Além disso, o aluno raramente se relacionava com outras crianças, isolando-se na sala de AEE ou na biblioteca durante o período das aulas, ou brincava sozinho na horta da escola na hora do intervalo. Algumas vezes nem chegava a descer para o pátio no recreio, ou descia após muita insistência por parte das estagiárias e acabava por perder a maior parte do tempo de intervalo.

Diante dos desafios apresentados e por não termos professores de apoio na Eseba para o acompanhamento de crianças com necessidades educacionais especiais, entramos em contato com as professoras do Instituto de Psicologia da UFU com o intuito de elaborarmos ações em conjunto. Novamente fomos bem recebidas e definimos coletivamente pela elaboração de um projeto coordenado pelas docentes de psicologia escolar da Eseba (eu- Lucianna e Liliane), em parceria com a Prof^a Maria José (Zezé) e Prof^a Viviane Buiatti, integrando nossas ações às atividades de atendimento à queixa escolar previstas nos Grupos de Desenvolvimento e Aprendizagem (GDA) coordenados pelas referidas docentes do IP/UFU.

Assim, recebemos quatro estagiárias de graduação do Curso de Psicologia da UFU para participação dessa proposta de acompanhamento de duas crianças com questões desenvolvimentais de grande complexidade, sendo um aluno da Alfabetização Inicial e outro da Educação Infantil da Eseba. As estagiárias Thays Pirett de Oliveira e Livia de Arruda Focchi iniciaram o acompanhamento ao aluno da Alfabetização no segundo semestre de 2015, foram orientadas pelas professoras do IP/UFU e supervisionadas por mim em relação à condução das atividades na Eseba. Em 2016, a estagiária Livia de Arruda Focchi permaneceu no acompanhamento à criança e a aluna Ingrid Simões ingressou no estágio. Ambas estiveram sob minha supervisão no trabalho realizado por elas com o estudante em questão.

Ao longo dos dois anos houve grandes avanços. Possivelmente uma somatória de fatores contribuiu para a melhoria geral do processo educacional do aluno: o trabalho de toda a equipe da escola, a postura e envolvimento da professora regente Clarice e dos demais professores das aulas especializadas perante o aluno, o início do tratamento em psicoterapia clínica indicado pela escola (duas vezes por semana) e assumido pela família, a parceria com os professores e a vinda das estagiárias do Instituto de Psicologia/UFU, orientações sistemáticas à família que passou a ter uma participação mais próxima à escola e acompanhamento contínuo do aluno por parte dos docentes de psicologia escolar, educação especial e das demais áreas de conhecimento da Eseba. Foram criadas condições para que pudéssemos entender o contexto de vida do estudante, bem como seu comportamento.

Durante o processo de aproximação e cuidado para com o aluno, formou-se um vínculo muito importante para que ele sentisse confiança no ambiente escolar e conseguisse explorar outros locais da Eseba que não apenas a sala de AEE. Aos poucos, o aluno passou a participar de algumas aulas e, ao final de 2016, avanços importantes foram alcançados em relação à sua permanência na escola e à aprendizagem dos conteúdos trabalhados.

O relato desse caso exemplifica bem o conjunto de ações envolvidas no *Acompanhamento Psicoeducacional* realizado pelo docente de psicologia escolar na Eseba, cujas práticas não podem estar “engessadas” em formatos pré-estabelecidos de ações educacionais tão presentes na Escola tradicional em que nos formamos no passado e que ainda permanecem nos dias atuais. Afinal, lidar com a diversidade de um público que se apresenta a cada ano na Eseba, e certamente em outras escolas, requer mudanças estruturais significativas, mas, sobretudo, transformações atitudinais daqueles que estão à frente do processo educacional.

Nesse sentido, em consonância com Angelucci e Lins (2007) não estou aqui defendendo que o ideal educacional contemporâneo deva se sustentar no retorno à formação

educativa individualizada, na relação mestre-aprendiz, uma vez que retiraríamos da educação escolar exatamente o que há de mais rico e salutar: a presença de sujeitos particulares e diversos no encontro com o outro social. Aponto, sim, a importância de evidenciarmos a necessidade de a escola se abrir para mudanças, para construções coletivas de caminhos que envolvem muitas mãos, de não supervalorizar saberes técnicos como a aplicação de uma fórmula única para situações múltiplas, pois dessa forma “estaremos menos ao lado dos ideais, e mais próximos das pessoas envolvidas, de seus sentimentos, de seus dilemas e, principalmente, de nossas potências de realização.” (ANGELUCCI; LINS, 2007, p. 345).

É importante destacar que o caso relatado se refere a um aluno em um universo em torno de 220 alunos, dez turmas, uma média de 16 professores e quatro estagiários a cada ano sob minha responsabilidade. Em geral, cada turma apresenta vinte por cento do total de alunos que requer algum tipo de apoio em seu processo de escolarização, ou seja, quatro alunos por sala. Esse trabalho desencadeia uma série de desdobramentos que exigem ações contínuas de acompanhamento dentro e fora do espaço escolar, como avaliações psicoeducacionais, orientações individuais ou em pequenos grupos a estudantes, orientações à família, discussões de caso com profissionais da comunidade, diálogos com professores, intervenções psicoeducacionais em sala de aula, oficinas psicoeducacionais e outras.

Passarei agora à síntese de apresentação de outras atividades realizadas no Ensino, com destaque para as Oficinas Psicoeducacionais e Intervenções Psicoeducacionais em sala de aula.

4.1.2. Oficinas Psicoeducacionais

As Oficinas Psicoeducacionais¹⁹ foram criadas como forma de responder às demandas encaminhadas à Psicologia Escolar, complementando as propostas pedagógicas realizadas pela escola e priorizando os educandos com queixas escolares. Com isso, visa-se, sobretudo, criar campos ampliados de análise conjunta, interdisciplinaridade, movimentação e ressignificação das queixas escolares (LIMA; MARQUES, 2016; MUNIZ; LIMA, 2019).

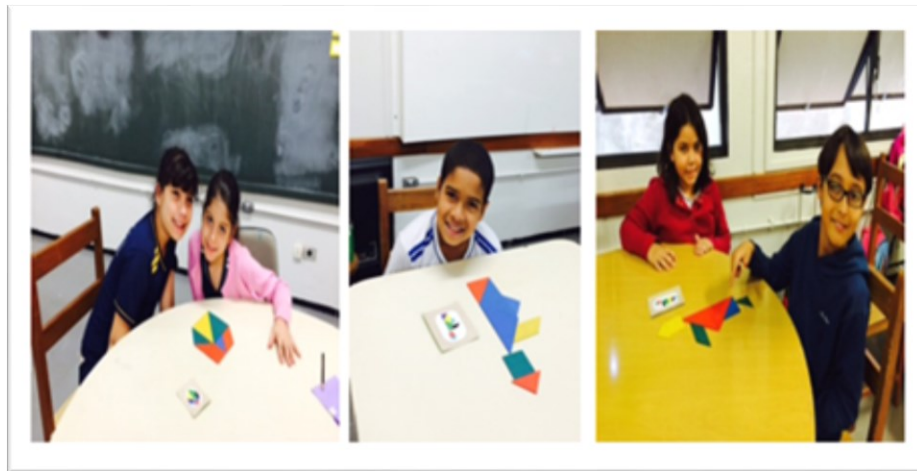
¹⁹ Para ampliar a compreensão do trabalho realizado pelas docentes de psicologia escolar no que se refere às atividades denominadas “Oficinas e Intervenções Psicoeducacionais” o leitor poderá acessar em breve o capítulo “Contribuições da psicologia escolar às demandas de crianças em fase inicial de alfabetização: intervenções e oficinas psicoeducacionais”, de autoria de Lucianna Ribeiro de Lima, Liliane dos Guimarães Alvim Nunes e Gabriela Martins Silva, a ser publicado no e-book: MUNIZ, L. S. (Org.). **Linhas de experiências nos processos de ensino e aprendizagem**. Uberlândia: EDUFU, [s.d.] 1. v.

As Oficinas Psicoeducacionais são realizadas no contra turno das aulas, geralmente envolvendo grupos de crianças de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I (Alfabetização Inicial) da ESEBA/UFU, que demandam acompanhamento psicoeducacional relacionado ao processo de ensino-aprendizagem e ao convívio no contexto escolar, cujas queixas podem estar associadas ou não a questões afetivo-emocionais. Os encontros acontecem semanalmente ou quinzenalmente, a depender da organização das atividades de contra turno propostas pela escola no ano corrente, com duração de 1 hora e 30 minutos.

Após meu retorno do período de qualificação, essa atividade foi oferecida a partir do 2º semestre de 2015 para alunos de 1º anos (5 alunos), 2º anos (11 alunos) e 3º anos (10 alunos) em horários diferentes no contra turno. À época, contei com a participação de uma estagiária do Curso de Pedagogia, Talita Caroline da Silva Marques, que esteve sob minha supervisão e que me auxiliou de forma decisiva na viabilização das propostas. Diversas atividades foram realizadas em cada encontro, dentre elas: confecção de crachás, leitura e produção de Histórias em Quadrinhos, Jogo dos Pontinhos, Bingo de números e de adição, Jogo de Trilha Alfabética, Atividade relacionada ao filme “Divertidamente”, Baralho do “Sou, não sou”, atividade de completar frases, entrevistas em duplas, Jogo Imagem e Ação, atividade “gosto e faço, gosto e não faço”, jogo do Tangram, simulação de compras e uso do sistema monetário, e outras.

No ano de 2016 as Oficinas Psicoeducacionais foram realizadas com crianças de 2º e 3º anos da Alfabetização, com uma média de 12 participantes por grupo. O projeto anual que estruturou a proposta foi “O universo da criança de 7/8 anos”. Os temas de cada encontro faziam referência ao projeto e as atividades desenvolvidas envolviam expressão em diferentes linguagens, raciocínio lógico-matemático, a relação afeto-cognição dentre outros.

As fotos abaixo registram um momento das Oficinas Psicoeducacionais em 2016, sob minha coordenação, com a participação das estagiárias Talita e Brenda.



A oferta de estágio na Eseba, uma das funções dos Colégios de Aplicação, traz grandes contribuições tanto para nós que contamos com a colaboração dos graduandos e participamos do processo formativo, quanto para eles no que diz respeito à aproximação do cotidiano de uma escola pública que pauta seu projeto político pedagógico em ações de ensino, pesquisa e extensão, estreitando o conhecimento produzido em diferentes níveis de ensino, a saber, Educação Básica e Superior.

Em 2017, em função de demanda mais específica, as Oficinas se destinaram às crianças de 3º ano (16 alunos). Além de observações e relatórios produzidos por encontro, elaboramos relatórios individuais referentes à aprendizagem/desenvolvimento expressos por cada criança participante, os quais auxiliaram nos diálogos com os professores e com as famílias, além de favorecer a análise do processo evolutivo, bem como a formulação de objetivos específicos a alcançar com os estudantes.

Nesse processo, alguns aspectos gerais do funcionamento do grupo foram identificados: a maioria das crianças se mostrou interessada e motivada a participar das oficinas; os participantes apresentaram comportamento de grande agitação e dispersão na

maioria dos encontros; algumas crianças queriam ser atendidas de imediato, demonstrando dificuldade em aguardar a própria vez; dificuldade em lidar com a frustração de não vencer ou de superar os desafios encontrados, o que foi trabalhado ao longo dos encontros (alguns tendiam a desistir rapidamente e queriam mudar de jogo/atividade); a maior preocupação expressa pelos alunos foi em relação ao domínio da leitura e da escrita; muitos alunos demonstraram mais interesse em matemática, do que em leitura/escrita; necessidade de trabalharmos constantemente o sentido e a função social da leitura/escrita; trabalhamos o respeito às diferenças e a importância da cooperação.

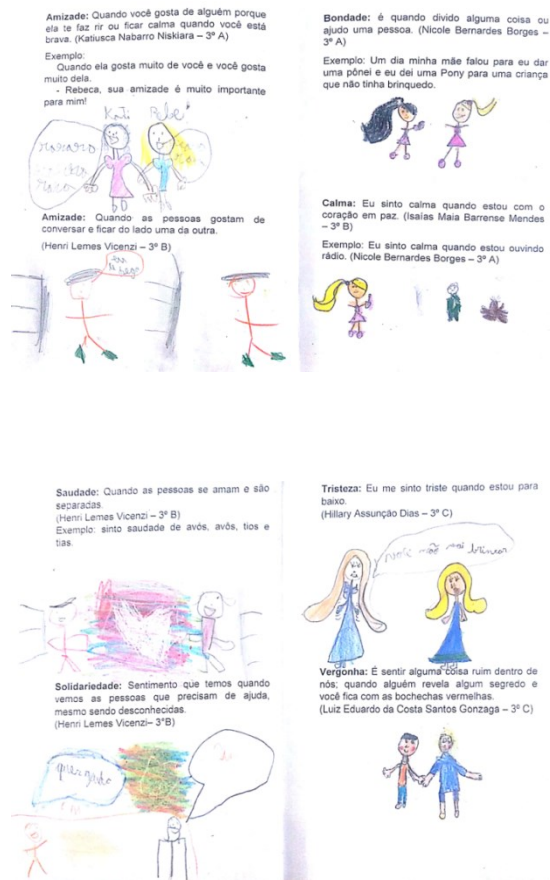
Uma proposta realizada nas Oficinas Psicoeducacionais no 2º semestre de 2017 que gostaria de destacar foi a construção coletiva de um dicionário de sentimentos de autoria das crianças participantes. O principal objetivo foi possibilitar às crianças situações em que entrassem em contato com suas emoções e sentimentos, e elaborassem um dicionário com definições de sentimentos que eles próprios vivenciam nas diversas relações sociais.

A ideia foi inspirada no livro “Dicionário Ilustrado de Sentimentos”, de Fernanda Salgueiro. O recurso disparador foi a obra literária infantil “O homem que amava caixas”, de autoria de Stephen Michael King e, a partir da leitura do livro, foram desencadeados diálogos reflexivos sobre possíveis sentimentos experimentados pelas personagens principais. Durante a mediação do grupo, eu e a estagiária Andressa Dias auxiliávamos as crianças a relacionarem os principais sentimentos evidenciados na narrativa com suas vivências pessoais, de modo que pudessem entrar em contato com as próprias emoções, como forma de expressão de suas subjetividades.

A etapa seguinte foi o exercício de elaboração de significados pessoais dos sentimentos escolhidos pelas crianças, bem como de exemplos de situações que caracterizavam suas formulações. Revisou-se, ainda, a função do dicionário da língua portuguesa e foram realizadas algumas consultas sobre significados dos sentimentos mais conhecidos pelas crianças: amor, alegria, saudade, raiva, vergonha, ciúme, dentre outros. Durante os encontros, ocorreram diversos momentos de elaboração e reelaboração dos significados iniciais, por meio de revisão textual, até a versão definitiva.

Para concluir, chegamos ao momento da ilustração dos sentimentos elaborados, em que os estudantes se expressaram por meio da linguagem do desenho. O resultado desse trabalho revelou de forma singular a riqueza e a criatividade do universo infantil, apontando a contribuição da psicologia escolar ao promover espaços para que os alunos expressem seus sentimentos no contexto da escola, por meio de diferentes linguagens.

Como resultado desse rico processo, o trabalho intitulado “Dicionário de Sentimentos: uma contribuição da psicologia escolar para a expressão da subjetividade em crianças” foi apresentado por mim e pela graduanda Andressa Dias na XXIII Semana Científica de Psicologia, de 27 a 30 de agosto de 2018, no Instituto de Psicologia da UFU e recebeu o prêmio de Menção Honrosa como melhor trabalho na modalidade comunicação oral. As imagens a seguir exemplificam algumas definições que compõem o “Dicionário de Sentimentos” (2017).





Acima, eu juntamente com a estagiária Talita Marques e as crianças participantes das Oficinas em 2017. À frente, a bolsista da Prograd/DIREN, Andressa Dias, que me acompanhou por 2 anos.

Em 2018 e 2019 dei continuidade às Oficinas Psicoeducacionais voltadas para crianças de 2º e 3º anos e as propostas foram elaboradas considerando as demandas das crianças ao longo do processo. Vale destacar que as Oficinas Psicoeducacionais são atividades que oferecemos continuamente, a cada ano letivo, e os planejamentos são realizados tomando por base as necessidades dos estudantes identificadas pelos docentes regentes e de aulas especializadas juntamente com o docente de psicologia escolar.

Sempre que possível, conto com a participação de estagiários para planejamentos, preparação de materiais e realização dos encontros. No entanto, nem sempre a disponibilidade dos graduandos coincide com os horários destinados a essa atividade, o que traz prejuízos significativos ao processo de mediação com as crianças, uma vez que a maioria dos participantes requer apoio na realização das propostas e sozinha é inviável atender a todos. Outro aspecto que gostaria de destacar é que as Oficinas Psicoeducacionais de 2015 a 2019 foram coordenadas por mim e estive presente em todos os encontros, sendo que as estagiárias participaram como colaboradoras e, em momento algum, assumiram a condução do trabalho sozinhas.

Em 2018²⁰, identificamos que as crianças das Oficinas tinham grande interesse por animais de estimação, sendo que a maioria possuía cachorro ou gato. Propusemos às crianças aprofundar sobre o tema “Animais de estimação” e o trabalho foi extremamente significativo. Tive a ideia de solicitar aos professores de 2º e 3º anos que enviassem fotos deles com seus respectivos animais e montamos uma apresentação surpresa para os estudantes. Eles ficaram encantados ao ver seus professores em suas residências, cuidando de seus animais e apresentando-os aos alunos. Essa atividade trouxe evidências da importância dessa aproximação entre alunos e professores, no sentido de que as crianças puderam constatar que professores também são sujeitos carregados de singularidades.

Produção de texto coletiva, inspirada no livro “Era uma vez um gato xadrez”, de Bia Vilela, com a colaboração de todos os participantes das Oficinas Psicoeducacionais de 2018.

“Era uma vez um gato xadrez,
Que foi para a China
E ficou chinês.”

“Era uma vez um gato lilás,
Comeu tanta bola,
Que ficou para trás.”

“Era uma vez um gato de coração
Ele se apaixonou
Como um funicle.”



“Era uma vez um gato pelado,
Que pulou o muro
E ficou machucado.”

“Era uma vez um gato listado,
Comeu tanta linha,
Que ficou bondado.”

“Era uma vez um gato semidente,
Olhou no espelho
E ficou sem dente.”

“Era uma vez um gato verde,
Comeu tanto alface,
Que ficou mais verde.”

“Era uma vez um gato roxo
Caiu da gaiola
E ficou xoxo”

“Era uma vez um gato amarelo
Caiu do vaso
E ficou banguelo”

“Era uma vez um gato azul
Ficou com tanto fio
E fugiu para o sul”

²⁰ No ano de 2018, contei com o apoio da estagiária Mariah Costa Bonatti (PROGRAD/DIREN/2018) que permaneceu na Eseba até julho de 2019. A estagiária Vanessa Diniz colaborou com minhas ações na Eseba em 2018 através do Projeto de Extensão “Atuação em Psicologia Escolar/Educacional: intervenção psicoeducacional”, registro SIEX 17763, em conjunto com a Prof^a. Dra. Paula Cristina Medeiros, do IP/UFU, a quem agradeço pela parceria de sempre.



Acima, o registro de um encontro de fechamento semestral da Oficina em julho de 2018, com o tema “Aniversário”. Eu, as crianças participantes aprendemos a fazer uma dobradura de porta lápis, com nosso convidado especial, Prof. Klênio, docente da Área de Psicologia Escolar.

Nas Oficinas Psicoeducacionais em 2019, a ênfase foi dada para atividades que priorizaram o autoconhecimento e expressão da subjetividade por meio de produções das crianças. Em um dos encontros, sugeri às crianças que fizessem uma proposta intitulada “Maquete do EU” (a atividade foi espontaneamente criada por minha filha Carolina e adaptada por mim aos objetivos de meu trabalho), que se encontra descrita a seguir.

MAQUETE DO EU

Aquecimento – Dinâmica do espelho: colocar um espelho dentro de uma caixa ou livro com tampa. Dispor as crianças em roda e contar uma história cujo personagem tem inúmeras qualidades, mas não é apontado pelo autor. Após esse momento, deve-se solicitar à cada criança que se sente em uma cadeira colocada à frente da roda, separada dos demais colegas, e pedir que descubra quem é o personagem principal da história. Pedir, ainda, que os participantes guardem segredo.

A proposta é feita para que as crianças representem os aspectos principais que constituem o EU e sua VIDA. Essa representação poderá ser feita por meio de desenho, com a representação de si mesmo – “EU”, da FAMÍLIA, dos AMIGOS, da CASA, da ESCOLA e de outros lugares, objetos, alimentos e pessoas que são importantes em sua vida.

Algumas questões norteadoras: Como me vejo? Quais são minhas características pessoais – como sou fisicamente? E internamente? Como é meu jeito de ser e relacionar com as pessoas? Quais são minhas características psicológicas mais marcantes? O que mais gosto de fazer? Quais são meus alimentos preferidos? Como me divirto? Quais são os programas de TV preferidos? Tenho algum objeto, brinquedo, animal de estimação de que gosto muito e é difícil me separar? E medos? Quais são meus principais medos? Quando sinto medo?

Quais são as pessoas principais de minha vida? Quem são? O que mais gosto de fazer na companhia delas? Com quem eu me pareço? Por quê?

Como é minha casa? E meu quarto? Qual o lugar preferido de minha casa? Tenho convivência com vizinhos? Com quem? Como é essa amizade?

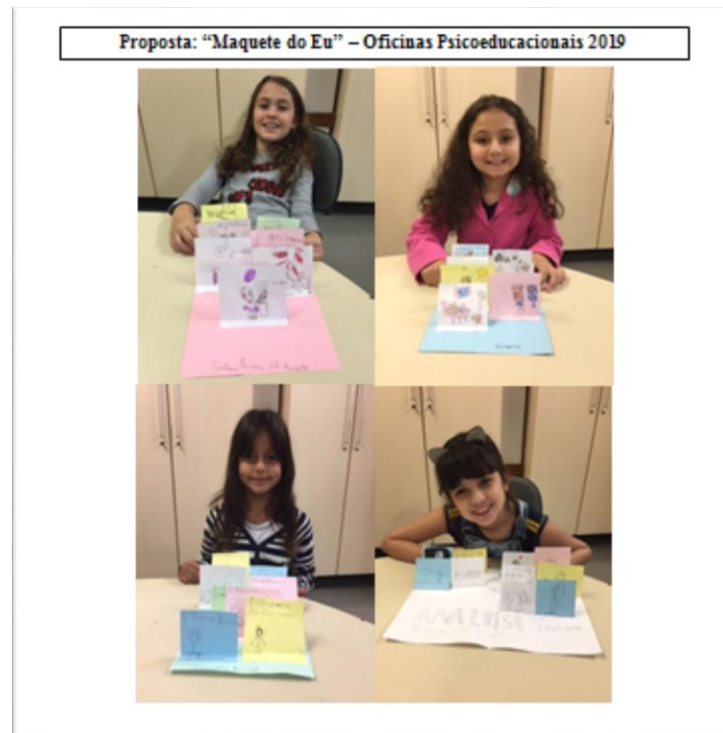
Como é minha escola? Quais são os lugares preferidos de minha escola? E meus amigos mais próximos? Como são meus professores? O que mais gosto de fazer quando estou na escola? O que não gosto de fazer quando estou na escola?

Quais outros lugares costumo ir durante a semana? Faço aulas em outros locais? Pratico esportes? Se sim, quais?

Qual é o meu maior sonho?

A partir das questões propostas e de diálogos com as crianças, solicitar que registrem por meio de desenhos e/ou escrita, em pequenos papéis, o que mais as caracteriza e as descreve como pessoas, únicas.

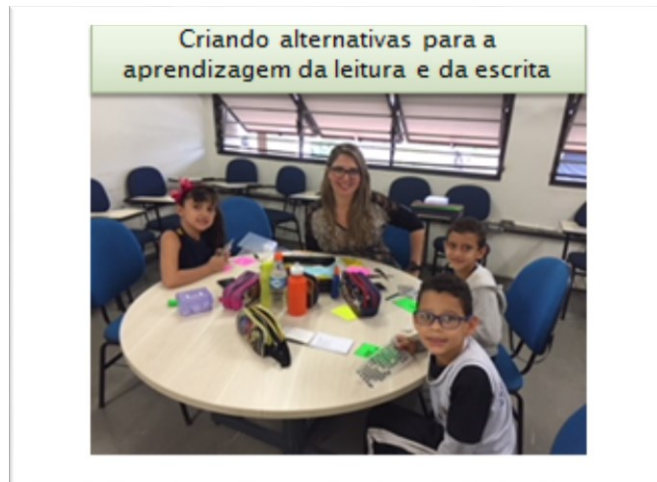
Por fim, as crianças dispõem e colam em uma folha os papéis produzidos, formando a MAQUETE DO EU.



Esta atividade foi utilizada em diferentes ações na Eseba, com estudantes de turmas diversas e com finalidades específicas ao trabalho com cada grupo. Outro exemplo de situação em que usamos esta proposta foi nas *Oficinas Literárias*, projeto de intervenção coordenado por mim e pela Prof.^a Joice Ribeiro, realizado com sete crianças com dificuldades no processo de alfabetização, estudantes de 2º e 3º anos. Em um dos encontros, a “Maquete do Eu” foi relacionada ao poema “Eu – inho” e exploramos com os estudantes possibilidades de elaboração de rimas envolvendo interesses e características pessoais. No segundo momento, auxiliamos os/as alunos/as na produção de seus próprios poemas.

Os objetivos gerais das *Oficinas Literárias* foram: averiguar o desenvolvimento da leitura e da escrita; investigar aspectos subjetivos envolvidos nos processos de aprendizagem da leitura e da escrita; analisar o nível de compreensão leitora; analisar a capacidade de escrita; identificar as principais dificuldades ortográficas; ampliar a experiência estética com o gênero literário (poema); aprofundar os conhecimentos referentes ao gênero poema.

Os encontros aconteceram em três aulas semanais, sendo duas aulas com grupos separados por ano e uma aula com todos os participantes, no período de agosto a novembro de 2019. Os resultados foram avaliados positivamente por todos os professores, apontando para a efetividade de intervenções pontuais como a relatada anteriormente, que atendam necessidades específicas de aprendizagem das crianças, seja na apropriação da leitura e da escrita ou em outras áreas.



Circuito Pedagógico - 2018

4.1.2. Intervenções Psicoeducacionais

As “intervenções psicoeducacionais” são ações realizadas pelos docentes da Psicologia Escolar com grupos de estudantes, com o objetivo de tematizar situações trazidas pelas crianças nas vivências escolares e em suas experiências de vida, conforme explicitado em documento construído pela Área de Psicologia Escolar e Educação Especial da Eseba/UFU (ESEBA/PCE, 2010).

Ao desenvolver intervenções psicoeducacionais com crianças da Alfabetização Inicial, cujas temáticas principais referem-se à ética, respeito, solidariedade, cidadania, responsabilidade social, justiça, não-violência, democracia, diversidade, conhecimento de si e do outro, amizade, fases da vida, consumismo na infância, dentre outros, temos plena convicção de que trabalhar esses temas é responsabilidade de todos. Contudo, fundamentadas em nossa formação em psicologia, vivenciamos na prática escolar as contribuições advindas desse campo de conhecimentos (LIMA; NUNES, 2011).

Como forma de ilustração, apresento a seguir alguns recortes de intervenções psicoeducacionais realizados com alunos da Alfabetização Inicial da Eseba/UFU em que pudemos perceber possíveis efeitos dessas ações para identificação de posturas e comportamentos por parte das crianças, permitindo-nos estabelecer diálogos acerca de temas considerados polêmicos.

Em intervenção psicoeducacional, cuja proposta destinava-se à assembleia de sala, recorri a um recurso denominado “Gavetas da Sinceridade”, em turma de 3º ano do Ensino Fundamental no ano de 2017, alguns depoimentos de crianças chamaram minha atenção e a dos professores, apontando para a necessidade de ações específicas que promovessem mais discussões acerca das diferenças étnico-raciais e dos padrões de beleza impostos pela mídia e pela sociedade de consumo. Alguns exemplos de depoimentos:

“Um amigo me chamou de preto, e já vi alguém chamar outro colega de gordo.” (A1)

“Meus colegas me chamam de gorda e feia”. (A 2)

“Meus amigos falam mal de mim porque sou baixinho”. (A 3)

“Minha colega não quis pegar na minha mão quando fizemos dupla, porque disse que sou sujo. Acho que é por causa da minha cor.” (A 4)

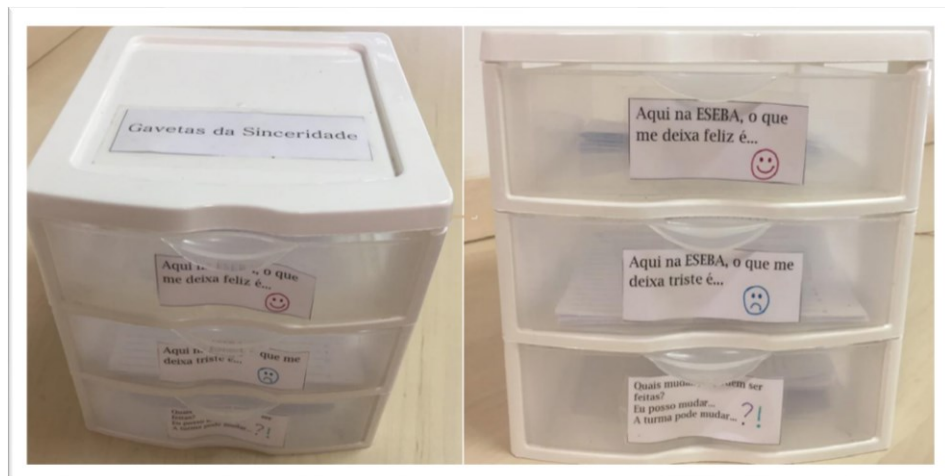


Foto do recurso “Gavetas da Sinceridade”, geralmente utilizado em intervenções psicoeducacionais destinadas às assembleias de classe.

Em outro momento que realizei intervenção em sala de aula com crianças de 2º ano do Ensino Fundamental, por meio de um instrumento adaptado por mim e intitulado “Jogo da Convivência”, composto por fichas contendo questões sobre possíveis situações vivenciadas no cotidiano escolar e em outros contextos sociais, uma aluna respondeu à seguinte pergunta:

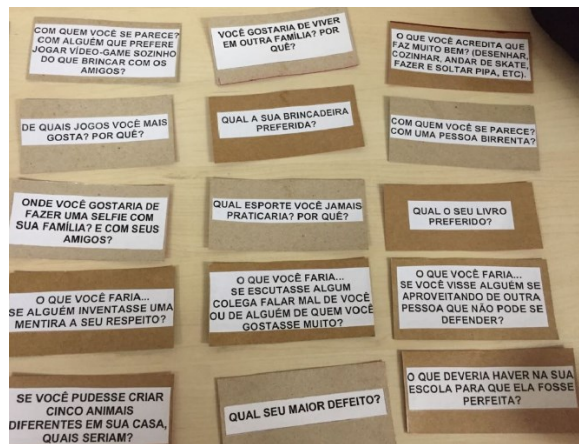
Meu colega é discriminado porque tem a cor de pele diferente dos demais. Como será que ele se sente? O que você pensa sobre isso?

Resposta: “Essa pessoa deve se sentir mal, a cor da pele das pessoas não faz diferença”. (A 5)

Outra criança, na sequência, pede a palavra e relata que já viveu situações em que foi discriminada e excluída no ambiente escolar, pelo fato de ser negra e morar em assentamento.

Possibilitar espaços para expressão livre de pensamentos e de sentimentos vividos pelos estudantes é dar voz às crianças, principalmente àquelas que sofrem com opressões em diferentes contextos sociais. O intuito é que, a partir das falas e da emergência desses fatos, criemos oportunidades de problematização acerca de diversos temas, na maioria das vezes considerados assuntos delicados ou que causam constrangimento em muitos professores.

Como docente de psicologia escolar entendo que são discussões necessárias e que é compromisso social do psicólogo lutar pelos direitos humanos e conscientizar as crianças, que estão em formação, de seu papel na construção de uma sociedade mais justa e humana.



Algumas cartas que compõem o Jogo da Convivência

Abaixo, elenco alguns temas abordados, com fotos ou imagens de produções das crianças ou vivências em diferentes momentos das intervenções Psicoeducacionais. Vale destacar que são vários os assuntos trabalhados, cuja definição depende da demanda de cada grupo.

- A. Fases da vida
- B. Termômetro do desenvolvimento
- C. Adultização da infância
- D. Mudanças acontecem em nossa vida
- E. Medos
- F. Aprendendo a lidar com o erro
- G. A História do Tangram e o jogo
- H. Cooperação grupal: cada peça tem seu valor!
- I. Convivência em sala de aula: quais são os desafios?

OS DESAFIOS QUE ACEITAMOS BRAVAMENTE – 3º C – JULHO/ 2017

ALUNO	EU ME DESAFIO A ...	EU TE DESAFIO A ...
L	Eu me desafio a não falar na hora errada e a não falar bobagem	Desafio a turma a ficar quieta
I. S.	A ler livros em uma semana, sentar com outros colegas, não conversar na hora errada	3º C: não ficar interrompendo na hora que o colega está falando ou explicando, não falar muito alto em qualquer aula. Não deixar chiclete embaixo da mesa.
A.	Parar de cochichar com as amigas na hora da aula.	Algumas colegas a parar de sentar juntas todos os dias e todos os alunos deixarem todos os professores falarem, sem atrapalhar as aulas.
V.	A falar na hora certa e não atrapalhar a Eliana quando ela estiver explicando a atividade, a me comportar melhor para ajudar a sala toda	Desafio o 3º C a parar de irritar a professora de Educação Física e a parar de conversar na hora errada

J. Entendendo, respeitando e vivendo as diferenças!



- K. O que nos une enquanto grupo?
- L. Gente que mora dentro da gente!
- M. Eu e o outro
- N. A importância da amizade





Cooperação grupal: cada peça tem seu valor! (1º ano -2019)



Eu e o outro – 2º ano - 2018

4.1.3. Projeto PBG/PROGRAD/DIREN/UFU

Desde o ano de 2015 até julho de 2019 submeti aos Editais lançados anualmente pela Pró-Reitoria de Graduação e Diretoria de Ensino da UFU um projeto intitulado “Avaliação e intervenção psicoeducacional de crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental na perspectiva histórico-cultural”, cujo objetivo geral é realizar processos de avaliação e intervenção psicoeducacional no contexto escolar destinados a crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental da Eseba, tomando como elementos centrais de investigação e intervenção o processo de escolarização de crianças com queixas escolares e o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores.

Em minha prática como docente de psicologia escolar na ESEBA/UFU, tenho procurado romper com propostas de avaliação tradicionalmente anunciadas pela Psicologia, cuja ênfase é determinar o que a criança já domina. Apesar de ser uma tarefa de grande complexidade, tenho procurado desenvolver ações que permitam, portanto, “avaliar o aluno prospectivamente, naquilo que ele pode se desenvolver, e não se restringir àquilo que o aluno não consegue realizar [...]” (CFP, 2013, p. 56).

Em todos os anos mencionados, o projeto de minha autoria e coordenação foi aprovado com concessão de uma bolsa²¹ para estudante de graduação da UFU, o que possibilitou a realização de inúmeras atividades de investigação de queixas escolares, bem como propostas de intervenção, de forma articulada às Oficinas Psicoeducacionais, apresentadas em seção anterior.

4.2. Atividades de Pesquisa

No ano de 2018 fui convidada pela Prof^ª. Dra. Luciana Soares Muniz a participar de projetos muito importantes, sendo um de pesquisa e dois de extensão, ambos relacionados à temática por ela pesquisada durante o doutorado. A pesquisa intitulada “Avaliação de uma experiência didática com foco na emergência da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita e no desenvolvimento da subjetividade” iniciou-se em 2018 e tem previsão de conclusão para 2022.

O projeto de pesquisa encontra-se devidamente registrado na PROPP/UFU e foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia, que emitiu parecer favorável à realização da investigação. Da mesma forma, a pesquisa está registrada na Plataforma Brasil e minha participação se dá na função de pesquisadora colaboradora, juntamente com a Prof^ª. Dra. Albertina Mitjans Martínez.

Reconhecida por sua vasta experiência como pesquisadora, orientadora e teórica, por quem tenho grande respeito e admiração, a referida professora é psicóloga de formação e há algumas décadas tem enriquecido de forma significativa as produções científicas na Área de Psicologia Escolar e Educacional, as quais se tornaram referência em minha trajetória profissional.

²¹ As bolsistas participantes do Projeto mencionado são: Daniele Cristina Vilela Rosa (PBG/2015); Andressa Dias Correia (PBG/ 2016; 2017); Mariah Costa Bonatti (PBG/2018), todas com carga horária de 20h/semanais. Em 2019, em função de cortes orçamentários destinados a graduandos bolsistas, contei com a participação de duas estagiárias cadastradas em Projeto de Extensão sem bolsa, a saber, Ana Cecília Ferreira de Lima e Gabriela Trevisan Pizarro, com carga horária de 8h/ semanais.

Por estarem relacionados à pesquisa supracitada, aproveito a oportunidade para apontar os projetos de extensão “Acompanhamento das possibilidades de aplicabilidade do Projeto Diário de Ideias: linhas de experiências em escola da rede municipal de ensino de Uberlândia” e “O processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental: linhas de experiências”, realizados em 2019. As ações realizadas nesses projetos trouxeram-me ricas oportunidades de contato com professores da rede municipal e com crianças que têm expressado suas potencialidades e criatividade por meio do Diário de Ideias, criado pela Prof^a Luciana Muniz, vencedora do Prêmio Professores do Brasil, no ano de 2018, com o trabalho intitulado: “Diário de ideias: linhas de experiências”.

Certamente, ser membro participante desses projetos e em outros que virão a partir deles, trouxe e trará grandes contribuições à minha formação como pessoa e profissional. Em 2020 iniciei minha participação juntamente com a Prof^a Vaneide Dornellas, ambas na função de coordenadora colaboradora no Programa Diário de Ideias, proposta institucionalizada na UFU, vinculada ao grupo de estudos e pesquisa *criatividade, aprendizagem e subjetividade*, cuja coordenação geral está sob responsabilidade da professora Dra. Luciana Soares Muniz.

Além disso, a parceria na Eseba estreitou laços de amizade que nos fortalecem a cada dia. Registro aqui meus agradecimentos e carinho pelas professoras Luciana Muniz e Vaneide Dornellas, minhas companheiras nessa trajetória.



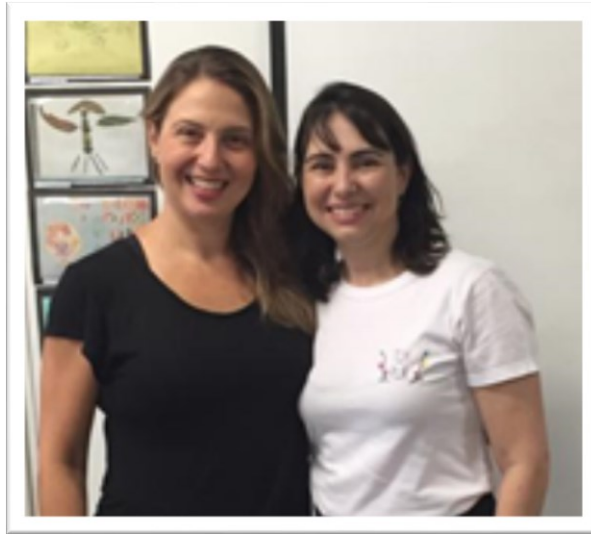
Acima, à esquerda, eu – Lucianna Ribeiro, à direita, Vaneide Dornellas e ao centro Luciana Muniz, no evento “Chá de Ideias”, encontro convite destinado aos diretores de escolas municipais para participação no Programa Diário de Ideias, realizado no CEMEPE, em 2019.

Além da pesquisa citada anteriormente, os anos de 2015 a 2019 foram fecundos em produção científica. Particpei de diversos eventos na Área de Psicologia Escolar e Educacional e na Área de Educação, tanto com apresentação de trabalhos em várias modalidades, quanto com publicações de resumos, resumos expandidos, trabalhos completos e também como membro de comissão científica.

Destaco, ainda, a publicação de dois capítulos de livros como autora e coautora (LIMA; LESSA; SOUZA, 2016; LIMA; SOUSA; SOUZA, 2016) atividade essencial para reflexão teórica e disseminação das ações que envolvem a atuação do docente de psicologia escolar em um Colégio de Aplicação. Nesse sentido, torna-se oportuno evidenciar a publicação do livro “Temas em Psicologia na Educação Básica” organizado pelos docentes de psicologia escolar Cláudia Silva de Souza, Liliane dos Guimarães Alvim Nunes e Klênio Antônio de Sousa e do livro “Projeto Acolher - família e escola refletindo sobre temas do desenvolvimento infantil”, organizado pelas professoras Liliane dos Guimarães Alvim Nunes e Analúcia de Moraes Vieira. Ambos são resultantes de projetos de extensão propostos pela Área de Psicologia Escolar da Eseba/UFU.

Gostaria de destacar minha participação como membro da comissão científica do V Encontro Mineiro de Psicologia Escolar e Educacional: interfaces com áreas afins, em 2016, na cidade de Uberaba, MG. Atuei também como coordenadora do Grupo de Trabalho “Aprendizagem da leitura e da escrita, subjetividade e criatividade”, ao lado da professora Luciana Soares Muniz, no I Seminário Regional de Educação Básica: Ensino-Pesquisa-Políticas Públicas, promovido pela Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, realizado no período de 25/10/2017 a 28/10/2017.

O evento acima mencionado reuniu pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento e culminou na publicação do livro “Educação básica: ensino-pesquisa-políticas públicas”, organizado pelos docentes Prof. André Duarte e Prof^a Clarice Carolina Ortiz, lançado em 2019. Particpei como coautora de dois capítulos, a saber: “Aprendizagem da leitura e da escrita: subjetividade e criatividade” (MUNIZ; LIMA, 2019) e “Educação Inclusiva e diversidade: experiências, desafios e avanços no processo de escolarização” (DIAS et. al., 2019).



Na foto acima, à esquerda, eu – Lucianna e à direita Prof^a Luciana Muniz, em mais uma parceria no I Seminário Regional de Educação Básica, na Eseba, em 2017.

Outras atividades de pesquisa foram realizadas ao longo desse período e poderão ser encontradas nos documentos comprobatórios, registrados no Sistema Eletrônico de Informação da UFU (SEI/UFU). Abaixo, algumas fotos de participação em eventos.



Da direita para a esquerda, eu – Lucianna, Liliane, prof^a. Silvia Maria e prof^a Viviane Buiatti, parceiras da Psicologia Escolar, no XIII CONPE, em setembro de 2017, Salvador, BA.



Da esquerda para a direita, eu – Lucianna, Larissa (ccordenadora de turno), Fernanda (assistente social), Liliane (psicologia escolar) e Lavine (educação especial), na Audiência Pública sobre efetivação do AEE às crianças e adolescentes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, em abril de 2019, na PMU.

4.3. Atividades de Extensão

As atividades de extensão realizadas nesse período estiveram principalmente relacionadas às ações do “Projeto Incluir: saberes e práticas inclusivas a Educação Básica”, em que atuei como coordenadora no ano de 2017. Conforme apresentado no item 2.4.2 do texto, trata-se de um projeto em que há participação de todos os docentes das Áreas de Psicologia Escolar e Educação Especial, cuja coordenação é alternada entre os mesmos.

No ano de 2015, realizamos o I Encontro Interunidades, uma parceria entre a Eseba e o Instituto de Psicologia da UFU. O evento ocorreu na Eseba, aberto à participação de estudantes e profissionais externos e contou com a presença da Prof^ª. Maria José Ribeiro, que ministrou a palestra “Teoria do Amadurecimento emocional da criança segundo Winnicott” e com a Prof^ª Viviane Prado Buiatti, que proferiu a palestra “A inclusão e o processo de escolarização de alunos com transtorno global do desenvolvimento”. Atuei como coordenadora e mediadora dessa atividade envolvendo toda a equipe escolar da Eseba e outros participantes, em torno da temática Educação Inclusiva.

Durante os anos de 2016 e 2017 demos continuidade às atividades do Projeto Incluir, que se destinaram ao trabalho com as crianças da Eseba, diálogos com profissionais da comunidade que as acompanham e atividades de formação docente.

No ano de 2018 ministrei as palestras: “Demandas educacionais, trabalho docente e o processo de inclusão escolar”, “Discussão de casos e encaminhamentos coletivos e interdisciplinares para a inclusão escolar” e “Ei, você, preste atenção! Vamos trocar

medicação por afeto, diálogo e brincadeira?”, mesa-redonda composta por mim, pela Prof^a. Phd. Analúcia de Moraes Vieira e pelo Prof. Me. Diogo Gomes Novaes.

No tópico 8.2. outras atividades referentes à minha participação em ações extensionistas foram apresentadas.

A foto abaixo registra um momento de confraternização, ao final do ano de 2019, com os colegas das Áreas de Psicologia Escolar e Educação Especial da Eseba/UFU, equipe proponente do Projeto Incluir.



4.4. Outras atividades

Além de todas as atividades descritas nos tópicos anteriores, participei de forma efetiva como membro de comissão de avaliação de desempenho de professores da Eseba, membro de Comissão de Processo Seletivo Simplificado para Contratação de Professores Substitutos para as Áreas de Psicologia Escolar (2016) e Educação Especial (2017) e membro de Comissão Avaliadora de Concurso Público de Provas e Títulos para Professor da Carreira de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU, Edital n^o. 003/2016, para a Área de Educação Infantil/Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nas Atividades de Representatividade, nos anos de 2015 e 2016 fui membro da Comissão do Projeto Político Pedagógico da Eseba/UFU e desde o ano de 2016 tornei-me integrante da Comissão de Qualidade de Vida no Trabalho.

O propósito inicial da Comissão de Qualidade de Vida foi criar um programa simples, de encorajamento e apoio a estilos de vida que promovam saúde e bem estar entre toda a equipe da Eseba. A ideia central do projeto é promover um espaço de interatividade dentro do local de trabalho, em que as pessoas possam se encontrar, parar por alguns minutos, dialogar, rir, trocar ideias, expressar sentimentos, enfim, sentir-se bem. Os encontros acontecem uma vez por mês e nomeamos esse momento tão esperado de “Café com Abraços”. Eles reúnem professores, técnicos e funcionários terceirizados de todas áreas e setores da escola para

comemoração de aniversários, aposentadorias, conclusões de curso, chás de bebês, casamentos, recepção aos novos colegas, homenagens aos que estão deixando a escola ou por outras conquistas. Além disso, os encontros são marcados por revelações de talentos dos profissionais da escola como: musical e outras habilidades artísticas, dotes culinários e outros.

Participar dessa comissão me traz grande alegria, pois é muito gratificante pertencer a um grupo que valoriza e reconhece a dimensão humana de todas as ações profissionais realizadas por cada pessoa que compõe a nossa escola. A idealizadora deste projeto Divina Célia Pereira da Mata, aposentou recentemente e merece todo reconhecimento por concretizar iniciativas como esta.



A foto acima revela alguns membros participantes da Comissão de Qualidade de Vida, sempre aberta a novos integrantes. Da direita para a esquerda, eu – Lucianna, Willian, Fernanda, Ariane, Divina, Cláudia e Klênio, em 2019



Acima a Comissão de Qualidade de Vida, com a presença do Diretor André Sabino, sempre apoiador de nossas iniciativas. Na sequência, à minha direita, Vaneide, Fernanda Quaresma, Cláudia e André. Abaixo, Willian, Fernanda Magalhães e Divina.

As integrantes da Comissão de Qualidade de Vida: Beloní, Tabiane e Gabriela Ribeiro, não se encontram nas fotos, mas sempre colaboraram e trouxeram importantes contribuições.

Esse clima de aproximação e acolhimento também pôde ser vivenciado nas atividades formativas envolvendo famílias. A seguir apresento fotos de alguns encontros em que participei na condução das propostas, ao lado de outros colegas.



Oficina com famílias - Colcha de Retalhos: criatividade na leitura e na escrita”, nov/2018.



Na foto acima, ao centro, minha querida sobrinha Maria Eduarda Matos, graduanda de psicologia na UFU e estagiária do Projeto Diário de Ideias: linhas de experiências. Nas laterais, à esquerda, eu – Lucianna e à direita, Luciana Muniz. Oficina com famílias, 2019.

5. O que as Resoluções revelam? Em busca da legitimação das Atividades no Ensino do docente em psicologia escolar na Eseba/UFU.

A escolha pela inserção de mais essa seção como um dos tópicos finais do presente Memorial não foi ao acaso. Internamente, estava imbuída de um compromisso particular que era apresentar minhas trajetórias nesse percurso tão enriquecedor como docente de psicologia escolar da Eseba, o que espero ter alcançado. Minha hipótese foi que, após dar visibilidade ao conjunto dessas ações, eu poderia passar à apresentação da análise seguinte, já que após conhecerem de forma mais próxima o caminho por mim percorrido, os leitores estariam munidos de elementos para compreender o que eu havia anunciado na Introdução do texto e que estará mais claro a partir de agora.

Ao me debruçar sobre as Resoluções para Promoção/Progressão na Carreira de Ensino Básico do Pessoal Docente da UFU, utilizadas em todo o período de 2005 a 2019, localizei a Resolução n. 01/2004, do Conselho Diretor, assinada pelo então Reitor Prof. Arquimedes Diógenes Ciloni em 19 de janeiro de 2004. Na análise do documento fui surpreendida com a identificação de vários itens que contemplavam situações específicas dos docentes da Educação Básica.

As *Atividades de Ensino* incluíam *Aula Teórica ou Prática, Atividades Didáticas e Orientação*. Um dos tópicos que mais me chamou à atenção foi o 1.2 – ATIVIDADES DIDÁTICAS, que contemplava as seguintes atividades:

Item 04: Plantão, Recuperação Paralela, Dependência, Aula de Informática, Treinamento Esportivo, Recreio Orientado, Oficina Lúdico-Pedagógica e Oficina Psicopedagógica, Grupo de Vivência e Ateliê de Aprendizagem (Professor – 40 h ou DE). (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2004).

Como pode ser verificado na citação do item 04 da Resolução n. 01/2004 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2004), as atividades Oficinas, Grupos de Vivência e Ateliê de Aprendizagem eram reconhecidas pelo documento oficial e contabilizadas nas Atividades de Ensino, para fins de progressão de docentes que atuavam na Eseba, provavelmente no antigo SEAPE, uma vez que desenvolviam tais atividades e estas eram registradas em diários de classe.

Contudo, na Resolução n° 10/2005 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2005), que estabelece normas para avaliação do Estágio Probatório dos integrantes da Carreira do Magistério, o primeiro documento que utilizei para minha avaliação

de desempenho, o item 04 da Resolução n. 01/2004 não constava mais no referido documento.

No Memorial de Período Probatório por mim elaborado e apresentado em 2007, conforme explicitiei anteriormente, reuni as principais informações que sintetizavam os avanços alcançados em dois anos de atuação em que estive à frente da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia e também como coordenadora do SEAPPS.

Durante esses quase quinze anos, solicitamos aos órgãos competentes que inserissem as atividades realizadas pelos docentes de psicologia escolar no documento de progressão, sobretudo nas Atividades de Ensino, de modo a explicitar formalmente as peculiaridades do trabalho desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFU, ou seja, especificidades que se referem ao trabalho de uma escola de educação básica vinculada à Educação Superior. Por meio de uma análise mais aprofundada, pode-se verificar que a maioria dos itens constantes nos roteiros para pontuação das Resoluções que regulamentam a avaliação de desempenho docente refere-se ao que é realizado no Ensino Superior, desconsiderando a diversidade de contextos educacionais e de atividades educativas inseridas nos diversos âmbitos da Universidade, como é o caso da Educação Básica. Tal situação foi modificada gradativamente à medida que os próprios diretores e docentes da Escola de Educação Básica reivindicaram a inserção de novos itens que contemplavam as atividades realizadas.

Essa condição imposta pelos documentos formais, os quais não abarcavam as ações desenvolvidas pelos docentes de psicologia escolar, sobretudo no Ensino, exigiu-nos esforços multiplicados no sentido de dar conta de todas as atividades que realizávamos no cotidiano da escola e, paralelamente, nos momentos que deveriam ser destinados a lazer e ao convívio familiar, nos desdobrávamos para cumprir atividades que viabilizassem nossa progressão na carreira, como as produções de trabalhos científicos para apresentações em eventos e publicações.

Em fevereiro de 2011, o então coordenador da Área de Psicologia Escolar, Prof. Klênio Antônio de Sousa, formalizou *nova solicitação* de pedido de inclusão de item no “Roteiro para pontuação das atividades para avaliação de desempenho dos docentes da UFU” ao representante da Eseba na Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD/UFU), Prof. Ms. Antomar Araújo:

Tendo em vista que os docentes da Área de Psicologia Escolar/Psicopedagogia e Educação Especial, da Carreira de Professor do Ensino Básico e Tecnológico, apesar de desenvolverem ações no ensino, na pesquisa e extensão, não têm sido pontuados no Anexo 1, Atividade de

Ensino (item 01 a 010) , no documento ROTEIRO PARA PONTUAÇÃO DE ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (referente à avaliação de desempenho e progressão), uma vez que as atividades do ensino previstas no relatório não contemplam as oficinas ministradas por essa área no ensino aos alunos da Educação Básica, solicitamos a inserção dos seguintes itens no documento supracitado:

Atividades de Ensino - Inserir após item 01

Oficina Psicoeducacional ministrada em modalidade de aula **para alunos da educação infantil, do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos da Escola de Educação Básica** da Universidade Federal de Uberlândia, aprovadas pelo Conselho da Unidade. (grifo nosso).

Atendimento Educacional Especializado oferecido em modalidade de aula para alunos da educação infantil, do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos que apresentam necessidades educacionais especiais em decorrência de quadro de deficiência da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, aprovadas pelo Conselho da Unidade. (ESEBA, ÁREA DE PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2011).

O Prof. Antomar Araújo representou-nos levando nossas sugestões e de outras áreas de conhecimento à CPPD/UFU. A partir das solicitações feitas pela Área de Psicologia Escolar/Educação Especial, a Resolução nº 04/2014 apresentou as seguintes inserções de itens no Anexo 1 do Roteiro para pontuação:

Atividades de Ensino

Item 2: Oficina Psicoeducacional ministrada em modalidade de aula **para alunos com deficiência** da Educação Básica, Profissional ou em cursos de graduação, aprovada pelo Conselho da Unidade. A comprovação será por cópia do diário de classe da oficina. (grifo nosso).

Item 3: Atendimento Educacional Especializado oferecido em modalidade de aula para alunos que apresentam necessidades especiais em decorrência de um quadro de deficiência e que estejam regularmente matriculados na Educação Básica, na Educação Profissional, em cursos de graduação ou pós-graduação *stricto e lato sensu* da UFU, aprovado pelo Conselho da Unidade. A comprovação será por cópia do diário de classe. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2005).

Pela leitura do trecho grifado na citação, pode-se verificar que o item 2, publicado na Resolução 04/2014, que pretendia descrever uma das ações específicas realizadas pelos docentes de psicologia escolar na Eseba/UFU, ao ser inserido no referido documento, foi alterado em sua escrita original sugerida pela Área de Psicologia Escolar o que comprometeu mais uma vez a inclusão de nossas ações no Ensino, uma vez que não realizávamos Oficinas Psicoeducacionais especificamente com os alunos público alvo da Educação Especial. A

maioria dos participantes dessa atividade era composta de estudantes com dificuldades no processo de escolarização, ou seja, com necessidades educacionais especiais não decorrentes de quadros de deficiência. Portanto, mesmo com todos os esforços investidos, ainda não fomos contemplados nas Atividades de Ensino no ano de 2014.

Contudo, ainda na Resolução nº 04/2014 tivemos a grata oportunidade de constatar uma de nossas solicitações descritas nas Atividades de Orientação e podemos apontar esse documento como um importante parâmetro do quanto um processo de mudanças efetivas se dá por meio de reivindicações, como resultado de conquistas gradativas e históricas. Sinalizo a importância de eu ter sido uma das protagonistas nessa trajetória, onde após nove anos de luta, pudemos ver nossas ações reconhecidas em um documento oficial da Universidade Federal de Uberlândia:

ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

Item 17: Orientação de alunos da Educação Básica e Profissional **realizada por docentes da área de psicologia escolar da Unidade Especial de Ensino**. Ex.: Atendimentos individuais ou em pequenos grupos, avaliações psicoeducacionais, intervenções em sala de aula. A comprovação deverá ser fornecida pela Direção da Unidade. (grifo nosso). (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2014).

Em relação à alteração definitiva da redação do Item 2 da Resolução nº 04/2014, de modo que atendessem à especificidade de uma de nossas ações no Ensino, conforme apontado anteriormente, pelo fato de se tratar de um processo burocrático e moroso, esta só se concretizou no documento seguinte, a Resolução nº 03/2017:

ATIVIDADES DE ENSINO

Item 2: **Oficina Psicoeducacional ministrada em modalidade de aula para alunos com deficiência e demais discentes da educação básica**, profissional ou em cursos de graduação, aprovada pelo Conselho da Unidade. (grifo nosso)

Obs.: Comprovação conforme especificações 1 e 2 do item 1.
(UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2017).

Portanto, foi somente a partir de minha Progressão na Carreira no ano de 2017 que obtive pela primeira vez pontuação referente às atividades de Ensino realizadas em 2016, ou seja, onze anos após meu ingresso à Eseba. O ano de 2016 culminou em uma série de

discussões no sentido da adoção de procedimentos tanto no interior da escola, quanto em outras instâncias da UFU. Foi um ano determinante no sentido de decisões coletivas quanto ao PPP da Eseba e mudanças no registro das atividades acadêmicas da escola, cujo sistema tornou-se unificado em toda a Universidade Federal de Uberlândia.

A migração das informações do antigo sistema da Eseba (Ischolar) ocorreu paulatinamente para o novo sistema da UFU. Primeiramente, foram criados diários referentes às atividades *Oficinas Psicoeducacionais* e, posteriormente, ao *Acompanhamento Psicoeducacional*. Esse registro formal se concretizou após várias reuniões entre os docentes de psicologia escolar, os diretores da Eseba/UFU em suas respectivas gestões (Prof^ª. Elizabet Rezende e Prof. André Sabino) e os responsáveis pela sistematização de tais procedimentos, na secretaria escolar e no Centro de Tecnologia da Informação da UFU (CTI UFU).

Outra iniciativa tomada pelos docentes de psicologia escolar foi a de reunir-se com responsáveis por órgãos pedagógico-administrativos na UFU para compartilhar a especificidade de nossa atuação como docentes de psicologia escolar, ou seja, como docentes e psicólogos escolares simultaneamente. Afinal, esse *lugar* diferente dos demais, nos bastidores, tão específico e pouco comum nas escolas de modo geral sempre me trouxe um incômodo enorme e um sentimento de não ser reconhecida pelo trabalho realizado e pelas contribuições dadas por mim e por meus colegas à Eseba.

Era recorrente eu e meus colegas usarmos (e usamos até o presente momento), nos momentos coletivos de exposição de nossa condição docente, a expressão de que buscávamos a “legitimação de nossas ações” como docentes da Área de Psicologia Escolar do Colégio de Aplicação, Escola de Educação Básica da UFU. Muitas vezes fomos questionados em relação ao que queríamos dizer com esse termo. O uso da expressão corresponde ao seu significado de forma ampla. Em consulta ao dicionário, localizei o significado de legitimar: “tornar legítimo; reconhecer por autêntico, verídico; validar”. O significado jurídico se refere a “estar apto para usufruir de certos direitos ou atos.” (LEGITIMAR..., 2020).

Pelo exposto, fica muito claro que minha busca e a de meus colegas, docentes de psicologia escolar da Eseba/UFU, foi e continua sendo a de que nossas práticas sejam reconhecidas e validadas em suas especificidades no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia, para que continuemos a usufruir de nossos direitos, como até agora o fizemos, sem que estejamos sujeitos a questionamentos de outrem sobre o mérito, valor ou importância de nossas ações.

Nesse sentido, afirmo no presente Memorial que minha trajetória se deu com extrema responsabilidade e compromisso com a Psicologia e com a Educação, com as crianças e

adolescentes que acompanhei de forma cuidadosa nos espaços educacionais onde atuei. Desde 2005 essa aliança se reafirmou na Eseba/UFU, com estudantes, familiares, gestores, docentes, técnicos, funcionários terceirizados, por meio das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão aqui apresentadas e, principalmente, pelo respeito que cultivo por cada pessoa com quem me relaciono.

6. Considerações Finais

A questão norteadora desta seção que me conduz às palavras finais do presente Memorial é *O que faço agora com o que esses fatos fizeram comigo?* (Passeggi, 2008).

Posso dizer que uma infinidade de sentimentos me invade nesse momento. De um lado, a satisfação por ser submetida à avaliação do último nível da Carreira EBTT a que pertenço, com plena convicção de que essa gama de experiências trouxe contribuições significativas à minha trajetória pessoal e profissional, mas também à Área de Psicologia Escolar e Educação Especial da Eseba/UFU, aos colegas e parceiros docentes que ingressaram na escola por meio de lutas das quais eu estive à frente, uma vez que fui a primeira integrante da equipe.

De forma mais ampla, acredito que a defesa desse lugar que assumi em 05 de agosto de 2005, como docente de psicologia escolar de um Colégio de Aplicação, propiciou-me oportunidades de construção de formas de atuação em psicologia escolar que não se encontravam descritas nas produções bibliográficas, uma vez que se trata de um campo profissional relativamente novo e de um *locus* educacional diferenciado quando comparado a outras escolas públicas.

Nesse sentido, as trajetórias construídas no período inicial de minha atuação na Eseba favoreceram a formação do arcabouço teórico-prático que me levou ao doutorado e à defesa da tese “Atuação do psicólogo escolar nos colégios de aplicação das universidades federais: práticas e desafios” (LIMA, 2015), amplamente reconhecida por seu ineditismo. A pesquisa possibilitou a outros docentes de psicologia escolar e a outros psicólogos escolares, tanto dos CAPs, quanto de outras instituições educacionais, conhecer os caminhos trilhados pela psicologia nessas escolas. Assim, possivelmente serviu como ponto de partida para o desenvolvimento de novas práticas e pode auxiliar na proposição de outras investigações nesse campo de conhecimentos.

No que se refere à legitimação de nossas ações nos documentos oficiais de progressão da carreira no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia ressalto que esta conquista, ainda em andamento, poderá servir como referência para outras universidades que possuem Colégios de Aplicação e, por sua vez, docentes de psicologia escolar ou psicólogos escolares em seu quadro de pessoal, o que tem sido uma realidade crescente.

As múltiplas aprendizagens agregadas nesse tempo tão fecundo, sobretudo as que experienciei no chão da escola, ao lado das crianças e adolescentes, com os familiares, com os professores em cada época, efetivos, substitutos, aposentados, com os gestores, com colegas

de várias funções técnicas essenciais ao funcionamento da escola e também com os inúmeros parceiros externos à instituição, transformaram-me em outra pessoa. Certamente eu não sou mais a mesma depois de viver todos esses fatos e encontros humanos.

Quanto aos próximos passos, acredito que também inaugurarei uma fase de longa duração na escola após alcançar o nível almejado de *Professora Titular*, o que não aconteceu anteriormente com os demais colegas, pois se tornaram Titulares em período próximo às respectivas aposentadorias. Portanto, aos quarenta e sete anos, dos quais aproximadamente trinta foram dedicados à Educação e à Psicologia, buscarei revitalizar energias, dar continuidade à minha atuação e encontrar novos sentidos para as trajetórias em permanente construção.

7. Referências

ANGELUCCI, C. B.; LINS, F. R. S. Pessoas significativamente diferentes e o direito à educação: uma relação atravessada pela queixa. In: SOUZA, B. P. (Org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 329 – 350.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

BRASIL. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

BRASIL. **Lei n. 12.772**, de 28 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12772.htm> Acesso em: 17 de dezembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Estabelece as diretrizes e normas gerais para o funcionamento dos Colégios de Aplicação vinculados às Universidades Federais. **Portaria n. 959**, de 27 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.lex.com.br/legis_24882671_PORTARIA_N_959_DE_27_DE_SETEMBRO_D_E_2013.aspx> Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Estabelece as diretrizes gerais para fins de promoção à Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior e Classe de Titular da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação. **Portaria n. 982**, de 03 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=12&data=07/10/2013>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília, agosto de 2005. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf> Acesso em: 20 de novembro de 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para atuação de psicólogos(os) na Educação Básica**. 1. ed. Brasília: CFP, 2013.

CORA CORALINA. **Ofertas de Aninha (Aos moços)**. 1997. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoearte.com/eu-sou-aquela-mulher-a-quem-o-tempo-muito-ensinou-cora-coralina/>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

DIAS, C. N. et. al. Educação Inclusiva e diversidade: experiências, desafios e avanços no processo de escolarização. In: DUARTE, A. L. B.; CAMARGO, C. C. O. de (Org.). **Educação básica: ensino-pesquisa-políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2019.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Parâmetros Curriculares da Eseba/UFU – PCE/2010**. Uberlândia, 2010. 326 p.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. ÁREA DE PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Solicitação de inclusão de itens no Roteiro para pontuação das atividades para avaliação de desempenho dos docentes da UFU**. Uberlândia, 2011.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Projeto Político-Pedagógico 2018 - 2019**, 2019. Disponível em: <http://www.eseba.ufu.br/sites/eseba.ufu.br/files/conteudo/page/eseba_projeto_politico_pedagogico_2019-12-12.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

GUZZO, R. S. L (Org.). **Psicologia Escolar: LDB e Educação Hoje**. Campinas: Alínea, 1999.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEGITIMAR. In: Dicio. Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/legitimar/>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

LIMA, L. R.; NUNES, L. dos G. A. Psicologia Escolar na Educação Básica: algumas contribuições para a formação docente. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 268-279, jul/ dez 2011. ISSN 2237-6917.

LIMA, L. R. **Atuação do psicólogo escolar nos colégios de aplicação das universidades federais: práticas e desafios**. 2015. 294f. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. MARQUES, T. C. S. Oficinas Psicoeducacionais espaços de atuação do psicólogo frente à queixa escolar. In: Encontro Mineiro de Psicologia Escolar e Educacional: Interfaces com Áreas Afins, 5, 2016, Universidade Federal do Triângulo Mineiro. **Anais do V Encontro Mineiro de Psicologia Escolar e Educacional: Interfaces com Áreas Afins**. Uberaba: Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 2016. p. 82.

_____. LESSA, P. V.; SOUZA, M. P. R. Psicologia Histórico Cultural: uma perspectiva para a prática de Psicólogos e professores na busca da superação das queixas escolares. In:

SOUZA, C. S. S.; NUNES, L. G. A.; SOUSA, K. A.(Org.). **Temas em Psicologia na Educação Básica**. 1. ed. Uberlândia: UFU, ESEBA, 2016, v. 1, p. 61-80.

_____. SOUSA, K. A.; SILVA, C. S. A psicologia escolar mediante os desafios nas relações família-escola. In: VIEIRA, A. L. M.; NUNES, L. G. A. (Org.). **Projeto Acolher - família e escola refletindo sobre temas do desenvolvimento infantil**. 1. ed. Uberlândia: Composer, 2016, v.1. p. 63-76.

MUNIZ, L. S.; LIMA, L. R. Aprendizagem da leitura e da escrita: subjetividade e criatividade. In: DUARTE, A. L. B.; CAMARGO, C. C. O. de (Org.). **Educação básica: ensino-pesquisa-políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2019. p. 137-149

MACHADO, A. M. **Crianças de classe especial: efeitos do encontro da saúde com a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. Avaliação psicológica na educação: mudanças necessárias. In: TANAMACHI, E. R.; ROCHA, M. L.; SOUZA, M. P. R. (Org.). **Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2000. p. 143-167.

MARTÍNEZ, A.M. O psicólogo na construção da proposta pedagógica da escola: áreas de atuação e desafios para a formação. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.) **Psicologia escolar: ética e competência na formação e atuação profissional**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

_____. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 169-177, jan./jun. 2009.

_____. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, 2010.

MEIRA, M. E. M. Psicologia Escolar: Pensamento Crítico e Práticas Profissionais. In: TANAMACHI, E. R.; ROCHA, M. L.; SOUZA, M. P. R. (Org.). **Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2000. p. 35-72.

_____. Construindo uma concepção crítica de psicologia escolar: contribuições da pedagogia histórico-crítica e da psicologia sócio-histórica. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Org.). **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 13-78.

_____. ANTUNES, M. A. M. (Org.). **Psicologia Escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MUNIZ, L. S.; LIMA, L. R. Aprendizagem da leitura e da escrita, subjetividade e criatividade. In: DUARTE, A. L. B.; CAMARGO, C. C. O. (Orgs.). **Educação Básica: ensino-pesquisa-políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2019. p. 137-150.

NUNES, L. G. A.; LIMA, L. R. Ações inclusivas da Psicologia Escolar em busca da superação da medicalização da infância e da patologização do aprender. In: SILVA, F. D. A.; SOUZA, V. A.; BUIATTI, V. P. (Org.). **Educação para todos: das políticas públicas ao cotidiano escolar**. Curitiba: CRV, 2017. p. 135-154.

PASSEGGI, M. C. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Org.). **(Auto) biografia: formação, territórios e saberes.** Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 103-131.

PATTO, M. H. S. **Psicologia e Ideologia.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

_____. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990.

ROBSON, A. S.; INFORSATO, E. C. Aula: o ato pedagógico em si. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 80-85.

SILVA, M. V.; LIMA, L. R. A participação da família na escola: contribuições à democratização da gestão. **Retratos da Escola,** Brasília, v.3, n.4, p. 239-252, jan./jun. 2009.

SOUZA, M. P. R. **Construindo a escola pública democrática: a luta diária de professores numa escola de primeiro e segundo graus.** 1991. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **A queixa escolar e a formação do psicólogo.** 1996. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Prontuários revelando os bastidores: do atendimento psicológico à queixa escolar. In: SOUZA, B. P. (Org.). **Orientação à queixa escolar** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 27-58.

TANAMACHI, E. R. Mediações teórico-práticas de uma visão crítica em psicologia escolar. In: TANAMACHI, E. R.; ROCHA, M. L.; SOUZA, M. P. R. (Org.). **Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (Brasil). **Resolução n. 01,** de 19 de janeiro de 2004, do Conselho Diretor, Uberlândia, 19 jan. 2004. Disponível em: <<http://www.reitoria.ufu.br/atasResolucoes.php>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (Brasil). **Resolução n. 10,** de 17 de junho de 2005, do Conselho Diretor, Uberlândia, 17 jun. 2005. Disponível em: <www.progep.ufu.br/proreh.ufu.br/files/resolucao-condir-10-2005>. Acesso em: 14 de janeiro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (Brasil). **Resolução n. 13,** de 14 de dezembro de 2007, do Conselho Diretor, Uberlândia, 14 dez. 2007. Disponível em: <www.progep.ufu.br/proreh.ufu.br/files/resolucao-condir-13-2007>. Acesso em: 16 de janeiro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (Brasil). **Resolução n.04,** de 11 de abril de 2014, do Conselho Diretor, Uberlândia, 11 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.progep.ufu.br/legislacao/resolucao-no-042014-condir-progressao-e-promocao-docente>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (Brasil). **Resolução n.03**, de 09 de junho de 2017, do Conselho Diretor, Uberlândia, 09 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.progep.ufu.br/legislacoes/resolucao-no-032017-condir-progressao-e-promocao-docente>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2020.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2.ed. 2004.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.